

# 2010

## Mestrado em Desporto

### A Comunicação do Treinador de Futebol em Competição

#### Análise Comparativa do Comportamento de Instrução em Treinadores de Jovens e Treinadores de Seniores

*Fernando Jorge Lourenço dos Santos*

Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de  
**Mestre em Desporto, Especialização em Treino Desportivo**

**Orientador:**

Professor Doutor José de Jesus  
Fernandes Rodrigues



**Escola Superior  
de Desporto  
de Rio Maior**

Instituto Politécnico  
de Santarém

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar quero fazer um grande agradecimento à minha esposa Paula Santos e ao meu filho Emanuel Santos, pelo apoio e ajuda prestada durante todo o mestrado. Quero também dedicar este trabalho a meu segundo filho Daniel Santos.

A Deus pela força que sempre me dá nos bons e maus momentos.

Não posso deixar de agradecer a ajuda preciosa do meu irmão Miguel Santos e do meu Pai Fernando Santos, na recolha dos dados.

Aos meus companheiros de luta e amigos Luís Morgado, Luís Lopes e Nuno Vicente, ao meu grande amigo Luís Dias e ao Nuno Presume pela preciosa ajuda que me deram.

Um grande agradecimento aos Clubes e Treinadores que permitiram a recolha dos dados para a minha tese, pois sem esta colaboração não teria sido possível fazer este estudo.

Ao Laboratório de Investigação em Desporto da Escola Superior de Desporto de Rio Maior por ter disponibilizado todo o equipamento necessário para a realização do estudo.

Gostaria também de agradecer a ajuda prestada, numa fase inicial da construção do meu estudo, pelo Professor Doutor David Catela.

Um especial agradecimento ao Professor Doutor José Rodrigues, pelo trabalho desenvolvido neste estudo e pela disponibilidade sempre demonstrada, e por ser um Professor marcante em todo meu percurso de formação académica.

## Índice

1. Resumo.....	1
2. Introdução.....	3
3. Enquadramento Teórico .....	6
3.1 Treinador de seniores e Treinador de jovens.....	6
3.2 O Processo de Comunicação .....	8
3.2.1 O Treinador como emissor de instrução .....	8
3.2.2 A recepção da instrução .....	10
3.3 A Relação Pedagógica em Competição .....	13
3.4 Durante a Competição.....	15
3.4.1 Direcção da Equipa.....	15
3.4.2 Características da Instrução.....	18
3.5 Momentos de Instrução em Competição do nosso Estudo.....	20
3.5.1 Durante as substituições.....	20
3.5.2 Durante o jogo .....	21
3.6 Síntese de Estudos .....	25
4. Apresentação do Problema.....	27
4.1 Objectivos.....	27
4.2 Hipóteses .....	31
4.3 Desenho Experimental .....	34
4.4 Variáveis do Estudo .....	34
5. Metodologia.....	36
5.1 Perfil da Amostra.....	36
5.2 Procedimentos .....	37
5.2.1 Procedimentos prévios .....	37
5.2.2 Procedimentos metodológicos para a recolha de dados.....	37

---

5.3	Instrumento.....	38
5.3.1	Protocolo .....	38
5.3.2	Registo das observações.....	42
5.3.3	Validade do Sistema .....	43
5.3.4	Fidelidade do sistema.....	44
5.4	Tratamento Estatístico.....	49
5.5	Limitações do Estudo.....	49
6.	Apresentação e discussão dos Resultados.....	51
6.1	Treinadores de Jovens .....	51
6.1.1	Quantidade de Instrução.....	51
6.1.2	Dimensão Objectivo .....	52
6.1.3	Dimensão Forma.....	55
6.1.4	Dimensão Direcção.....	58
6.1.5	Dimensão Conteúdo.....	60
6.1.6	Dimensão Atenção .....	65
6.1.7	Dimensão Comportamento Motor Reactivo .....	67
6.2	Treinadores de Seniores .....	71
6.2.1	Quantidade de Instrução.....	71
6.2.2	Dimensão Objectivo .....	71
6.2.3	Dimensão Forma.....	74
6.2.4	Dimensão Direcção.....	75
6.2.5	Dimensão Conteúdo.....	78
6.2.6	Dimensão Atenção .....	83
6.2.7	Dimensão Comportamento Motor Reactivo .....	85
6.3	Análise Comparativa entre Treinadores de Jovens e Treinadores de Seniores	88
7.	Conclusões .....	98
8.	Recomendações .....	100

---

9. Bibliografia.....	101
10. Anexos .....	105
10.1 Anexo 1 – Sistema de Análise da Instrução em Competição para o Futebol.	105
10.2 Anexo 2 – Ficha de Caracterização da Amostra.....	115
10.3 Anexo 3 – Consentimento Informado 1 .....	116
10.4 Anexos 4 – Consentimento Informado 2 .....	117
10.5 Anexo 5 – Tratamento Estatístico.....	118

## Índice de Tabelas

Tabela 1 – Caracterização da Amostra .....	36
Tabela 2 – Sistema de Análise da Instrução em Competição para o Futebol – SAIC Futebol (Santos, 2003) .....	39
Tabela 3 – Dimensões Atenção/Comportamento Motor Reactivo .....	39
Tabela 4 – Fidelidade Inter-Observadores .....	46
Tabela 5 – Fidelidade Intra-Observador 1.....	47
Tabela 6 – Fidelidade Intra-Observador 2.....	49
Tabela 7 – Quantidade de Instrução dos Treinadores de Jovens durante a Competição	52
Tabela 8 – Dimensão Objectivo da Instrução durante a Competição .....	53
Tabela 9 – Dimensão Forma da Instrução durante a Competição .....	55
Tabela 10 – Dimensão Direcção da Instrução durante a Competição .....	58
Tabela 11 – Dimensão Conteúdo da Instrução durante a Competição .....	61
Tabela 12 – Dimensão Atenção da Instrução durante a Competição .....	66
Tabela 13 – Dimensão Comportamento Motor Reactivo da Instrução durante a Competição.....	68
Tabela 14 – Quantidade de Instrução Treinadores de Seniores durante a Competição ..	71
Tabela 15 – Dimensão Objectivo da Instrução durante a Competição .....	72
Tabela 16 – Dimensão Forma da Instrução durante a Competição .....	74
Tabela 17 – Dimensão Direcção da Instrução durante a Competição .....	76
Tabela 18 – Dimensão Conteúdo da Instrução durante a Competição .....	79
Tabela 19 – Dimensão Atenção da Instrução durante a Competição .....	83
Tabela 20 – Dimensão Comportamento Motor Reactivo da Instrução durante a Competição.....	85
Tabela 21 – Comparação entre os Treinadores de Jovens e Treinadores de Seniores relativamente à Quantidade de Instrução durante a Competição .....	88
Tabela 22 – Comparação entre os Treinadores de Jovens e Treinadores de Seniores relativamente à Dimensão Objectivo da Instrução durante a Competição .....	89
Tabela 23 – Comparação entre os Treinadores de Jovens e Treinadores de Seniores relativamente à Dimensão Forma da Instrução durante a Competição.....	89
Tabela 24 – Comparação entre os Treinadores de Jovens e Treinadores de Seniores relativamente à Dimensão Direcção da Instrução durante a Competição .....	90

Tabela 25 – Comparação entre os Treinadores de Jovens e Treinadores de Seniores relativamente à Dimensão Conteúdo (Técnica) da Instrução durante a Competição .....	91
Tabela 26 – Comparação entre os Treinadores de Jovens e Treinadores de Seniores relativamente à Dimensão Conteúdo (Tático) da Instrução durante a Competição.....	92
Tabela 27 – Comparação entre os Treinadores de Jovens e Treinadores de Seniores relativamente à Dimensão Conteúdo (Psicológico) da Instrução durante a competição	93
Tabela 28 – Comparação entre os Treinadores de Jovens e Treinadores de Seniores relativamente à Dimensão Conteúdo (Físico) da Instrução durante a competição.....	94
Tabela 29 – Comparação entre os Treinadores de Jovens e Treinadores de Seniores relativamente à Dimensão Conteúdo da Instrução durante a Competição.....	94
Tabela 30 – Comparação entre os Treinadores de Jovens e Treinadores de Seniores relativamente à Dimensão Atenção da Instrução durante a Competição .....	95
Tabela 31 – Comparação entre os Treinadores de Jovens e Treinadores de Seniores relativamente à Dimensão Comportamento Motor Reactivo da Instrução durante a Competição.....	96

## Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Valores em % da Dimensão Objectivo da Instrução durante a Competição	53
Gráfico 2 – <i>Outliers</i> referentes à Dimensão Objectivo da Instrução durante a Competição.....	54
Gráfico 3 – Valores em % da Dimensão Forma da Instrução durante a Competição ....	56
Gráfico 4 – <i>Outliers</i> referentes à Dimensão Forma da Instrução durante a Competição	57
Gráfico 5 – Valores em % da Dimensão Direcção da Instrução durante a Competição	59
Gráfico 6 – <i>Outliers</i> referentes à Dimensão Direcção da Instrução durante a Competição .....	60
Gráfico 7 – Valores em % da Dimensão Conteúdo da Instrução durante a Competição	62
Gráfico 8 – Valores em % das Categorias/Subcategorias da Dimensão Conteúdo durante a Competição .....	63
Gráfico 9 – <i>Outliers</i> referentes à Dimensão Conteúdo da Instrução durante a Competição.....	65
Gráfico 10 – Valores em % da Dimensão Atenção durante a Competição .....	66
Gráfico 11 – <i>Outliers</i> referentes à Dimensão Atenção durante a Competição.....	67
Gráfico 12 – Valores em % da Dimensão Comportamento Motor Reactivo durante a Competição.....	69
Gráfico 13 – <i>Outliers</i> referentes à Dimensão Comportamento Motor Reactivo durante a Competição.....	70
Gráfico 14 – Valores em % da Dimensão Objectivo durante a Competição .....	72
Gráfico 15 – <i>Outliers</i> referentes à Dimensão Objectivo durante a Competição .....	73
Gráfico 16 – Valores em % da Dimensão Forma durante a Competição .....	74
Gráfico 17 – <i>Outliers</i> referentes à Dimensão Forma durante a Competição .....	75
Gráfico 18 – Valores em % da Dimensão Direcção durante a Competição .....	76
Gráfico 19 – <i>Outliers</i> referentes à Dimensão Direcção durante a Competição .....	78
Gráfico 20 – Valores em % da Dimensão Conteúdo durante a Competição .....	80
Gráfico 21 – Valores em % das Categorias/Subcategorias da Dimensão Conteúdo durante a Competição.....	81
Gráfico 22 – <i>Outliers</i> referentes à Dimensão Conteúdo durante a Competição .....	82
Gráfico 23 – Valores em % da Dimensão Atenção durante a Competição .....	84
Gráfico 24 – <i>Outliers</i> referentes à Dimensão Atenção durante a Competição.....	84

Gráfico 25 – Valores em % da Dimensão Comportamento Motor Reactivo durante a Competição.....	86
Gráfico 26 – <i>Outliers</i> referentes à Dimensão Comportamento Motor Reactivo durante a Competição.....	87

## **Índice de Figuras**

Figura 1 – As diferentes fases que constituem o processo de comunicação (Castelo, 2002:76) .....	8
Figura 2 – Modelo de Análise da Relação Pedagógica na Competição (Rodrigues, 1995b) .....	13

### Tabela de Abreviaturas

Avaliativo + (AV+) Avaliativo – (AV-) Descritivo (DES) Prescritivo (PRE) Interrogação (INT) Afectividade + (AF+) Afectividade – (AF-) Auditiva (AU) Visual (VIS) Auditiva-visual (AU-VIS) Atleta (ATL) Atleta Suplente (AS) Grupo (GRU): Grupo dos defesas (GD) Grupo dos médios (GM) Grupo dos avançados (GA) Grupo de suplentes (GS) Equipa (EQ) Técnica (TEC): Técnicas Ofensivas (TEOF) Técnicas Defensivas (TEDEF) Táctica (TAT): Sistema de Jogo (TASJ) Métodos de Jogo (TAMJ) Esquemas Tácticos (TAET) Princípios de Jogo (TAPJ) Funções/Missões (TAFUNC) Combinações (TACOMB) Eficácia Geral (TAEG) Psicológico (PSI): Ritmo de jogo (PRI) Confiança (PC) Pressão eficácia (PPE) Atenção (PAT) Concentração (PCO) Pressão combatividade (PPC) Resistências às adversidades (PRA) Responsabilidade (PRE)	Físico (FIS): Resistência (FRES) Velocidade de execução (FVEX) Velocidade de deslocamento (FVDES) Velocidade de reacção (FVREA) Força (FFO) Aquecimento (FAQ) Equipa Adversária (EQ ADV) Equipa de Arbitragem (EQ ARB) Sem conteúdo (S/C) Indeterminado (IND) Atento (AT) Atenção Atleta (ATATL) Atenção Atleta Suplente (ATAS) Atenção Grupo (ATGR) Atenção Equipa (ATEQ) Desatento (DAT) Desatenção Atleta (DATATL) Desatenção Atleta Suplente (DATAS) Desatenção Grupo (DATGR) Desatenção Equipa (DATEQ) Modifica o comportamento Positivamente (MC+) Modifica o comportamento Negativamente (MC-) Não modifica o comportamento (NMC) Reforço positivo (RF+) Reforço Negativo (RF-) Unidade de Informação por minuto (UI/min.)
--	---

## 1. Resumo

A comunicação, em futebol, durante a competição é a forma que o treinador utiliza para transmitir informação com o objectivo de otimizar o rendimento dos jogadores. A eficácia desta actividade pedagógica está dependente dos comportamentos de instrução do treinador. Desta forma, e tendo em conta o modelo de análise da relação pedagógica em competição, este estudo pretende caracterizar e comparar os comportamentos de instrução dos treinadores de seniores e jovens, bem como verificar a atenção dos jogadores ao jogo, informação emitida e correspondente comportamento motor reactivo. Para isso foram filmados 10 treinadores (5 de jovens e 5 de seniores) em 19 jogos. As equipas pertencem a campeonato nacional de iniciados e juvenis e campeonato nacional da III e II divisão nacional de seniores. O sistema de observação para a recolha de dados relativos ao comportamento de instrução é o SAIC, tendo sido validado o instrumento para a Atenção e o Comportamento Motor Reactivo. Globalmente os resultados obtidos demonstram que existe diferenças entre os treinadores de jovens e seniores no que respeita ao comportamento de instrução. Também encontramos diferenças relativamente às categorias das dimensões atenção e comportamento motor reactivo.

***Palavras-chave:*** Observação, Comportamento, Futebol, Instrução

## Abstract

The communication in soccer during the competition is the way that the coach uses to give information in order to optimize the players' performance. The effectiveness of this educational activity is dependent on the coach behavior of instruction. Thus, taking into account the model of analysis of coaching behavior in competition, this study aims to characterize and compare the coach behavior of the instruction on adult athletes and young athletes, as well as verifying the Attention of the players to the game, and related information issued to the Motor Behavior Reactive. We filmed 10 football coaches (5 of young teams and 5 of adult teams) in nineteen games. The teams belong to the youth national championship and the national championship of Division II and III national. The observation system for the codification of the coach behavior is the SAIC, we validated the instrument for the Attention and Motor Behavior Reactive. Overall the

results show that differences exist between the youth and adult coaches in relation to the instruction. We also found differences in the categories dimension attention and Motor Behavior Reactive.

***Keywords:*** Observation, Behavior, Soccer, Instruccion

## 2. Introdução

O estudo que nos propomos realizar insere-se no âmbito da Pedagogia do Desporto, e pretende caracterizar e comparar a actividade pedagógica de direcção da equipa em competição em Treinadores de seniores e de jovens, e verificar qual a repercussão que tem nos jogadores e equipa.

Desta forma, queremos analisar não só o comportamento de instrução do treinador, como também a resposta dada pelos jogadores a esse aporte de informação, num momento de especial dificuldade, para uma das mais importantes actividades pedagógicas do treinador – direcção da equipa em competição.

O interesse por este objecto de estudo surge da experiência acumulada por alguns anos de treinador em categorias jovens e seniores, verificando que o comportamento de instrução durante a competição tem especial importância para a direcção eficaz da equipa em competição. A qualidade e quantidade óptima de informação (auditiva, visual e mista) têm efeitos no rendimento dos jogadores, sendo desta forma facilitada a direcção da equipa em competição. O domínio da metodologia do treino muitas vezes não chega para que se consiga atingir os objectivos que a equipa se propõe.

O treinador, independentemente da forma de liderar tem que ter a capacidade de comunicar para que consiga de uma forma eficaz fazer a gestão do grupo/equipa, conseguindo a motivação, auto-estima, auto-confiança necessárias para atingir os objectivos da equipa (Santos, 2003).

Autores, como Castelo (2002), (2003) e Lima (2000), reforçam esta ideia que a comunicação é importante na direcção dos jogadores e equipa.

*“A intervenção do treinador durante o jogo ou a condução da equipa na competição é, indiscutivelmente, uma componente muito importante para uma intervenção de sucesso ao mais alto nível de rendimento.”* (Lauder & Piltz, 1999:24)

A direcção da equipa em competição é, então, uma actividade desenvolvida pelo treinador que tem uma enorme importância para o sucesso da equipa, podendo alterar o rumo de um jogo. À capacidade de exercer esta actividade é dada grande relevância por parte da comunicação social, adeptos, dirigentes e jogadores.

Veja-se o que Vasco Uva, jogador português da Selecção Nacional de Râguebi refere relativamente ao seu treinador:

*“O Tomaz tem uma especial vocação para dizer as coisas certas no momento certo. É através das palavras que consegue tirar o melhor de cada um de nós”* (Morais, 2007:31)

É nesta perspectiva, que pretendemos verificar, quer em Treinadores seniores, quer em Treinadores jovens, que reflexo tem a intervenção do treinador na modificação da performance motora do jogador, grupo de jogadores e equipa. Será que os jogadores estão atentos à informação transmitida pelo treinador; que reacção tem?

Segundo Rodrigues (1997), a pesquisa no âmbito das decisões, estratégias e técnicas que o treinador utiliza em competição tem particular importância. O mesmo autor refere que existe ainda um reduzido número de estudos que se centram na actividade pedagógica do treinador, em contexto competitivo.

De acordo com o referido algumas questões podem ser levantadas e que tentaremos abordar neste estudo, tais com: Que instrução é fornecida aos jogadores em competição? São iguais nos Treinadores que trabalham num contexto sénior ou de jovens? Qual é atenção/comportamento motor reactivo dos jogadores à instrução fornecida?

A pertinência deste tipo de estudos é reforçada por diversos autores. Alves (1998) refere que é importante a observação do comportamento do treinador afim de contribuir para a orientação da intervenção dos Treinadores em competição, tendo em vista uma maior qualidade pedagógica.

Quintal (2000) sugere que se volte a fazer estudos no âmbito da intervenção do treinador em competição, com uma amostra maior e em diferentes contextos.

Segundo Santos (2003), existe a possibilidade da aplicação prática deste tipo de estudos, tendo em vista uma formação de Treinadores cada vez mais completa. O mesmo autor defende a análise do comportamento do treinador em diferentes níveis de competição e contextos, analisar a capacidade de recepção por parte dos jogadores da informação transmitida pelos Treinadores e que impacto tem no seu comportamento em competição.

Na nossa perspectiva são estes estudos que podem dar um contributo prático ao suporte teórico transmitido aos treinadores de futebol na sua formação académica e/ou profissional.

Desta forma, e tendo em conta o modelo de análise da relação pedagógica em competição, este estudo pretende caracterizar e comparar os comportamentos de instrução dos Treinadores de seniores e jovens, aquilatar a atenção dos jogadores à intervenção do treinador e que reacção promove no seu comportamento.

### 3. Enquadramento Teórico

#### 3.1 Treinador de seniores e Treinador de jovens

*Treinador é um técnico especializado na modalidade desportiva em que exerce a sua acção.*” (Castelo, Barreto, Alves, Mil-Homens, Carvalho & Vieira, 1996:629)

O treinador tem um estatuto de autoridade, que lhe é conferida, numa primeira instância por uma entidade superior – dirigente desportivo, e depois pelo exercício da sua actividade.

Segundo Castelo et al. (1996), o estatuto e função do treinador assumem quatro funções fundamentais:

- Técnico especializado de uma modalidade;
- Líder do processo pedagógico;
- Gestor de recursos humanos;
- Valorizar o desenvolvimento e formação da comunidade desportiva que conduz.

No entanto, o treinador deve exercer a sua função tendo em conta as características dos atletas e os objectivos do contexto em que está inserido.

Se ao nível do escalão sénior a avaliação do trabalho desenvolvido é muitas vezes baseado no rendimento da equipa, nos escalões de formação a noção de excelência tem de ir muito para além do perder e ganhar. Para Coté et al. (2007), o treinador excelente, é aquele que desenvolve as suas competências tendo em conta o contexto em que trabalha, pois para as diversas etapas de desenvolvimento existem exigências diferentes.

Esta ideia, e de acordo com Serpa (2003), deve fazer abandonar a noção que é frequentemente colocada em prática, de entregar as equipas de jovens aos Treinadores menos experientes e competentes. O mesmo autor, defende que a carreira de treinador ao nível das camadas jovens, deve ser acompanhada numa primeira fase por Treinadores mais experientes, aprofundada através de uma experiência reflectida e constante formação contínua.

*“As exigências específicas do trabalho com jovens distinguem-no do que é realizado com adultos e no alto rendimento”* (Serpa, 2003:82)

No entanto ao nível do treino de jovens, por vezes vemos ainda pais, Treinadores, dirigentes centrados na vitória e não na formação de jogadores, ficando esquecido o saber fazer, saber ser e saber estar.

Indo ao encontro do que foi referido, Nguyen (2005) refere que as crianças com treinadores com espírito desportivo, instrutivo e pouco punitivo têm baixos níveis de ansiedade, grandes níveis de diversão, de motivação intrínseca e alta auto-estima.

Smith e Smoll (1997) no seu programa de formação para a eficácia dos treinadores, defendem o princípio que existem diferenças entre o modelo de desporto profissional, em que a vitória e os ganhos financeiros assumem uma grande importância e o modelo de formação desportiva onde deve ser promovido um contexto positivo para as crianças e jovens, em que deve ser estimulado o esforço e aprendizagem, tendo em vista o divertimento, satisfação de pertencer a uma equipa, aquisição de novas competências desportivas, aumento da auto-estima e reduzir o medo de falhar.

Segundo Mesquita (2005), o treinador é responsável pela iniciação, orientação e especialização dos jogadores, sendo a sua intervenção importante na formação enquanto praticante e ser humano. A competição deve ser enquadrada num clima favorável para que os praticantes possam aplicar os conteúdos adquiridos no processo de treino, onde querer ganhar é legítimo, no entanto o jovem deve estar preparado para a derrota, encarando-a como uma demonstração de que é necessário corrigir para aperfeiçoar o que não está bem.

De acordo com o referido, podemos interrogar-nos se a forma de comunicar, dirigir, intervir por parte do treinador, tendo em conta as especificidades dos contextos do nosso estudo, são iguais?

Para Lima (2000), a intervenção do treinador é diferente nos dois contextos do nosso estudo (seniores/jovens).

Hotz (1999) refere que a intervenção do treinador deve ser adaptada à idade e ao nível de aprendizagem individual.

## 3.2 O Processo de Comunicação

### 3.2.1 O Treinador como emissor de instrução

Comunicação é o “*acto que o treinador utiliza para instruir, ou seja, para transmitir um conjunto de conhecimentos, ordens ou indicações.*” (Santos, 2003:34)

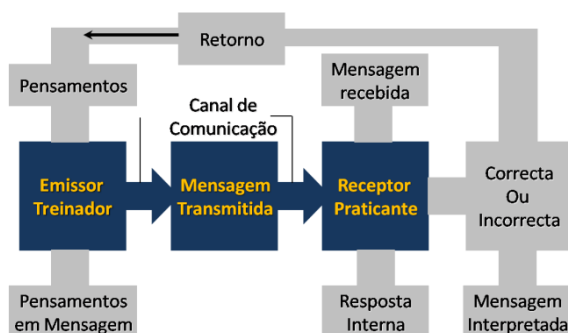
Os bons Treinadores se são de sucesso, diferenciam-se dos restantes devido à sua capacidade de comunicação (Hotz, 1999).

Richheimer e Rodrigues (2000) acrescentam que a “arte” de saber comunicar pode ter influência no rendimento do atleta de uma forma positiva ou negativa.

Para Cook (2001) a boa comunicação entre o treinador e o jogador é vital para o êxito da equipa.

Dias (1994) refere que a transmissão de informação em situação de jogo, é uma das competências mais importantes dos treinadores, tendo em conta que a intervenção do treinador pode ser crucial para o desfecho do jogo.

Segundo Castelo (2002), saber comunicar é a forma que o treinador desportivo tem para



**Figura 1 – As diferentes fases que constituem o processo de comunicação (Castelo, 2002:76)**

indicações acerca da execução de acções técnico-táticas, o que influencia o rendimento individual e da equipa (Pina & Rodrigues, 1994).

Bolchover e Brady (2008) referem que é essencial a comunicação clara das instruções. Os mesmos autores acrescentam que até as ideias mais complexas necessitam de ser transmitidas de uma forma sintética.

De acordo com o referido, um treinador pode saber tudo sobre metodologia, pode conhecer bastante sobre uma modalidade, pode ser exímio na observação do jogo, mas o êxito da sua actuação está dependente da comunicação estabelecida com os jogadores da sua equipa. Talvez por isso é que a intervenção do treinador em competição é tão apreciada por jogadores, dirigentes, adeptos e jornalistas.

A instrução, como técnica de intervenção pedagógica que visa comunicar informação, é de elevada importância na direcção de uma equipa de futebol. Desta forma, Cunha (1998) refere que as instruções devem ser dadas de forma positiva e decisiva, o treinador deve ter capacidade de tomar as decisões certas, exibindo calma e segurança.

Launder e Piltz (1999) referem que a condução eficiente da equipa durante uma competição é um elemento importante dado o impacto, positivo ou negativo, que pode ter mesmo para além daquele jogo.

Segundo Santos (2003), é importante que a comunicação em competição seja eficaz, para o treinador tendo em vista a conquista da sua liderança perante o grupo de trabalho e para o jogador obter a motivação, auto-confiança e a auto-estima necessárias a um óptimo rendimento. Independentemente do estilo de liderança, é importante o treinador dominar técnicas de comunicação para uma eficaz gestão do grupo/equipa.

Smith e Smoll (1997) elaboraram um programa de formação para a eficácia dos treinadores com o objectivo de estabelecerem linhas orientadoras para os comportamentos dos treinadores. Estas linhas orientadoras procuram promover uma relação treinador-atleta positiva, a coesão da equipa, reduzir a ansiedade competitiva e o medo de falhar (Cruz, Dias, Gomes, Alves, Sá, Viveiros, Almeida & Pinto, 2001).

Morais (2007) defende que a essência da motivação de todo o grupo de trabalho, tendo em vista o óptimo rendimento, tem por base a articulação do uso adequado dos estilos de liderança, o saber ouvir e a capacidade de elogiar e repreender com critério.

Segundo Mesquita (2005), a eficácia da comunicação depende de um conjunto de aspectos: desenvolver a capacidade de saber ouvir os jogadores, desenvolver a comunicação não verbal e desenvolver a comunicação verbal.

Apesar de Mesquita (2005) referir que nem sempre a melhor forma de comunicar com os jogadores é dizer-lhe o que pensa, mas através da instrução na sua forma não-verbal,

Santos (2003) no seu estudo verificou que a forma de comunicação mais utilizada é a verbal, seguida da verbal-não verbal (mista), e por ultimo a não-verbal.

O “*The Official US Youth Soccer Coaching Manual*” (Fleck, Quinn, Carr, Buren, & Stringfield, 2002) salienta que para um processo de comunicação adequado é necessário que a informação verbal e não-verbal (linguagem corporal e gestos) seja apropriada. O referido manual também defende a importância da linguagem utilizada pelos treinadores ser apropriada relativamente às palavras utilizadas, tom de voz, volume, ritmo e articulação.

Por outro lado, Lima (2000) e Pacheco (2005) acrescentam que a competência de saber transmitir passa pelo conhecimento sobre a modalidade e pela capacidade de comunicar com os jogadores.

Para Hotz (1999) os treinadores qualificados actuam com competência nos aspectos relacionados com a comunicação recorrendo a informações individuais adequadas, de maneira convincente, no momento oportuno e com o doseamento certo.

Sem dúvida nenhuma que as técnicas de comunicação são uma das áreas que o treinador da actualidade tem de dominar, pois irá facilitar a interacção com os seus jogadores, tornando-a eficaz, tendo em vista os resultados pretendidos.

### **3.2.2 A recepção da instrução**

Não são muitos os estudos que procuram avaliar o efeito da intervenção pedagógica do treinador, permitindo averiguar qual a reacção dos atletas à informação que lhe é transmitida. Pegaremos, então, em alguns estudos efectuados e conceitos defendidos por alguns autores relativos ao feedback, para a partir daí fazermos o *transfer* para o nosso objecto de estudo, que se centra na instrução emitida pelo treinador durante a competição e verificar a atenção dos atletas a essa intervenção, bem como o comportamento motor reactivo.

Desta forma podemos dizer que “*a intenção do feedback é de reforçar ou de modificar um comportamento.*” (Piéron, 1980:113)

Segundo Pieron e Devillers (1980), o feedback parece ser necessário para o contínuo desenvolvimento da performance.

De acordo com Rodrigues (1995a), a reacção do aluno ao feedback pode ser um indicador fundamental da sua eficácia.

Hanke e Fort (1995) citado por Graça (1998), num estudo com treinadores e atletas de nível nacional, encontraram uma acentuada incongruência entre detecção do erro principal do movimento e da sua correcção.

Hanke e Schmitt (1999) citado por Sequeira (2008), no seu estudo, em contexto de treino com dezassete treinadores de ginástica rítmica, sobre as razões e expectativas da emissão de feedback e a respectiva reacção dos atletas, verificaram valores baixos de concordância (34%-47%) entre a razão de emissão de um feedback por parte do treinador e o desejado por parte do atleta.

Mesquita, Rosado, Januário & Barroja (2008) realizaram um estudo sobre a instrução antes da competição, com 11 treinadores e 58 atletas de Judo, e verificaram que uma parte substancial da informação emitida não é retida por parte dos atletas e que não existe coerência entre o número de ideias relatadas pelos atletas e as transmitidas pelo treinador, tendo sido concluído que é importante a instrução ser concisa e específica.

Relativamente a esta questão, Graça (1998) refere que as dificuldades na recepção da informação transmitida pelo treinador não se relacionam somente com a quantidade de informação e com o facto de os atletas estarem mais ou menos atentos, mas também com o conhecimento anterior que o praticante possui. Este conhecimento que inclui as concepções erradas e os erros de execução, vai condicionar a recepção eficaz da nova informação.

Segundo Cook (2001) é fundamental a capacidade de comunicar eficazmente para que a relação treinador-atleta não seja confusa e conflituosa, promovendo um óptimo rendimento.

Para Lima (2000) os problemas tipo que ocorrem na comunicação situam-se na percepção que os receptores fazem da informação transmitida pelo treinador, na capacidade do treinador fornecer informação aos jogadores e equipa, tendo em vista o óptimo rendimento, compatibilizando os objectivos individuais e colectivos. Outro dos

problemas de comunicação referidos pelo mesmo autor, estão relacionados com a objectividade da intervenção do treinador.

De acordo com o referido, Cunha (1998) acrescenta que o jogador pode esquecer a informação recebida devido à perturbação da concentração, da atenção e à elevada exigência de processamento de informação proveniente do próprio jogo.

Hotz (1999) acrescenta que o treinador deve certificar se cada intervenção é realmente necessária, procurando verificar se é apenas apropriada ou se é também importante para o jogador que a recebe, se é perceptível para ser colocada em prática num determinado contexto e por último se deverá ser feita alguma correcção de acordo com o rendimento alcançado.

Em competição a eficácia das instruções fornecidas pelo treinador depende se os atletas conseguem reter e perceber a informação, levando a um melhor nível de performance. A capacidade de processar a informação por parte dos atletas pode ser afectada pelo nervosismo e ansiedade experimentadas em competição. Também a quantidade e natureza da informação transmitida pelo treinador são factores que afectam o nível de retenção e compreensão dos atletas (Mesquita et al., 2008).

Piéron (1980) realizou um estudo sobre o comportamento dos alunos depois da emissão de feedbacks durante as aulas de Educação Física e verificou existirem modificações apropriadas de comportamento, resultante da reacção a feedbacks verbais acompanhados de informação visual e de informação prescritiva.

Pierón e Delmelle (1982) efectuaram um estudo com 10 Professores do sexo masculino, tendo verificado que existe uma mudança da performance motora em resposta aos feedbacks fornecidos, tanto nas classes júnior (71,3%) como sénior (72,5%). O feedback prescritivo é aparentemente mais efectivo nas classes júnior (75%), enquanto que na classe sénior o feedback descritivo promoveu mais modificações da performance motora (75,3%).

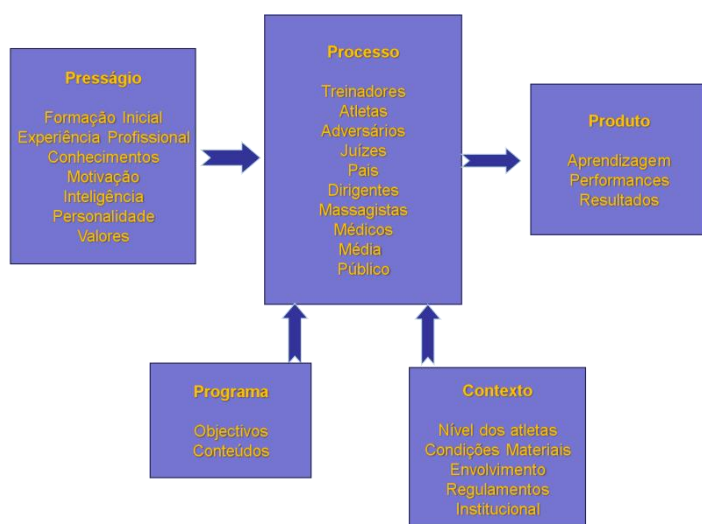
Rodrigues (1995a) no seu estudo sobre a função do feedback em professores profissionalizados e estagiários no ensino de Educação Física e Desporto, verificou que os alunos reagem praticamente da mesma maneira aos feedbacks fornecidos, parecendo atentos à informação transmitida, modificando o seu comportamento positivamente, ou seja, de acordo com a intervenção.

Richheimer e Rodrigues (2000) num estudo com treinadores de jovens (4 com formação em Educação Física e 4 sem formação em Educação Física), em contexto de treino, verificaram que os jogadores demonstraram estar quase sempre atentos (96,70% - 92,90%) e modificaram positivamente o comportamento após feedback (87,20% - 80,60%).

### 3.3 A Relação Pedagógica em Competição

Os comportamentos dos diversos intervenientes em competição são influenciados por diversas variáveis que são definidas por Rodrigues (1995b) no seu Modelo da Relação Pedagógica em Competição (figura 1). O referido modelo considera cinco tipos de variáveis a ter em conta para os estudos da relação pedagógica em competição: presságio, processo, contexto programa e produto.

As variáveis de presságio, embora sendo consideradas por alguns autores com influência diminuta no processo pedagógico, estão relacionadas com a formação inicial, formação contínua, experiência profissional acumulada, as características pessoais (motivação, inteligência, a personalidade, os valores, etc.). No entanto, de acordo com Rodrigues, Sarmento, Rosado, Leça-Veiga, Ferreira & Moreira (1999), tem de ser dado



**Figura 2 – Modelo de Análise da Relação Pedagógica na Competição (Rodrigues, 1995b)**

formação dos atletas.

outro tipo de atenção às variáveis de presságio, pois podem assumir outro peso se tivermos em linha de conta que a formação dos Treinadores está ainda longe de ser um processo global e criterioso, havendo a necessidade de verificar que impacto tem as diversas correntes de formação de Treinadores no processo de

As variáveis de processo dizem respeito aos comportamentos, decisões (pré-interactivas, interactivas e pós-interactivas) e interacções do treinador na competição, que podem caracterizar efectivamente o que se passa na competição. Essa ilustração passa pelos comportamentos, decisões e interacções estabelecidas pelos diversos intervenientes no contexto competitivo. Desta forma, as Decisões e/ou Comportamentos interactivos do treinador, acontecem durante o processo ensino-aprendizagem, quer em situação de treino, quer de competição (Moreno & Álvarez, 2004).

As variáveis de contexto estão ligadas ao envolvimento, às condições materiais, ao nível dos atletas (amador, profissional, idade, sexo, etc.) e regulamentos. Diversos autores que efectuaram estudos no âmbito do futebol (Quintal, 2000 e Santos, 2003), referem a importância de fazer mais trabalhos na mesma modalidade, afim de verificar se existe um perfil de instrução do treinador de futebol e em diversos contextos, com o intuito de verificar um perfil de instrução diferenciado.

Quanto às variáveis de programa, estas relacionam-se com os objectivos da equipa para a competição, que influenciam o comportamento do treinador. Desta forma, no nosso estudo para as variáveis de programa iremos considerar os objectivos que a equipa tem para uma determinada competição. O comportamento do treinador pode ser alterado tendo em conta as ocorrências do próprio jogo.

As variáveis de produto dizem respeito à aprendizagem, ao resultado e à performance da equipa. Apesar de haver algumas reservas no que diz respeito às performances e aos resultados nas competições, devem ser considerados para as variáveis de produto (Rodrigues et al., 1999). Os mesmos autores acrescentam que apesar de o resultado das competições não ser claramente uma variável de produto, é importante verificar quais os factores que o influenciam, no intuito de objectivar o sucesso desportivo e pedagógico.

### **3.4 Durante a Competição**

#### **3.4.1 Direcção da Equipa**

A competição constitui o momento onde são medidas forças e capacidades entre duas equipas em confronto, onde para além dos atletas, há a destacar o Treinador que assume o papel decisor na gestão, orientação e direcção da equipa (Ferreira, 1994).

Segundo Sarmiento, Leça-Veiga, Rosado e Ferreira (1993), a intervenção pedagógica do treinador, está relacionada com as decisões/comportamentos para a direcção da equipa envolvendo a utilização de diversas técnicas, tais como as técnicas de instrução, gestão, clima relacional e controlo disciplinar.

Pina e Rodrigues (1994) acrescentam que dirigir a equipa em competição é uma função importante do treinador, contribuindo para o seu sucesso a relação que se estabelece entre o treinador e o atleta.

Dirigir uma equipa, segundo Lima (2000) é um processo psicopedagógico de liderança e condução dos jogadores, tendo em conta as características, regulamentos da modalidade e personalidade dos jogadores visando obter os objectivos estabelecidos para a competição.

Castelo (2009) defende que dirigir a equipa durante a competição é uma das tarefas mais difíceis dentro das diferentes funções de treinador, no entanto das mais valorizadas por dirigentes de clubes, sócios, jogadores, meios de comunicação social, etc.

De acordo com Cunha (1998) e Castelo (2003), a direcção da equipa durante a competição tem dois objectivos:

- Orientação dos jogadores e equipa de acordo com a planificação táctica estabelecida para o jogo;
- Motivar os jogadores para a conquista dos objectivos pré-estabelecidos.

Castelo (2009), refere ainda que a direcção de uma equipa de futebol durante a competição, deve ter em atenção os seguintes aspectos:

- A predisposição dos jogadores para se deixarem dirigir;

- Utilização das medidas directivas apropriadas acompanhadas por meios apropriados;
- Ter em conta as necessidades individuais, mas procurando que elas se mantenham dentro das necessidades da equipa;
- Ouvir e observar, ambas pressupõem da parte do treinador predisposição e conhecimentos.

Segundo Cunha (1998) na direcção da equipa em competição o treinador deve tomar decisões certas, exhibir calma, segurança e optar por uma intervenção objectiva e positiva.

Launer e Piltz (1999) referem que a função de dirigir a equipa durante a competição permite que o treinador possa influenciar alguns jogos através de alterações na tática ou nos jogadores que participam. De acordo com os mesmos autores, a análise do jogo é então uma tarefa de grande importância, devendo o treinador demonstrar capacidade de observação, analisando a acção dos jogadores de ambas as equipas, percebendo o sistema de jogo da equipa adversária e missões táticas dos jogadores, verificando se a sua equipa está a cumprir a planificação estratégica, tirando partido das substituições e ao mesmo tempo deverá manter-se calmo afim de poder tomar as decisões mais eficazes.

Moreno e Alvarez (2004) referem que a direcção da equipa durante a competição depende do regulamento (futebol 11) e das características da modalidade.

De acordo com o referido, no futebol os treinadores podem intervir através da transmissão de informação aos jogadores durante o decorrer do jogo ou nos momentos de paragem do mesmo, respeitando o regulamento da competição ou através das substituições. O treinador de futebol 11, durante a competição, está no banco de suplentes e é daí que transmite informação, podendo fazê-lo de pé mas sempre dentro da área técnica. No futebol, tendo em conta as dimensões do campo, se existem jogadores perto do banco onde está o treinador, outros estão bastante distantes o que por vezes dificulta o processo de comunicação, logo a direcção da equipa. As condições climáticas (vento, etc.) podem também influenciar a transmissão de informação, tal como o número de público a ver o jogo (ruído).

Desta forma, Lima (2000) refere que é importante o treinador saber organizar a observação do jogo para ter eficácia na direcção e orientação da equipa.

Segundo Cunha (1998), é no processo de treino que o treinador deve preparar e desenvolver a intervenção durante a competição, com o objectivo de criar hábitos que permitam respostas rápidas e seguras dos jogadores.

Castelo (2009) acrescenta a necessidade do treinador estabelecer um “guia” ou “roteiro” sequencial e automatizado, que lhe permita retirar informações consideradas por ele mais pertinentes, para que estabeleça uma decisão rápida e segura.

De acordo com o referido Zeeb (1998) acrescenta que a competição requer do Treinador concentração total, decisões rápidas e eficazes, que devem reconhecer as debilidades da sua equipa e do adversário, ordenar a mudança de posições no sistema táctico e respectivas funções/missões tácticas, fornecer instruções de conteúdo táctico, estimular os jogadores, ter atenção aos jogadores lesionados e indicar o tempo de jogo.

Launder e Piltz (1999) apresentam algumas questões que os treinadores poderão fazer no decorrer do jogo, com o objectivo de facilitar a sua observação e análise:

- Estamos concentrados no jogo?
- Os adversários estão a fazer algo que não estávamos à espera?
- O plano de jogo está a ser cumprido?
- O jogo interior está a ser utilizado?
- Respondemos rapidamente às mudanças de posse de bola?
- Estamos a cumprir as nossas missões defensivas?
- Há ocupação rápida das posições de ataque. Existe apoio ao portador da bola?
- Quem está a definir o ritmo de jogo?
- Existe equilíbrio entre a posse de bola e as jogadas de ataque?
- Qual o adversário que mais desequilibra no ataque?
- Temos de nos reorganizar defensivamente?
- O adversário demonstra pontos fracos. Temos hipótese de explora-los?

A intervenção do treinador durante a competição deve ser preparada e desenvolvida ao longo do processo de treino. Este não é mais do que a criação de hábitos, pelo que também aí, podem ser trabalhados os meios que proporcionam respostas rápidas e seguras dos jogadores às indicações do treinador (Cunha, 1998).

A direcção da equipa durante a competição é importante para a optimização da actuação dos jogadores e da equipa, quer a nível da estabilização como da modificação do comportamento dos jogadores, de acordo com o contexto competitivo. Desta forma, um treinador não se deve concentrar em demasia na sua equipa, perdendo a possibilidade de reagir às acções da equipa adversária.

Devemos ainda acrescentar que os treinadores, tal como refere Herrera et al. (1989, 1996) citado por Moreno e Alvarez (2004) devem estar receptivos às indicações e observações dos seus colaboradores.

### **3.4.2 Características da Instrução**

A direcção da equipa em competição, é das tarefas mais importantes e ao mesmo tempo mais difíceis de executar por parte do treinador. A Instrução é uma *“técnica de intervenção pedagógica que visa comunicar informação, corrigir, avaliar positiva ou negativamente, demonstrar ou questionar o atleta de um determinado aspecto.”* (Santos, 2003:18)

A instrução do treinador em competição deve contribuir para um clima positivo, o que leva:

- A um maior empenho por parte dos jogadores e melhor interacção entre Treinadores e atleta (Cunha, 1998);
- A um aumento de confiança dos jogadores, o que se repercute numa melhor actuação de acordo com as suas possibilidades (Alves, 1998).

Isberg (1999) citado por Botelho, Mesquita e Moreno (2005) efectuou um estudo em futebol de alto nível, em competição, e concluiu que a comunicação da informação é eficaz sempre que se cumprem os seguintes requisitos:

- Que a mensagem seja audível;
- Que se indique o nome do receptor;
- Que o receptor possa interpretar a mensagem de forma apropriada.

Smith e Smoll (1997) no programa de formação para a eficácia dos treinadores defendem que os treinadores devem centrar a sua intervenção no reforço pelo esforço e pelo bom desempenho, encorajamento após o erro, instruções correctivas dadas de forma encorajadora e instruções técnicas relativas a aspectos técnicos e estratégicos da modalidade desportiva. Gomes, Dias e Cruz (1997), aplicaram este programa de formação durante a época competitiva a um treinador dos escalões de formação de Andebol e verificaram uma melhoria clara nos padrões de comportamento e na eficácia do processo de comunicação entre treinador e atleta, nomeadamente no aumento dos comportamentos de encorajamento, reforço, encorajamento após erro e diminuição de comportamentos de punição e instrução técnica punitiva.

Gomes e Cruz (2006) efectuaram quatro entrevistas a treinadores de alta competição e verificaram que estes, principalmente nas competições, valorizam as interacções positivas com os membros da equipa, privilegiando o reforço, os incentivos e reconhecimento pelo trabalho efectuado pelos jogadores.

Hotz (1999) acrescenta que os incitamentos orientados para a realização da tarefa durante a competição têm efeitos mais construtivos, devendo os treinadores ter mais tolerância para com os erros dos praticantes.

Cook (2001) refere que os treinadores devem ser claros e positivos, nunca desmoralizadores, derrotistas e imprecisos nas suas intervenções.

Segundo Mesquita (2005), o treinador em competição deve ser positivo, aceitar as decisões dos árbitros, concentrar-se no jogo para que possa fornecer instruções pertinentes de carácter formativo e positivo, centrando-se mais na prestação do atleta do que no resultado final do jogo.

Lima (2000) defende que a intervenção do treinador durante a competição é diferente nos jovens em comparação com os seniores. Nos jovens o comportamento do treinador é pedagógica, centrada na correcção das falhas técnico-táticas. Nos seniores a intervenção do treinador é predominantemente psicológica.

O mesmo autor defende que um comportamento de instrução deve ser objectivo e significativo para os jogadores, centrado no indivíduo e colectivo, no ajustamento do plano táctico-estratégico às características do adversário, para que possa surpreende-los

com acções individuais e colectivas, estimular os aspectos volitivos e valorizar os comportamentos dos jogadores.

### **3.5 Momentos de Instrução em Competição do nosso Estudo**

Os momentos a considerar, onde o treinador tem oportunidade de intervir durante a competição, são os seguintes:

- Antes da competição – 2 a 3 minutos que antecedem a competição;
- Durante a competição;
- Substituições;
- Intervalo;
- Depois do jogo.

No entanto, no nosso estudo só nos debruçamos sobre o comportamento de instrução durante a competição e substituições que acontecem durante a mesma.

#### **3.5.1 Durante as substituições**

As substituições podem ser consideradas o meio mais operacional e objectivo da intervenção do treinador, durante a competição, para modificar ou corrigir alguns aspectos do plano de jogo (Castelo, 2009).

Desta forma, e de acordo com o que refere Santos (2003) a substituição não é só escolher o jogador que irá entrar no jogo, mas também é uma oportunidade de fornecer informação de qualidade.

Lima (2000) refere que a substituição de jogadores, utilizada de uma forma eficaz, pode ser encarada com uma medida estratégica.

No futebol, para haver substituição tem de haver paragem no jogo, permitindo que o treinador emita informação não só para o jogador que vai entrar, como para o jogador que vai sair, mas também para um jogador individualmente, grupo de jogadores e/ou

equipa. Muitas vezes o treinador utiliza o jogador que entra no jogo para levar informação para os restantes jogadores.

Santos (2003) refere que o treinador deve preparar antecipadamente os jogadores para a eventualidade de entrarem no jogo, devido a uma substituição de razão tático-estratégico, impedimento físico ou incumprimento de funções/missões.

Moreno e Alvarez (2004) verificaram que após a aplicação do seu programa de formação a Treinadores de Voleibol, existe uma tendência para o incremento de informação tática e prescritiva.

### **3.5.2 Durante o jogo**

Castelo (2009) defende que a concretização dos objectivos na competição passam:

- Pelo resultado;
- Pelo bom rendimento dos jogadores e da equipa, reflectindo o trabalho efectuado na preparação da equipa;
- Pela direcção da equipa de uma forma eficaz, através do aporte de informação que define as linhas orientadores dos comportamentos tecnico-táticas dos jogadores.

O mesmo autor refere que a informação deve ser clara, concisa e objectiva; que as informações não devem ser constantes, pois os jogadores deixaram de ouvir.

As informações auditivas e visuais emitidas durante o jogo devem ser concisas e de fácil percepção para os jogadores, afim de não influenciarem negativamente a sua performance (Zeeb, 1998).

O comportamento do treinador em competição é preferencialmente de instrução feedback (Nunes, 1998) de observação silenciosa e emissão de informação de carácter afectivo positivo ((Lombardo, Faraone, & Pothier, 1983); (Nunes, 1998); (Alves, 1998)).

Lombardo et al. (1983) descreveram o comportamento de 38 treinadores de jovens de vários desportos e verificaram que 49,28% dos comportamentos observados são não-

interactivos (observação, sentados e atitude passiva), 34% das interacções com os atletas são positivas, 6,78% são interacções negativas e 30,04% da informação é direccionada ao atleta. Os mesmos autores verificaram que o comportamento dos treinadores, que durante o jogo estão em posição de vencedores é caracterizado por uma interacção com os seus jogadores verbal e não-verbal, neutral e negativa, enquanto que nos treinadores que se encontram a perder, os comportamentos observados são caracterizados por uma interacção verbal e não-verbal positiva.

Tal situação não foi verificado num estudo elaborado por Nguyen (2005) com treinadores de jovens de Basebol, tendo verificado que o comportamento do treinador modifica-se consoante a sua equipa está a ganhar, empatada ou a perder. O autor verificou que há efeitos no comportamento do treinador consoante a situação do resultado da competição ao nível da intervenção punitiva, aumenta com a derrota, e comportamentos desportivos, diminui com a derrota, não se verificando grandes diferenças na instrução geral técnica e instrução sobre erros técnicos.

Cloes, Delhaes & Piéron (1993) verificam que mais de um terço da instrução é centrada no apoio psicológico. A informação é preferencialmente direccionada para o indivíduo (50,3%), para equipa ou grupo (28,4%) e para suplentes (13,7%), tendo como objectivo incentivar (27,2%), elogiar (24,6%) organizar (10,1%), dar suporte psicológico (8,9%), criticar (7,6%), conselhos tácticos (7,5%) e conselhos técnicos (2,1%). A origem da informação é acções a realizar (29,1%), acções favoráveis (25,6%), acções desfavoráveis (15,1%) e acções tácticas do adversário (13,9%).

Hotz (1999) recomenda que o aporte de informação na competição seja de carácter afectivo e motivacional.

Ramirez e Diaz (2004) no seu estudo verificou que os Treinadores de iniciados e juvenis utilizam comparativamente mais informação motivacional positiva (12,23%) do que informação motivacional negativa (2,21%).

No entanto, Moreno e Alvarez (2004) defendem que o treinador deve emitir informação de conteúdo táctico individual, na competição, principalmente se os jogadores não estiverem no centro de jogo. A instrução de carácter táctico, dirigida ao colectivo deve ser feita nas alturas de paragem de jogo.

Outra questão que se coloca, relativamente à direcção da equipa durante a competição, é a quantidade de instrução que é transmitida.

Hotz (1999) refere que muita instrução fará com que os jogadores se desconcentrem, diminuindo a seu rendimento.

Quintal (2000) registou no seu estudo com treinadores do sector de formação 6,63 UI/min., tendo sido considerado excessivo. Da mesma forma, Santos (2003) registou com treinadores de seniores uma quantidade de informação de 4,7 UI/min.

Santos (2003) de acordo com a sua amostra, estabelece uma escala para a quantidade de informação emitida pelo treinador: pouca instrução (1 a 3 UI/min.), média de instrução (3 a 5 UI/min.) e muita instrução (5 a 10 UI/min.). Ramirez e Diaz (2004) encontraram em treinadores do sector de formação uma quantidade de informação de 4,2 UI/min.

Moreno e Alvarez (2004) dão algumas orientações para a actuação do treinador em competição, referindo que a informação dos treinadores deve ser preferencialmente táctica, individual, de carácter fortemente positivo e centrada na própria equipa e na equipa adversária.

Os mesmos autores verificaram que os treinadores que foram sujeitos a um programa de formação de instrução verbal tornaram esta mais positiva, prescritiva, individual, com uma maior referência ao adversário. O programa não permitiu que os treinadores aumentassem a informação de conteúdo táctico. Segundo os autores, esta situação deve-se ao nervosismo, intranquilidade no decurso do jogo, provocando uma informação mais impulsiva e menos planificada, indo esta ao encontro da ideia defendida por Hotz (1999), que a instrução deve ser preferencialmente de carácter afectivo e anímico.

Quintal (2000) no seu estudo, na modalidade de futebol, com Treinadores do sector de formação, verificou 31,9% da informação de índole técnico-táctica, 21,97% dedicadas ao feedback, afectividade aprovativa (7,37%) e comportamentos desviantes do treinador (6,25%).

Santos (2003) realizou um estudo, também no futebol, mas com treinadores da II Divisão B no escalão de seniores e verificou que a instrução é preferencialmente táctica (45,1%), aparecendo o conteúdo psicológico como segunda subcategoria com mais

ocorrências (33,2%), dirigida ao atleta (72,5%), com o objectivo prescritivo (84,1%) e de forma predominantemente auditiva (66%).

Ramirez e Diaz (2004) na modalidade de futebol, com treinadores de iniciados e juvenis verificaram 36,27% de informação com conteúdo tático, 30,69% dedicada à motivação, 12,77% relacionada com o esforço físico, 7,36% às questões técnicas e 5,15% à arbitragem.

Botelho et al. (2005) procurando fazer uma comparação entre o treinador de Voleibol de equipas masculinas e femininas, verificaram que os Treinadores privilegiam a informação relativa à própria equipa, dirigida fundamentalmente ao indivíduo.

Moreno, Santos, Ramos, Cervelló, Iglesias & Villar (2005), aplicaram um questionário a 25 *experts* em Voleibol (professores de Voleibol na universidade e treinadores de Voleibol com experiência em alto nível nacional) centrado na eficácia do comportamento verbal dos treinadores. Os *experts* em Voleibol referiram, em percentagens similares, que a informação a ser emitida deve ser relativa à própria equipa (49%) e equipa adversária (51%). Também se verificou que os *experts* dão mais importância à informação tático-estratégica, relativamente à própria equipa e à equipa adversária. No entanto, os treinadores também atribuem grande importância à informação de conteúdo psicológico, que de acordo com os autores do estudo se deve ao nervosismo do treinador, valores também já verificados num estudo com treinadores voleibol efectuado por Cloes et al. (1993). De acordo com diferentes estudos efectuados sobre o comportamento do treinador em competição, também neste estudo os valores mostram que a informação é direccionada preferencialmente ao atleta (63,10%). Os questionários mostram um rácio de 3:1 de informação de carácter positivo (76,67%) e negativa (23,33%).

Em resumo, e de acordo com os diferentes estudos podemos referir que a instrução do treinador em competição, é predominantemente de índole motivacional (Hotz, 1999; Cloes et al., 1993; Moreno, 2004), mas também com alguns estudos a apontarem para o conteúdo tático (Quintal, 2000; Santos, 2003; Ramirez & Diaz, 2004), dirigida ao atleta (Cloes et al., 1993; Santos, 2003; Moreno, 2004; Ramirez & Diaz, 2004; Botelho et al, 2005), mais centrada na própria equipa, mas aumentando as referências à equipa adversária após programa de formação (Moreno & Alvarez, 2004).

### 3.6 Síntese de Estudos

A análise do comportamento de instrução do treinador em competição tem sido objecto de estudo em algumas investigações no âmbito da Pedagogia do Desporto. Apesar de haver necessidade de se efectuar mais investigações neste âmbito, em diferentes modalidades e em diferentes contextos, muitos autores têm feito essa investigação, socorrendo-se de diversos sistemas de observação.

Lombardo et al. (1983) descreveram o comportamento de 38 treinadores de jovens de vários desportos, utilizando para o efeito o “*Lombardo Coaching Behavior Analysis System*”. Verificaram que 49,28% dos comportamentos observados são não-interactivos (observação, sentados e atitude passiva), 34% das interacções com os atletas são positivas, 6,78% são interacção negativa e 30,04% da informação é direccionada ao atleta.

Cloes et al. (1993) efectuaram um estudo na modalidade de Voleibol com 10 Treinadores, 5 do sexo masculino e 5 do sexo feminino, com o intuito de analisar o seu comportamento em competição. Utilizaram para o efeito o Sistema de Análise da Conduta Verbal do Treinador em Competição, onde se verificou que a intervenção verbal tem um objectivo de incentivar (27,2%), elogiar (24,6%) organizar (10,1%), suporte psicológico (8,9%), criticar (7,6%), conselhos tácticos (7,5%) e conselhos técnicos (2,1%), direccionada ao indivíduo (50,3%), equipa ou grupo (28,4%) e suplentes (13,7%). A origem das intervenções verbais são as acções a realizar (29,1%), acções favoráveis (25,6%), acções desfavoráveis (15,1%) e actividade táctica do adversário (13,9%).

Com o objectivo de comparar Treinadores com sucesso e sem sucesso, nos escalões de iniciados (6) e juvenis (8) na modalidade de Andebol, Alves (1998) analisou 27 jogos através do Sistema de Observação Treinador e Atleta (adaptado). Verificou que no geral não existem diferenças significativas entre Treinadores de sucesso e sem sucesso em competição, e o comportamento mais observado é de observação (67,73%, 65,34%). Os Treinadores com sucesso e sem sucesso emitem informação preferencialmente prescritiva (14,32%, 13,68%), de pressão (4,96%, 3,42%), avaliativa positiva (2,71%, 2,36%) e afectiva positiva (1,16%, 0,93%).

Nunes (1998) para efectuar a observação de um Treinador de juniores, em 45 minutos de um jogo de Futebol, utilizou o Sistema de Observação do Professor e o Sistema de Observação do Feedback Pedagógico. O referido autor verificou que 75,88% do tempo o treinador passa em observação, sendo que 40% da informação é instrução, 30,5% é feedback e 14,3% dedicada à afectividade aprovativa. O feedback é preferencialmente direccionado ao atleta (87,3%) e ao grupo (12,7%), com o objectivo prescritivo (58,9%), descritivo (31,3%) e avaliativo (9,8%).

Quintal (2000), analisou sete Treinadores de Futebol, do sector de formação e utilizou para o efeito o Sistema de Observação do Professor e Sistema de Análise do Treinador e Atleta (adaptado). O autor verificou que os Treinadores emitiram uma grande quantidade de informação (6,63 UI/min.), de conteúdo técnico-táctico (31,9%), dedicada ao feedback (21,97%) e de carácter afectivo positivo (7,37%).

Também no Futebol, Santos (2003) observou seis Treinadores de seniores em doze jogos do campeonato nacional da II divisão B de Portugal e verificou que, em média emitem muita informação (4,7 UI/min.), com um objectivo predominantemente prescritivo (84,1%), direccionada ao atleta (72,5%) de forma auditiva (66%). O conteúdo da informação é predominantemente táctico (45,1%) e Psicológico (33,2%).

Ramirez & Diaz (2004), num estudo na modalidade de futebol, com três Treinadores de Iniciados e sete de Juvenis, utilizando um Sistema Múltiplo de Categorias para a observação dos jogos, verificaram que em média os Treinadores emitem 4,2 UI/min., dirigida ao indivíduo (72%) de forma auditiva (83,4%), com um conteúdo táctico (36,27%), motivação positiva (12,23%) e Psicológica (4,92%).

Botelho et al. (2005), observaram 10 Treinadores de Voleibol (cinco masculinos e cinco femininos), em trinta sets e utilizaram o Sistema de Análise da Conduta Verbal do Treinador em Competição. Os autores verificaram que em Treinadores jovens masculinos, 99,4% da informação emitida é relativa à própria equipa, direccionada ao indivíduo (72,39%) e colectivo (23,28%).

## **4. Apresentação do Problema**

### **4.1 Objectivos**

A actividade pedagógica do Treinador de Futebol, em diferentes contextos é ainda pouco estudada, havendo a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre uma tarefa que é dada grande importância pelos diversos agentes que interagem no futebol.

Será que a direcção de uma equipa de Futebol é igual nos jovens ou nos seniores? Os atletas demonstram estar atentos ao jogo e à instrução emitida? Existe alteração do comportamento motor por parte do jogador? Estas são algumas das questões que pretendemos abordar no nosso estudo, no momento da competição.

Embora nos últimos anos exista já alguma investigação ao nível da intervenção pedagógica do Treinador em competição na modalidade de futebol, podemos considerar que ainda é escassa.

O nosso estudo enquadra-se no momento da competição e procura caracterizar o comportamento de instrução dos treinadores de jovens e de seniores, bem como analisar se os atletas demonstram estar atentos ao jogo e ao aporte de informação e verificar se modificam o seu comportamento imediatamente após o aporte de informação.

Moreno e Alvarez (2004) referem que os momentos de intervenção do Treinador, na direcção da equipa em competição são: antes do jogo, substituição dos jogadores, durante o jogo, no intervalo e após o final do jogo. No entanto, iremos nos debruçar sobre dois momentos em especial (substituição de jogadores e durante o jogo) em competições nacionais de seniores e jovens.

Hotz (1999), defende que os bons Treinadores, se são de sucesso, diferenciam-se dos restantes devido à sua capacidade de comunicação.

Saber comunicar é a forma que o Treinador desportivo tem para transmitir os seus conhecimentos, isto é, tornar a sua competência técnico-desportiva acessível a todos os praticantes (Castelo, 2002).

A instrução, como técnica de intervenção pedagógica que visa comunicar informação, é de elevada importância na direcção de uma equipa de futebol.

Cunha (1998) acrescenta que a única instrução verdadeiramente efectiva é aquela que põe os jogadores a fazer aquilo que se lhes pediu.

Segundo estas ideias, estabelecemos objectivos específicos para o nosso estudo.

Pretendemos verificar as diferenças entre treinadores de seniores e jovens relativamente à quantidade de informação transmitida durante a competição.

Santos (2003) no seu estudo com Treinadores de seniores de Futebol, constatou que estes forneciam uma quantidade de informação de 4,7 UI/min. No entanto, Quintal (2000) estudou Treinadores do sector de formação e registou em média 6,63 UI/min. Ambos os autores referem que os Treinadores estudados apresentam uma sobrecarga de informação transmitida aos jogadores durante o jogo.

Hotz (1999), levanta esta questão relativa à quantidade de informação transmitida aos jogadores durante o jogo. Refere que muita instrução fará com que os jogadores se desconcentrem, diminuindo a seu rendimento.

Santos (2003) no seu estudo, e de acordo com a sua amostra, estabelece uma escala de quantidade de informação: pouca instrução (1 a 3 UI/min.), média instrução (3 a 5 UI/min.) e muita instrução (5 a 10 UI/min.)

O outro objectivo que estabelecemos para o nosso estudo passa por verificar a existência de diferenças significativas entre Treinadores de seniores e jovens, relativamente ao comportamento de instrução durante a competição.

De acordo com diversos estudos, Alves (1998), Quintal (2000), Santos (2003) e Botelho et al. (2005), podemos referir que a instrução do Treinador durante a competição é preferencialmente prescritiva, direccionada ao atleta, verbal e com conteúdo táctico.

Moreno e Alvarez (2004), procurando elaborar um modelo de eficácia do comportamento do Treinador em competição, concluíram que a informação deve ser prioritariamente táctica, individual, de carácter fortemente positiva, centrada na própria equipa e na equipa adversária.

Apesar de constataremos que o comportamento de instrução dos Treinadores em competição incide sobre as mesmas categorias, dos estudos por nós analisados ressaltam algumas diferenças entre os Treinadores de jovens e os Treinadores de seniores.

Os estudos que analisam a actividade pedagógica do treinador em competição no Futebol não são muitos, desta forma iremos fazer a argumentação dos nossos objectivos com os resultados obtidos em outras modalidades, com diversos sistemas de observação, mas que demonstram algumas diferenças entre Treinadores de jovens e Treinadores de seniores.

Relativamente ao objectivo da instrução, Santos (2003) verificou que os Treinadores de seniores apresentam informação prescritiva com valores de 84,1%. No estudo efectuado por Alves (1998) com treinadores de sucesso (jovens) de andebol, 24,36% são comportamentos correspondentes a intervenções dos Treinadores direccionados aos atletas e equipa. Dessa percentagem, 58,78% têm objectivo prescritivo. Comparativamente, Santos (2003), verificou informação descritiva com valores médios de 3,1 % e Alves (1998) registou valores de 10,75%.

Quanto à informação avaliativa positiva, Santos (2003), registou valores médios de 4,9%, enquanto Alves (1998) obteve valores de 11,12%.

No que concerne à direcção da informação em Treinadores de seniores de Futebol, é predominantemente individual (72,5%) e para a equipa (20,7%) (Santos, 2003). Cloes et al. (1993) obtiveram os seguintes valores para Treinadores seniores de Voleibol: individual (50,3%) e equipa ou grupo (28,4%).

Nunes (1998), ao analisar o comportamento de um Treinador de juniores de Futebol, obteve valores na direcção do feedback de: individual (87,3%), Grupo (12,7%) e equipa (0%).

Dinis (2001) citado por Pinto (2004) num estudo efectuado durante a competição, com um Treinador de seniores femininos e um Treinador de iniciados femininos verificou que a direcção das intervenções é preferencialmente ao indivíduo (69,71% - 69,75%). No entanto o Treinador de seniores direccionou mais a sua intervenção para a equipa (10%) que o Treinador de iniciados (2%).

A forma que os Treinadores mais utilizam para transmitir a informação é auditiva. Santos (2003) em Treinadores de seniores verificou 66% e Ramirez e Diaz (2004) em Treinadores de jovens 83,4%.

Relativamente ao conteúdo da instrução, nos Treinadores de seniores é preferencialmente táctica (45,1%) (Santos, 2003). Quintal (2000) e Ramirez e Diaz (2004), obtiveram com Treinadores do sector de formação, valores para a categoria táctica de 31,9% e 36,27%, respectivamente. No entanto, Cloes et al. (1993) e Moreno e Alvarez (2004) obtiveram resultados com Treinadores de Voleibol, durante a competição, em que a instrução é preferencialmente psicológica em detrimento do conteúdo táctico.

O nosso estudo tem por objectivo analisar a atenção dos atletas à instrução fornecida pelo Treinador durante a competição e verificar se existe alteração do comportamento motor do jogador(es) e equipa após o aporte de informação.

Não são muito os estudos que procuram avaliar o efeito da intervenção pedagógica do Treinador, permitindo averiguar qual a reacção dos atletas à instrução que lhe é transmitida. No entanto, apresentamos alguns estudos feitos que tinham como objecto o estudo do feedback.

Hanke & Schmitt (1999) citado por Sequeira (2008) estudaram 17 Treinadores de Ginástica Rítmica, em contexto de treino, sobre as razões e expectativas da emissão de feedback e respectiva reacção dos atletas. Verificaram valores baixos de concordância (34% - 47%) entre a razão de emissão de um feedback por parte do Treinador e o desejado por parte do Atleta.

Piéron (1980) constatou num estudo sobre o comportamento dos alunos depois da emissão de feedbacks durante as aulas de Educação Física, que existe modificações apropriadas de comportamento, resultante da reacção a feedbacks verbais acompanhados de informação visual e de informação prescritiva.

Piéron e Delmelle (1982) verificaram com 10 Professores do sexo masculino que existe uma mudança da performance motora em resposta aos feedbacks fornecidos, tanto nas classes júnior (71,3%) como sénior (72,5%). O feedback prescritivo é aparentemente mais efectivo nas classes júnior (75%), enquanto que na classe sénior o feedback descritivo promoveu mais modificações da performance motora (75,3%).

Rodrigues (1995a) efectuou um estudo sobre a função do feedback em Professores profissionalizados e estagiários no ensino da Educação Física e Desporto, e constatou que os alunos estão atentos à informação transmitida e modificam o seu comportamento positivamente.

Richheimer e Rodrigues (2000), num estudo com treinadores de jovens (4 com formação em Educação Física e 4 sem formação em Educação Física), em contexto de treino, verificaram que os jogadores demonstraram estar quase sempre atentos (96,70% - 92,90%) e modificaram positivamente o comportamento após feedback (87,20% - 80,60%).

## **4.2 Hipóteses**

De acordo com os objectivos estabelecidos por nós, no ponto anterior, e consequentemente das questões atrás mencionadas, pudemos levantar três hipóteses:

**Hipótese 1** – Os Treinadores de jovens apresentam significativamente mais quantidade de instrução que os Treinadores de seniores durante a competição.

Santos (2003) no seu estudo com Treinadores de seniores de Futebol, constatou que forneciam uma quantidade de informação de 4,7 UI/min. No entanto, Quintal (2000) estudou Treinadores dos sectores de formação e registou em média 6,63 UI/min.

**Hipótese 2** – Há diferenças significativas entre Treinadores de jovens e seniores relativamente à dimensão objectivo, forma e direcção do comportamento de instrução durante a competição.

Santos (2003) encontrou em Treinadores de seniores valores para a informação prescritiva de 84,1%, enquanto Alves (1998) em Treinadores de sucesso (jovens) de andebol, constatou que dos 24,36% correspondentes aos comportamentos dos Treinadores direccionados aos atletas e equipa, 58,78% têm o objectivo prescritivo. Santos (2003), verificou informação descritiva com valores médios de 3,1 % e Alves (1998) registou valores de 10,75%.

Quanto à informação avaliativa positiva, Santos (2003) registou valores médios de 4,9%, enquanto Alves (1998) obteve valores de 11,12%.

No que concerne à direcção da informação em Treinadores de seniores de futebol, é predominantemente individual (72,5%) e para a equipa (20,7%) (Santos, 2003). Cloes et al. (1993), obtiveram valores para Treinadores seniores de Voleibol de: individual (50,3%) e equipa ou grupo (28,4%).

Dinis (2001) citado por Pinto (2004) estudou durante a competição, um Treinador de seniores femininos e um Treinador de iniciados femininos verificando que a direcção das intervenções é preferencialmente ao individuo (69,71% - 69,75%), no entanto o Treinador de seniores dirigiu-se mais à equipa (10%) que o Treinador de iniciados (2%).

Botelho et al. (2005), em Treinadores de jovens obteve os seguintes valores: individual (73,39%) e colectivo (23,28%).

Nunes (1998) ao analisar o comportamento de um Treinador de juniores de futebol, obteve valores na direcção do feedback de: individual (87,3%), Grupo (12,7%) e equipa (0%).

A forma que os Treinadores mais utilizam para transmitir a informação é auditiva. Santos (2003), em Treinadores de seniores verificou 66% e Ramirez e Diaz (2004) em Treinadores de jovens 83,4%.

**Hipótese 3** – Há diferenças significativas entre Treinadores de jovens e seniores relativamente à dimensão conteúdo no comportamento de instrução durante a competição.

Num estudo efectuado com Treinadores de seniores verificou-se que o conteúdo da instrução é preferencialmente táctica (45,1%) (Santos, 2003). Quintal (2000), Ramirez e Diaz (2004), obtiveram com Treinadores do sector de formação de futebol, valores para a categoria táctica de 31,9% e 36,27%, respectivamente. No entanto, Cloes et al. (1993) e Moreno & Alvarez (2004) obtiveram resultados com Treinadores de Voleibol, durante o jogo, em que a instrução é preferencialmente psicológica em detrimento do conteúdo táctico.

**Hipótese 4** – Há diferenças significativas entre treinadores de jovens e seniores relativamente à atenção prestada pelo(s) Atletas(s) e equipa ao aporte de informação

**Hipótese 5** – Há diferenças significativas entre os Treinadores de jovens e seniores relativamente à modificação do comportamento do(s) Atletas(s) e equipa resultante do aporte de informação.

Hanke e Schmitt (1999) citado por Sequeira (2008) verificaram com 17 Treinadores de Ginástica Rítmica, em contexto de treino, valores baixos de concordância (34%-47%) entre a razão de emissão de um feedback por parte do Treinador e o desejado por parte do Atleta.

Piéron (1980) e Rodrigues (1995a) verificaram modificação dos comportamentos dos alunos como resultado da emissão de feedbacks por parte dos Professores de Educação Física. Rodrigues (1995a), constatou ainda que os alunos estão atentos à informação transmitida.

Piéron e Delmelle (1982) verificaram com 10 Professores do sexo masculino que existe uma mudança da performance motora em resposta aos feedbacks fornecidos, tanto nas classes júnior (71,3%) como sénior (72,5%). O feedback prescritivo é aparentemente mais efectivo nas classes júnior (75%), enquanto que na classe sénior o feedback descritivo promoveu mais modificações da performance motora (75,3%).

Richheimer e Rodrigues (2000) num estudo com 8 Treinadores de jovens, 4 com formação em Educação Física e 4 sem formação em Educação Física, em contexto de treino, verificaram que os jogadores demonstraram estar quase sempre atentos (96,70% - 92,90%) e modificaram positivamente o comportamento após feedback (87,20% - 80,60%).

### **4.3 Desenho Experimental**

O nosso estudo não experimental, procura descrever as relações entre fenómenos (Tipo II), partindo da observação do comportamento do Treinador em competição (estudo ecológico), para poder verificar se existe diferenças significativas entre os Treinadores de jovens e seniores (método inferência – indução) (Lakatos & Marconi, 1991) e (Fortin, 2003).

### **4.4 Variáveis do Estudo**

Para a definição das variáveis, do nosso estudo, tivemos em consideração o Modelo de Análise da Relação Pedagógica em Desporto e em Competição (Rodrigues, 1995b), e também o Sistema de Categorias de Análise da Instrução em Competição de Pina & Rodrigues (1994) adaptado por Santos (2003).

O Modelo de Análise da Relação Pedagógica no Desporto (1995b) apresenta cinco tipos de variáveis: Presságio, Processo, Contexto, Programa e Produto.

Apesar do nosso estudo não ter utilizado como variáveis o nível de formação inicial, a experiência profissional e o nível de conhecimento para a formulação das hipóteses, a amostra foi constituída por treinadores com curso da modalidade, com formação académica em Educação Física e Desporto e com mais de cinco anos de experiência no escalão.

Tivemos em conta as variáveis de contexto e de programa, que influenciam as variáveis de processo. As variáveis de processo são os comportamentos, decisões e interacções susceptíveis de acontecer quer no treino, quer na competição (Rodrigues, 1997). Desta forma, os jogos observados foram com equipas na condição de visitado, em que a expectativa do Treinador para a competição era a vitória. Os Treinadores de seniores observados são responsáveis por equipas da II e III divisão nacional e os Treinadores de jovens orientam equipas de iniciados e juvenis (13-16 anos) a disputar o campeonato nacional.

No que diz respeito às variáveis de processo, importa caracterizar as variáveis comportamentais, pois estão enquadradas no âmbito do nosso estudo. Variáveis comportamentais, de acordo com Rodrigues (2000), são consideradas as variáveis relacionadas com o comportamento do Treinador. No nosso estudo, o comportamento de instrução do Treinador foi analisado durante a competição. O comportamento de instrução foi analisado por um sistema multi-dimensional – Sistema de Análise da Instrução em Competição (SAIC) (Pina & Rodrigues, 1984), adaptado por Santos (2003), que é composto por um conjunto de categorias e sub-categorias.

De acordo com as hipóteses definidas podemos apresentar as variáveis dependentes e independentes do nosso estudo. Nas hipóteses 1,2,3,4 e 5 as variáveis independentes são os escalões onde o estudo foi realizado. Relativamente às variáveis dependentes na hipótese 1 temos a quantidade de informação; na hipótese 2 o objectivo, a forma e a direcção da instrução emitida; na hipótese 3 o conteúdo da instrução; na hipótese 4 atenção dos atleta(s) e equipa e na hipótese 5 a modificação do comportamento motor.

## 5. Metodologia

### 5.1 Perfil da Amostra

A selecção da nossa amostra teve por base os seguintes aspectos:

1. O número utilizado em alguns estudos, em que houve comparação entre grupos (Botelho et al., 2005) e (Cloes et al., 1993);
2. Realização deste estudo em diferentes níveis de competição, de forma a verificar-se a existência ou não de um perfil de instrução do Treinador diferenciado (Santos, 2003);
3. Recomendação de vários estudos já realizados por Alves (1998) e Santos (2003), para a pesquisa no âmbito do nosso objecto de estudo se fizesse no maior número de competições/Treinadores;
4. Estudos como de Santos (2003); Alves (1998); Botelho et al. (2005), que apresentam uma amostra formada não só pelo número de Treinadores, mas também pelo número de jogos observados.

De acordo com o referido, o nosso estudo tem uma amostra constituída da seguinte forma:

<b>10 Treinadores Futebol</b>	Cinco do sector de formação – Juvenis e Iniciados (13-16 anos)	10 Jogos	8 Vitórias 1 Empate 1 Derrota	Nacional	Curso de Treinadores da modalidade, Formação em Educação Física e Desporto e mais de cinco anos de experiência
	Cinco de Seniores	9 Jogos	4 Vitórias 1 Empate 4 Derrotas	II e III Divisão Nacional	

**Tabela 1 – Caracterização da Amostra**

Os dez Treinadores de Futebol que compõem a nossa amostra possuem cursos de treinadores de Futebol, formação em Educação Física e Desporto e mais de cinco anos de experiência no escalão.

Os Treinadores representam equipas a competir nos campeonatos nacionais (seniores – II e III divisões nacionais e jovens – nacionais).

Tendo em conta a dificuldade de ter acesso ao Treinador de Futebol, tal como foi referido anteriormente, a nossa amostra baseou-se não só no número de Treinadores – cinco Treinadores de seniores e cinco Treinadores de jovens, mas também no número de jogos – dois por Treinador. Desta forma, estava previsto serem observados vinte jogos na condição de visitado, dez nos Treinadores de seniores e dez nos Treinadores de jovens. No entanto, num dos treinadores de seniores só foi possível observar um jogo.

## **5.2 Procedimentos**

### **5.2.1 Procedimentos prévios**

Para a realização do nosso estudo foi necessário obter autorização por parte dos Treinadores para participar no estudo. Para isso ficou bem explicito o objectivo do estudo, os procedimentos metodológicos para a recolha dos dados, tendo sido garantida a confidencialidade dos mesmos, servindo unicamente para o tratamento estatístico.

Foi marcada uma reunião com os Treinadores com o objectivo de explicar o estudo, dissipar todas as dúvidas que pudessem haver relativamente ao seu desenvolvimento e entregar o consentimento informado (ficha 2 – anexo 3 e 4). Após os Treinadores terem aceite participar no estudo, foi-lhes perguntado quais os jogos em casa que haveria expectativa de vitória, tendo sido marcadas as filmagens para a recolha dos dados. Na mesma reunião foi também preenchida a ficha 1 de caracterização da amostra (anexo 2).

### **5.2.2 Procedimentos metodológicos para a recolha de dados**

Para a recolha de dados na competição, foi colocado um microfone na lapela do Treinador, com um receptor de som ligado a uma câmara de vídeo. Simultaneamente, o Treinador foi filmado através de uma câmara colocada no lado oposto do banco de suplentes, para que haja uma maior validade dos resultados. Ainda foi utilizada uma

segunda câmara para filmar o jogo, para uma melhor interpretação das instruções fornecidas pelo Treinador durante o jogo.

A recolha de dados realizou-se na final da época de 2008/2009 e época 2009/2010.

### **5.3 Instrumento**

A Instrução é uma técnica de intervenção pedagógica que visa comunicar informação, corrigir, avaliar positiva ou negativamente, demonstrar ou questionar o atleta durante a competição, utilizando uma linguagem verbal e não verbal (Santos, 2003).

Durante um jogo de Futebol o Treinador exerce a sua actividade pedagógica, fornecendo informação ao jogador, grupo de jogadores ou equipa, na tentativa de otimizar o rendimento. Essas informações, resultam de decisões/comportamentos interactivas registadas durante a competição.

Estes comportamentos de instrução na competição foram o nosso objecto de estudo. Para isso utilizamos o Sistema de Análise da Instrução em Competição adaptado para o Futebol (Santos, 2003) aplicado na totalidade do tempo de duração dos jogos de futebol.

#### **5.3.1 Protocolo**

O sistema adoptado é composto por quatro dimensões (Objectivo, Forma, Direcção e Conteúdo), desdobradas em 22 categorias e 27 subcategorias (tabela 2) (Santos, 2003), ao qual adicionamos duas dimensões (Atenção e Comportamento Motor Reactivo) relativas à atenção dos atletas e equipa ao aporte de informação e respostas imediatamente observáveis resultante da instrução emitida. As categorias referidas serão desdobradas em subcategorias (tabela 3).

OBJECTIVO	FORMA	DIRECÇÃO
<b>Avaliativo + (AV+)</b> <b>Avaliativo – (AV-)</b> <b>Descritivo (DES)</b> <b>Prescritivo (PRE)</b> <b>Interrogação (INT)</b> <b>Afectividade + (AF+)</b> <b>Afectividade – (AF-)</b>	<b>Auditiva (AU)</b> <b>Visual (VIS)</b> <b>Auditiva-visual (AU-VIS)</b>	<b>Atleta (ATL)</b> <b>Atleta Suplente (AS)</b> <b>Grupo (GRU):</b> Grupo dos defesas (GD) Grupo dos médios (GM) Grupo dos avançados (GA) Grupo de suplentes (GS) Equipa (EQ)
CONTEÚDO		
<b>Técnica (TEC):</b> Técnicas Ofensivas (TEOF) Técnicas Defensivas (TEDEF)  <b>Táctica (TAT):</b> Sistema de Jogo (TASJ) Métodos de Jogo (TAMJ) Esquemas Tácticos (TAET) Princípios de Jogo (TAPJ) Funções/Missões (TAFUNC) Combinações (TACOMB) Eficácia Geral (TAEG)	<b>Psicológico (PSI):</b> Ritmo de jogo (PRI) Confiança (PC) Pressão eficácia (PPE) Atenção (PAT) Concentração (PCO) Pressão combatividade (PPC) Resistências às adversidades (PRA) Responsabilidade (PRE)	<b>Físico (FIS):</b> Resistência (FRES) Velocidade de execução (FVEX) Velocidade de deslocamento (FVDES) Velocidade de reacção (FVREA) Força (FFO) Aquecimento (FAQ)  <b>Equipa Adversária (EQ ADV)</b> <b>Equipa de Arbitragem (EQ ARB)</b>  <b>Sem conteúdo (S/C)</b> <b>Indeterminado (IND)</b>

Tabela 2 – Sistema de Análise da Instrução em Competição para o Futebol – SAIC Futebol (Santos, 2003)

ATENÇÃO	COMPORTAMENTO MOTOR REACTIVO
<b>Atento (AT)</b> Atenção Atleta (ATATL) Atenção Atleta Suplente (ATAS) Atenção Grupo (ATGR) Atenção Equipa (ATEQ) <b>Desatento (DAT)</b> Desatenção Atleta (DATATL) Desatenção Atleta Suplente (DATAS) Desatenção Grupo (DATGR) Desatenção Equipa (DATEQ) <b>Indeterminado (IND)</b>	<b>Modifica o comportamento positivamente (MC+)</b> <b>Modifica o comportamento negativamente (MC-)</b> <b>Não modifica o comportamento (NMC)</b> <b>Reforço positivo (RF+)</b> <b>Reforço negativo (RF-)</b> <b>Indeterminado (IND)</b>

Tabela 3 – Dimensões Atenção/Comportamento Motor Reactivo

A definição das categorias do Sistema de Análise de Instrução em Competição para o Futebol, efectuadas segundo Santos (2003) encontra-se no anexo 1.

As dimensões Atenção e Comportamento Motor Reactivo foram definidas da seguinte forma:

- **ATENÇÃO**

- **Atenção (AT)**

- ☞ **Atenção Atleta (ATATL)** – o jogador não mostra sinais evidentes de desatenção relativamente ao jogo ou ao treinador.

- ☞ **Atenção Atleta Suplente (ATAS)** – o jogador não mostra sinais evidentes de desatenção relativamente ao jogo ou ao treinador.

- ☞ **Atenção Grupo (ATGR)** - pelo menos metade dos jogadores do grupo (defesas, médios, atacantes ou suplentes) não mostram sinais evidentes de desatenção relativamente ao jogo ou ao treinador.

- ☞ **Atenção Equipa (ATEQ)** – pelo menos metade dos jogadores não mostram sinais evidentes de desatenção relativamente ao jogo ou ao treinador.

- **Desatenção (DAT)**

- ☞ **Desatenção Atleta (DATATL)** – o jogador mostra sinais evidentes de desatenção relativamente ao jogo ou ao treinador.

- ☞ **Desatenção Atleta Suplente (DATAS)** – o jogador mostra sinais evidentes de desatenção relativamente ao jogo ou ao treinador.

- ☞ **Desatenção Grupo (DATGR)** – pelo menos metade dos jogadores do grupo mostram sinais evidentes de desatenção relativamente ao jogo ou ao treinador.

- ☞ **Desatenções Equipa (DATEQ)** – mais de metade dos jogadores mostram sinais evidentes de desatenção relativamente ao jogo ou ao treinador.

- **Indeterminado (IND)**

Não é possível identificar qual é o comportamento do jogador ou conjunto de jogadores, devido a estar(em) tapado(s) por outro ou não aparece(m) na imagem.

- **COMPORTAMENTO MOTOR REACTIVO**

Comportamentos dos jogadores ou da equipa, imediatamente resultante da informação fornecida pelo treinador.

- **Modifica o comportamento positivamente (MC+)** – o jogador(es) realiza(m) a acção técnico-táctica/comportamento de acordo com a instrução fornecida pelo

treinador. (ex: “*Manuel, joga mais aberto; jogar pelo chão*”, “*Quando a bola está do outro lado o lateral do lado contrário fecha por dentro*”)

- **Modifica o comportamento negativamente (MC-)** – o jogador(es) altera(m) a acção técnico-táctica/comportamento, mas de forma diferente à instrução fornecida pelo treinador. (ex.: “*Fecha Zé*”, “*Joga com o Francisco*”)
- **Não modifica o comportamento (NMC)** – O jogador(es) não altera a execução da acção técnico-táctica/comportamento, mantendo o mesmo comportamento.
- **Reforço positivo (expressa concordância positivamente) (RF+)** – o jogador ou grupo de jogadores continua(m) a executar a acção anterior que foi valorizada positivamente. (ex.: “*Muito bem*”; “*Boa, Zé*”)
- **Reforço negativo (expressa concordância negativamente) (RF-)** – o atleta não parou de executar a acção que foi desvalorizada. (ex.: “*Estamos a inventar*”, “*Não estou a gostar, Manuel*”)
- **Indeterminado (IND)** – Não é possível identificar qual é o comportamento do jogador(es). O jogador(es) está(m) tapado por outro ou não aparece(m) na imagem.

## • **PROTOCOLO DE CODIFICAÇÃO**

Relativamente à dimensão atenção definimos um conjunto de comportamentos dos atletas que ajudaram a esclarecer o que são os sinais evidentes de atenção e desatenção.

### ▪ **Atenção**

Consideramos os sinais evidentes de atenção quando o atleta (executa acções técnico-tácticas ofensivas e defensivas individuais que procuram resolver a situação de jogo; participa em acções que promovam a intervenção no centro do jogo), atleta suplente (observa o jogo), grupo de atletas (acções colectivas ofensivas e defensivas – deslocamentos, compensações/permutações, combinações tácticas, dobras, cortinas/ecrãs, temporizações, esquemas tácticos; princípios ofensivos e defensivos, método de jogo ofensivo e defensivo), ou equipa (método de jogo ofensivo e defensivo, esquemas tácticos), estão a ver (olhar dirigido para o treinador – esquemas tácticos) e/ou ouvir a instrução emitida pelo treinador (técnica ofensiva e defensiva, sistema de jogo, princípios de jogo, esquemas tácticos, método de jogo, funções/missões específicas do jogo, combinações tácticas, táctica eficácia geral, aumento ou diminuição do ritmo,

confiança, pressão eficaz, combatividade, execução rápida, reagir mais rápido, deslocar mais rápido, ser(em) mais forte(s), aquecimento, aspectos relacionados com a equipa adversária e de arbitragem) e não têm actos de indisciplina para com o árbitro, adeptos, adversários ou colegas de equipa (resistência às adversidades, comportamentos focalizados no jogo e/ou informação emitida pelo treinador).

#### ▪ **Desatenção**

Foram considerados os sinais evidentes de desatenção quando o atleta (executa acções tecnico-táticas ofensivas e defensivas fora do contexto do jogo, não procura participar em acções que promovam a intervenção no centro do jogo), atleta suplente (não observa o jogo), grupo de atletas (acções colectivas ofensivas e defensivas – deslocamentos, compensações/permutações, combinações táticas, dobras, cortinas/ecrãs, temporizações, esquemas táticos; princípios ofensivos e defensivos, método de jogo ofensivo e defensivo) ou equipa (método de jogo ofensivo e defensivo, esquemas táticos) apresentam comportamentos desviantes relativamente ao jogo, não parece estar a ver (olhar não dirigido para o treinador – esquemas táticos) e/ou ouvir a instrução emitida pelo treinador (técnica ofensiva e defensiva, sistema de jogo, princípios de jogo, esquemas táticos, método de jogo, funções/missões específicas do jogo, combinações táticas, tática eficaz geral, aumento ou diminuição do ritmo, confiança, pressão eficaz, combatividade, execução rápida, reagir mais rápido, deslocar mais rápido, ser(em) mais forte(s), aquecimento, aspectos relacionados com a equipa adversária e de arbitragem) e têm actos de indisciplina para com o árbitro (discutir com árbitros e árbitros auxiliares), adeptos (falar e/ou fazer gestos para a bancada), adversários (discutir e/ou agredir adversários) ou colegas de equipa (discutir com os colegas de equipa).

#### **5.3.2 Registo das observações**

No registo das unidades de informação transmitida pelos Treinadores aos seus Jogadores na competição, foi utilizado o método de registo de ocorrências (event recording). Tendo por base a definição das categorias e subcategorias do Sistema de

Análise da Instrução em Competição (SAIC), qualquer instrução foi registada, produzindo-se um valor absoluto, que foi passado para valor relativo (%).

Foi também analisado a atenção dos atletas, grupo de atletas e equipa à instrução emitida pelos treinadores. Relativamente ao Comportamento Motor Reactivo, só foram registados os comportamentos imediatamente observáveis dos jogadores e equipa, após o aporte de informação.

Na realização do registo das ocorrências foi utilizado o programa *Match Vision Studio* v. 4,0.

### **5.3.3 Validade do Sistema**

O Sistema de Análise da Instrução em Competição (SAIC) para o Futebol (Santos, 2003), foi submetido a quatro tipos de validade: validade aparente, validade concorrente, validade de construção e validade de conteúdo. Importa, também referir que este sistema (SAIC) foi elaborado a partir de outros sistemas já validados e já utilizados em estudos no âmbito da Pedagogia do Desporto. De acordo com o citado por Santos (2003) o Sistema de Análise da Instrução em Competição pode ser comparado com os seguintes sistemas já validados: Coaches Observation System of Games (Trudel, Coté & Bernard, 1996); Computerized Coaching Analysis System (Franks, Jonhson & Sinclair (1988); Lombardo Coaching Behavior Analysis System (Lombarbo, Faraone & Pothier, 1982); Arizona State University Observation Instrument (Lacy & Darst, 1984). O SAIC para o futebol foi construído a partir do Sistema de Análise da Instrução em Competição elaborado por Pina e Rodrigues (Pina & Rodrigues, 1994).

Relativamente às categorias das dimensões Atenção e Comportamento Motor Reactivo foram elaboradas a partir de outros sistemas já validados e utilizados em outros estudos ((Piéron, 1980); (Piéron & Devillers, 1980); (Piéron & Delmelle, 1982) e (Rodrigues, 1995a)). Desta forma esta categorização passou por um processo de validação de conteúdo feita por um conjunto de *experts*, investigadores doutorados na área da Pedagogia do Desporto. Este processo de validação começou com a definição das categorias do sistema, seguindo-se a análise dos especialistas, para posteriormente

proceder-se às devidas correcções. Por fim, e de acordo com os *experts*, o conteúdo da categorização reflecte o que realmente o que pretende observar.

#### **5.3.4 Fidelidade do sistema**

O treino do observador foi efectuado de acordo com o sugerido por Rodrigues (1997):

##### **1ª Fase – Identificação das categorias do sistema**

Foram apresentadas imagens e fichas aos observadores, afim de serem definidas as categorias e esclarecidas duvidas na interpretação relativa à definição dos comportamentos.

##### **2ª Fase – Discussão do protocolo de observação**

Os observadores discutiram a codificação dos diferentes comportamentos observados, estabelecendo os limites das diferentes categorias do sistema de observação.

##### **3ª Fase – Avaliação da aprendizagem das categorias**

Nesta fase foi realizado uma prova oral com o objectivo de verificar se os observadores conhecem a definição das categorias.

##### **4ª Fase – Prática e aplicação do sistema de observação**

Os observadores realizaram um período de prática e aplicação do sistema de observação. As dúvidas levantadas são posteriormente esclarecidas.

##### **5ª Fase – Testes de Fidelidade**

Após se ter realizado o treino dos observadores, foi testada a fidelidade inter e intra-observador para verificar a consistência, estabilidade e acordo da observação, relativamente ao comportamento de instrução, nas diversas categorias das dimensões do Sistema de Análise da Instrução em competição.

Com esse objectivo, inicialmente foi visionado um vídeo e feita a codificação, utilizando o método de registo de ocorrências, por ambos os observadores. Os

observadores estiveram devidamente separados, para que não tivessem acesso oral ou visual aos registos do outro.

Para verificar a existência de acordos nas observações Inter-Observadores foi utilizada a medida de concordância Kappa de Cohen, para valores acima dos 75%.

Os valores obtidos para a fidelidade inter-observadores estão expressos na tabela n.º 4.

Dimensões	Categorias	Valor de Kappa	P
<b>Objectivo (+)</b>	AV+	0,903	0,000
	AV-	1,000	0,000
	DES	1,000	0,000
	PRE	1,000	0,000
	Int	+++	
	AF+	0,852	0,000
	AF-	+++	
<b>Forma (+)</b>	AU	0,852	0,000
	VIS	1,000	0,000
	AUVIS	0,849	0,000
<b>Direcção (+)</b>	ATL	1,000	0,000
	AS	+++	
	GD	+++	
	GM	1,000	0,000
	GA	+++	
	GS	+++	
	EQ	1,000	0,000
<b>Conteúdo (+)</b>	TEOF	+++	
	TEDEF	+++	
	TASJ	+++	
	TAMJ	0,963	0,000
	TAET	0,941	0,000
	TAPJ	1,000	0,000
	TAFUN	+++	
	TACOM	1,000	0,000
	TAEG	0,863	0,000
	PRI	+++	
	PC	1,000	0,000
	PPE	0,970	0,000
	PAT	1,000	0,000
	PCO	+++	
	PPC	1,000	0,000
	PRA	+++	
	PRESP	+++	
	FRES	+++	
	FVEX	+++	
	FVDES	1,000	0,000
	FVREA	1,000	0,000
	FFO	+++	
	FAQ	+++	
	EQADV	+++	
	EQARB	+++	
	S/C	0,946	0,000
	IND	+++	
<b>Atenção (+)</b>	ATATL	1,000	0,000

	ATAS	+++	
	ATGR	1,000	0,000
	ATEQ	1,000	0,000
	DATATL	1,000	0,000
	DATAS	+++	
	DATGR	+++	
	DATEQ	+++	
	IND	1,000	0,000
<b>Comportamento Motor Reactivo (++)</b>	MC+	0,895	0,000
	MC-	0,922	0,000
	NMC	0,912	0,000
	RF+	1,000	0,000
	RF-	+++	
	IND	1,000	0,000

Tabela 4 – Fidelidade Inter-Observadores

+ N.º de casos = 92

++ N.º de casos = 50

+++ As categorias sem valores, não foram codificadas pelos observadores, havendo concordância e o valor é constante.

De acordo com os valores obtidos, existe uma excelente concordância entre os observadores, pois os valores obtidos estão acima dos 75%.

Posteriormente foi testada a fidelidade intra-observador, em cada um dos observadores, para verificar se existe acordo nas observações entre o próprio observador em diferentes ocasiões. O mesmo observador visionou o mesmo vídeo em dois momentos diferentes separados por uma semana.

Para verificar a existência de acordos nas observações Intra-Observadores foi utilizada novamente a medida de concordância Kappa de Cohen, para valores acima dos 75%.

Os valores para a fidelidade intra-observador são apresentados nas seguintes tabelas.

Dimensões	Categorias	Valor de Kappa	P
<b>Objectivo (+)</b>	AV+	0,903	0,000
	AV-	+++	
	DES	1,000	0,000
	PRE	1,000	0,000
	Int	+++	
	AF+	0,852	0,000
	AF-	1,000	0,000
<b>Forma (+)</b>	AU	0,904	0,000
	VIS	1,000	0,000
	AUVIS	0,903	0,000
<b>Direcção (+)</b>	ATL	0,959	0,000
	AS	+++	
	GD	+++	

	GM	1,000	0,000
	GA	+++	
	GS	+++	
	EQ	0,950	0,000
<b>Conteúdo (+)</b>	TEOF	+++	
	TEDEF	+++	
	TASJ	+++	
	TAMJ	0,961	0,000
	TAET	0,941	0,000
	TAPJ	0,917	0,000
	TAFUN	+++	
	TACOM	0,941	0,000
	TAEG	1,000	0,000
	PRI	+++	
	PC	1,000	0,000
	PPE	0,940	0,000
	PAT	1,000	0,000
	PCO	+++	
	PPC	1,000	0,000
	PRA	+++	
	PRESP	+++	
	FRES	+++	
	FVEX	+++	
	FVDES	1,000	0,000
	FVREA	1,000	0,000
	FFO	+++	
	FAQ	+++	
	EQADV	+++	
	EQARB	+++	
	S/C	1,000	0,000
	IND	+++	
<b>Atenção (+)</b>	ATATL	0,966	0,000
	ATAS	+++	
	ATGR	1,000	0,000
	ATEQ	0,950	0,000
	DATATL	1,000	0,000
	DATAS	+++	
	DATGR	+++	
	DATEQ	+++	
	IND	1,000	0,000
<b>Comportamento Motor Reactivo (++)</b>	MC+	0,908	0,000
	MC-	0,929	0,000
	NMC	0,912	0,000
	RF+	1,000	0,000
	RF-	+++	
	IND	1,000	0,000

Tabela 5 – Fidelidade Intra-Observador 1

+ N.º de casos = 92

++ N.º de casos = 50

+++ As categorias sem valores, não foram codificadas pelos observadores, havendo concordância e o valor é constante.

Dimensões	Categorias	Valor de Kappa	P
<b>Objectivo (+)</b>	AV+	0,903	0,000
	AV-	+++	
	DES	1,000	0,000
	PRE	1,000	0,000
	Int	+++	
	AF+	0,852	0,000
	AF-	1,000	0,000
<b>Forma (+)</b>	AU	0,855	0,000
	VIS	1,000	0,000
	AUVIS	0,852	0,000
<b>Direcção (+)</b>	ATL	0,957	0,000
	AS	+++	
	GD	+++	
	GM	1,000	0,000
	GA	+++	
	GS	+++	
	EQ	0,950	0,000
<b>Conteúdo (+)</b>	TEOF	+++	
	TEDEF	+++	
	TASJ	+++	
	TAMJ	0,963	0,000
	TAET	0,941	0,000
	TAPJ	1,000	0,000
	TAFUN	+++	
	TACOM	0,941	0,000
	TAEG	1,000	0,000
	PRI	+++	
	PC	1,000	0,000
	PPE	0,970	0,000
	PAT	1,000	0,000
	PCO	+++	
	PPC	1,000	0,000
	PRA	+++	
	PRESP	+++	
	FRES	+++	
	FVEX	+++	
	FVDES	1,000	0,000
	FVREA	1,000	0,000
	FFO	+++	
	FAQ	+++	
	EQADV	+++	
	EQARB	+++	
	S/C	1,000	0,000
	IND	+++	
<b>Atenção (+)</b>	ATATL	0,966	0,000
	ATAS	+++	
	ATGR	1,000	0,000
	ATEQ	0,950	0,000
	DATATL	1,000	0,000
	DATAS	+++	
	DATGR	+++	
	DATEQ	+++	
<b>Comportamento Motor Reactivo (++)</b>	IND	1,000	0,000
	MC+	0,951	0,000
	MC-	0,811	0,000
	NMC	0,765	0,000

	RF+	1,000	0,000
	RF-	+++	
	IND	1,000	0,000

**Tabela 6 – Fidelidade Intra-Observador 2**

+ N.º de casos = 92

++ N.º de casos = 50

+++ As categorias sem valores, não foram codificadas pelos observadores, havendo concordância e o valor é constante.

Relativamente à fidelidade intra-observador, podemos verificar que existe uma excelente concordância na codificação dos comportamentos dos observadores em momentos distintos (> 75%).

#### **5.4 Tratamento Estatístico**

No tratamento dos dados recolhidos foi utilizado a estatística descritiva, parâmetros de tendência central – média, parâmetros de dispersão – desvio padrão, limites de variação e percentagem. A apresentação destes resultados foi feita através de tabelas e gráficos de barras e bigodes (*outliers*), para a sua melhor análise.

Relativamente à comparação entre resultados dos Treinadores de jovens e Treinadores de seniores, no que concerne ao comportamento de instrução, e dado que a distribuição não é normal (teste de Kolmogorov Smirnov) foi utilizada um teste não-paramétrico: U-Mann Whitney, com um intervalo de significância <0,05, que tem sido habitual em estudos relacionados com o Desporto.

O tratamento estatístico foi feito através do programa de estatística informática para Análise de Dados em Ciências Sociais – SPSS 17®.

#### **5.5 Limitações do Estudo**

Como em todos os estudos, existem condicionantes que poderão interferir na validade do nosso trabalho. Iremos enumerar um conjunto de limitações inerentes à execução do

estudo, como também as estratégias adoptadas para minorar os problemas que daí advém.

No nosso estudo a selecção da amostra foi dificultada, devido à necessidade de haver treinadores disponíveis para a gravação do seu comportamento de instrução (filme e áudio) durante a competição. Desta forma, optou-se por um menor número de treinadores e dois jogos observados a cada um deles.

Por questões de ética e tendo em conta que os treinadores foram filmados em competição, foi necessário que os mesmos conhecessem como se iria processar o estudo, podendo ter provocado alterações no seu comportamento (efeito da reactividade). O efeito de reactividade acontece quando os sujeitos estão conscientes da sua participação e modificam o seu comportamento em consequência disso (Fortin, 2003). Para reduzir o referido efeito é aconselhado observar algumas competições antes de se proceder à recolha de dados. A nossa opção foi de iniciar a recolha de dados logo na primeira observação, pelos seguintes motivos:

- O número de jogos observados (19 jogos) e o espaço temporal para realizar o estudo;
- Os condicionalismos inerentes ao calendário competitivo das diferentes equipas observadas;
- A necessidade de serem observados jogos em casa e com expectativa de vitória.

No nosso estudo, para que se obtivesse os dados relativos ao comportamento de instrução foi necessário filmar o treinador e efectuar a gravação de voz. Para que não houvesse interferência no comportamento do treinador, a câmara de filmar foi colocada no lado oposto ao banco de suplentes e o microfone utilizado era de pequenas dimensões, leve e foi colocado fora da sua visibilidade. Com o objectivo de sermos pouco intrusivos durante as gravações para a recolha dos dados, chegámos ao locais da competição 2 horas antes do jogo iniciar, para preparar todo o equipamento e não interferirmos na rotina da preparação da equipa para o jogo.

## **6. Apresentação e discussão dos Resultados**

Nesta parte do nosso trabalho iremos apresentar, analisar, descrever e comparar os resultados provenientes das observações efectuadas ao comportamento de instrução de treinadores de jovens e seniores.

A direcção da equipa durante a competição é das tarefas mais exigentes do treinador, mas efectuada com eficácia pode influenciar sobremaneira o rendimento dos jogadores e/ou equipa. Os dados extraídos da nossa amostra vão muito para além da análise descritiva dos comportamentos de instrução dos treinadores de jovens e de seniores, mas pretendemos não só comparar, mas também verificar se os jogadores, grupo de jogadores ou equipa estão atentos à informação emitida e em que medida existe modificação do comportamento em resultado do aporte de informação.

Desta forma, pretendemos nesta etapa do nosso trabalho responder às questões colocadas quando enquadrámos o nosso estudo. Que instrução é fornecida aos jogadores em competição? São iguais nos treinadores que trabalham num contexto de sénior ou de jovens? Qual a atenção/comportamento motor reactivo dos jogadores ao aporte de informação?

Numa primeira fase iremos apresentar de uma forma descritiva os dados relativos aos treinadores de jovens e seniores, bem como verificar a existência de *outliers* nos resultados obtidos nas diferentes dimensões estudadas. Posteriormente iremos comparar o comportamento de instrução dos treinadores de jovens e seniores, bem como a atenção dos jogadores e equipa à emissão de instrução e o comportamento motor reactivo resultante do aporte de informação.

### **6.1 Treinadores de Jovens**

#### **6.1.1 Quantidade de Instrução**

Relativamente à quantidade de instrução nos treinadores de jovens encontramos os seguintes valores nos 10 jogos observados:

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
UI/Min.	2,04	9,32	6,30	2,85

Tabela 7 – Quantidade de Instrução dos Treinadores de Jovens durante a Competição

Dos valores encontrados ressalta que existe uma grande dispersão dos resultados (Desvio Padrão – 2,85), pois registamos valores mínimos de 2,04 UI/min. e máximos de 9,32 UI/min. Podemos então concluir que na nossa amostra não existe uma tendência muito clara relativamente à quantidade de informação emitida pelos treinadores de jovens.

Os treinadores da nossa amostra emitem mais instrução relativamente aos valores encontrados por Ramirez e Diaz (2004), com treinadores do sector de formação – 4,2 UI/min.

De acordo com Quintal (2000), e tendo em conta que os valores médios registados por nós (6,30 UI/min) estão próximos aos encontrados pelo autor referido (6,63 UI/min.), podemos considerar que a quantidade de informação emitida é excessiva. Para reforçar esta nossa afirmação, apesar ter sido efectuada no contexto sénior, podemos enquadrar os nossos valores na escala efectuada por Santos (2003) – pouca instrução (1 a 3 UI/min.); média instrução (3 a 5 UI/min.) e muita instrução (5 a 10 UI/min.). Desta forma, o valor de 6,63 UI/min. da nossa amostra corresponde aos valores de muita instrução emitida pelos treinadores de jovens.

Hotz (1999) reflectiu sobre esta questão e defende que muita instrução fará com que os jogadores se desconcentrem, afectando o seu rendimento.

### 6.1.2 Dimensão Objectivo

Relativamente a esta dimensão do Sistema de Análise da Instrução em competição iremos apresentar os valores referentes às seguintes categorias: Avaliativo Positivo, Avaliativo Negativo, Descritivo, Prescritivo, Interrogativo, Afectividade Positiva e Afectividade Negativa.

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Avaliativo +	8	81	48,58	22,79
Avaliativo –	1	11	5,31	2,77
Descritivo	2	29	14,79	8,86
Prescritivo	121	619	419,08	199,74
Interrogativo	0	25	11,32	9,81
Afectividade +	8	29	20,71	6,65
Afectividade –	0	4	0,67	1,09

Tabela 8 – Dimensão Objectivo da Instrução durante a Competição

De acordo com a tabela 8 e o gráfico 1, onde são apresentados os valores relativos à dimensão objectivo da instrução durante a competição, os treinadores de jovens observados têm uma grande preocupação em prescrever comportamentos e acções técnico-tácticos mais eficazes na resolução das situações de jogo (80,52%). De seguida os valores mais registados são: avaliativo positivo (9,33%), afectividade positiva (3,98%), descritiva (2,84%) e interrogativa (2,18%). Os valores mais baixos são registados relativamente à avaliação negativa da execução dos jogadores ou equipa (1,02%) e afectividade negativa (0,13%).

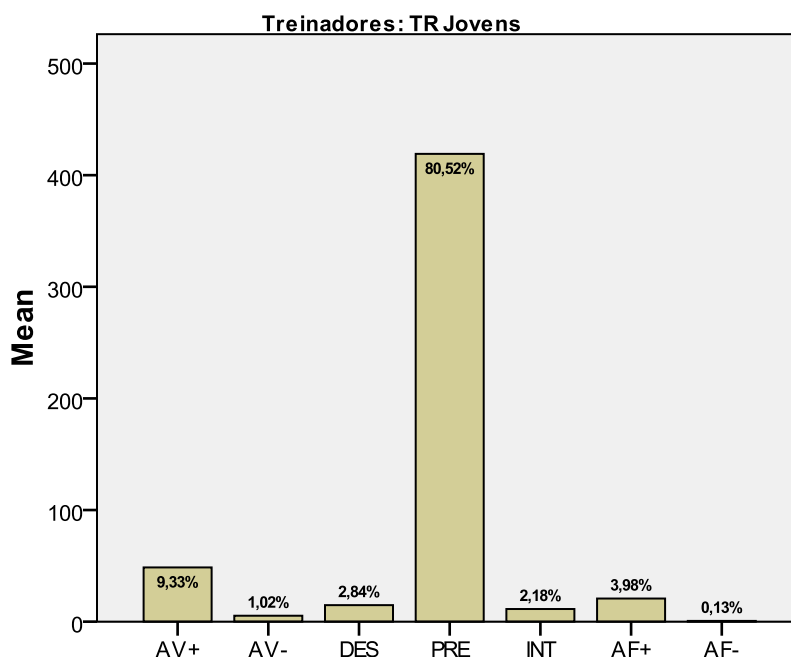


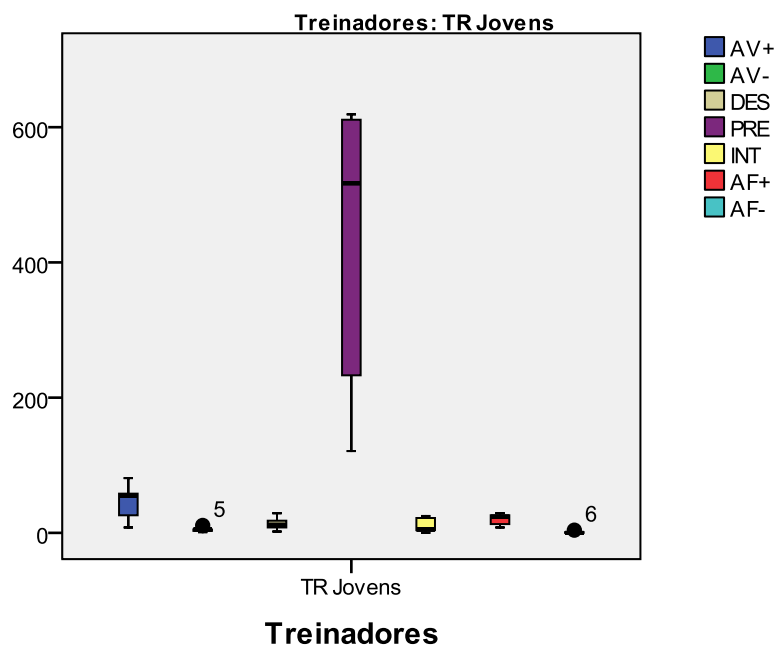
Gráfico 1 – Valores em % da Dimensão Objectivo da Instrução durante a Competição

Como podemos verificar existe uma grande preocupação por parte dos treinadores em ajudar os jogadores, prescrevendo as melhores opções para resolução eficaz das

situações de jogo. Também existe uma grande preocupação por parte dos treinadores de jovens em criar um clima positivo para que os jovens jogadores possam ter um bom rendimento, o que se pode ver reflectido nos valores baixos de avaliação/afectividade negativa, comparativamente com os valores encontrados de avaliação/afectividade positiva. Será também importante salientar que 93,83% da instrução emitida tem como objectivo prescrever comportamentos e acções mais eficazes para a resolução das situações de jogo, ou a avaliar/elogiar os jogadores e equipa procurando manter os níveis altos de motivação.

Mesquita (2005) refere que o treinador em competição deve ser positivo, concentra-se no jogo para que possa fornecer informações pertinentes de carácter formativo e positivo. Os valores encontrados no nosso estudo vão claramente no sentido do defendido pelo referido autor, bem como na direcção de valores encontrados em outros estudos – Santos (2003), Moreno e Alvarez (2004), que demonstram a utilização de instrução de carácter positivo e centrada na prescrição de comportamentos e acções tecnico-tácticas mais eficazes na resolução das situações de jogo.

Santos (2003) no seu estudo com treinadores de seniores da II divisão B de Portugal, utilizando também o SAIC, encontrou valores mais altos de afectividade positiva (6,7%) relativamente à instrução avaliativa positiva (4,9%). No nosso estudo verificou-se valores mais altos de instrução avaliativa positiva (9,33%) relativamente à afectividade



**Gráfico 2 – Outliers referentes à Dimensão Objectivo da Instrução durante a Competição**

positivo (3,98%). Em relação à instrução descritiva, foram encontrados nos treinadores de jovens da nossa amostra (2,84%) valores similares aos verificados pelo mesmo autor (3,1%). No que diz respeito à instrução interrogativa verificamos valores mais altos ao estudo efectuado por Santos (2003), 2,18% e 0,8% respectivamente.

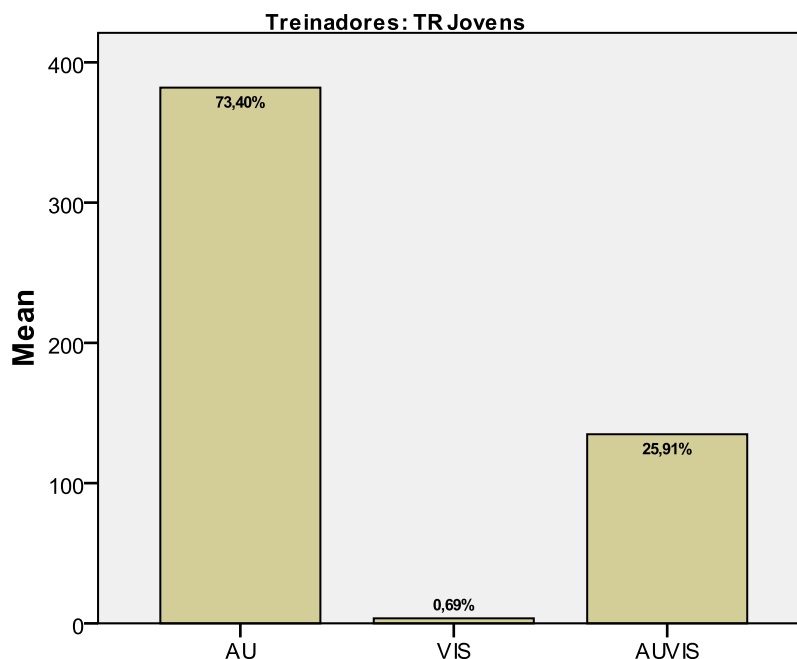
De acordo com gráfico n.º 2 todos os treinadores mantêm-se dentro dos valores médios verificados nas observações dos treinadores jovens, à excepção dos jogos 5 e 6 em que o treinador utilizou com mais frequência instrução avaliativa/afectiva negativa, o que demonstra que nestes jogos o treinador reagiu mais vezes às execuções dos jogadores e/ou equipa de forma negativa. Tendo em conta que nestes jogos não se registaram os valores mais altos na categoria – modifica o comportamento negativamente, mas dos mais altos na categoria – não modifica o comportamento, pode explicar de alguma forma os resultados obtidos.

### 6.1.3 Dimensão Forma

Nesta dimensão os valores que iremos apresentar são respeitantes às categorias do Sistema de Análise de Instrução em Competição – Auditiva, Visual e Auditiva-Visual.

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Auditivo	117	627	382,00	212,12
Visual	1	8	3,59	2,15
Auditivo-Visual	22	235	134,86	49,10

**Tabela 9 – Dimensão Forma da Instrução durante a Competição**

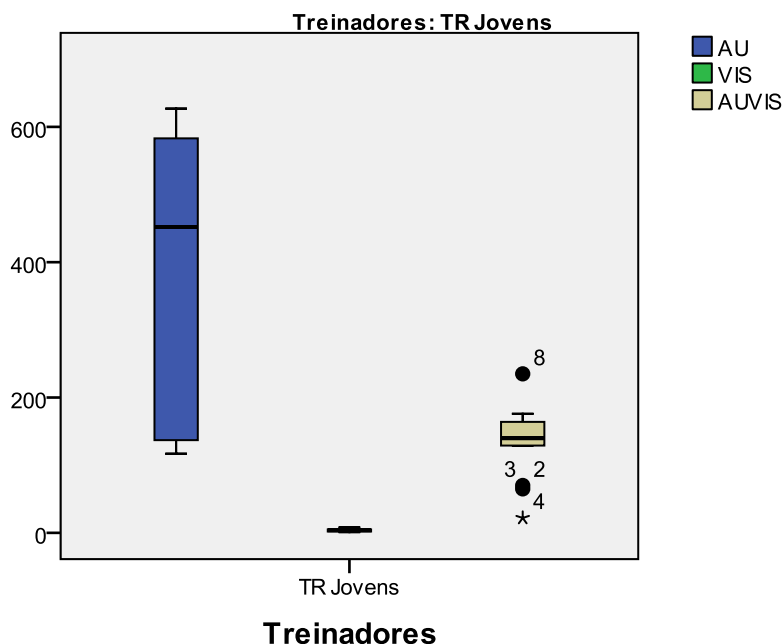


**Gráfico 3 – Valores em % da Dimensão Forma da Instrução durante a Competição**

A tabela 9 e o gráfico 3 demonstram que os treinadores de jovens da nossa amostra emitem preferencialmente instrução de forma auditiva (73,40%), seguindo-se a forma auditiva-visual (25,91%). A instrução transmitida de forma visual é bastante diminuta (0,69%).

Mesquita (2005) defende, ao contrário do verificado no nosso estudo com treinadores de jovens, que a melhor forma de comunicar com os jogadores é através da instrução na sua forma não-verbal.

Os valores por nós encontrados, embora mais altos na forma auditiva e mais baixos na forma auditiva-visual, vão ao encontro dos resultados obtidos por Santos (2003) em treinadores de seniores (66% - 33,5%).



**Gráfico 4 – Outliers referentes à Dimensão Forma da Instrução durante a Competição**

De acordo com o gráfico 4 podemos verificar que nos jogos 2 e 3, os treinadores observados apresentam valores mais baixos que a média registada para a subcategoria auditiva-visual e no jogo 4 o treinador observado regista valores muito próximos dos registados para a forma visual. Os treinadores observados nestes jogos são os que apresentam valores mais baixos de quantidade de instrução emitida, procurando fazer o aporte de informação preferencialmente nos momentos de paragem do jogo, ou quando os jogadores não estão no centro do jogo, utilizando para o efeito instrução na sua forma verbal.

No entanto no jogo 8, o treinador observado, procurou mais frequentemente acompanhar a instrução auditiva com gestos, com o objectivo de transmitir de forma eficaz a informação pretendida. Foi um jogo importante para a equipa observada e o treinador procurou incentivar, avaliar e prescrever comportamentos mais eficazes para a resolução das situações de jogo através da emissão da instrução na sua forma auditiva-visual, na tentativa de manter os seus jogadores sempre atentos e sem dúvidas do que efectivamente era pretendido.

Somente na categoria auditiva-visual é que se encontra valores fora da concentração de resultados obtidos nos restantes treinadores. Em 30% dos jogos observados, os treinadores apresentam valores baixos, muito próximos dos registados para a categoria visual. Em um jogo (10%), o treinador observado utilizou a forma auditiva-visual mais

frequentemente que os restantes treinadores. De acordo com o referido, fica reforçada a ideia que os treinadores utilizam predominantemente a forma auditiva para transmitir a informação aos jogadores e equipa, no entanto também têm a preocupação de acompanhar a informação verbal com gestos afim de tornar a instrução mais eficaz.

#### 6.1.4 Dimensão Direcção

A dimensão direcção do Sistema de Análise da Instrução em Competição é composta por 4 categorias: Atleta, Atleta Suplente, Grupo e Equipa. A categoria Grupo subdivide-se em 4 sub-categorias: Grupo de Defesas, Grupo de Médios, Grupo de Avançados e Grupo de Suplentes.

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Atleta	125	646	426,64	199,69
Atleta Suplente	11	26	19,47	5,04
Grupo Defesas	1	13	5,86	4,40
Grupo Médios	0	35	14,04	11,96
Grupo Avançados	0	9	3,39	3,48
Grupo Suplentes	0	5	2,19	1,55
Equipa	6	75	49,03	26,31

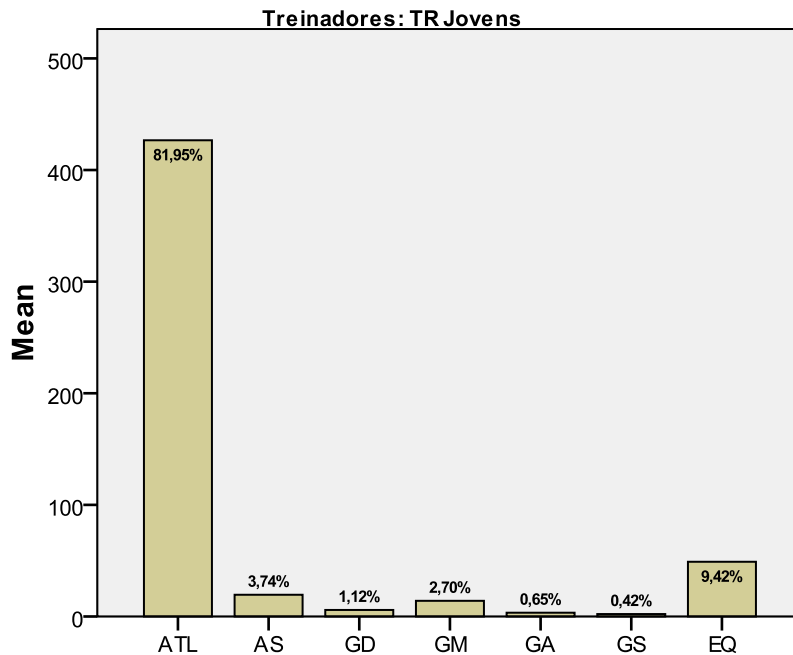
**Tabela 10 – Dimensão Direcção da Instrução durante a Competição**

De acordo com a tabela 10 e gráfico 5, podemos verificar que a direcção do aporte de informação nos treinadores de jovens é predominantemente o atleta (81,95%), seguindo-se a equipa (9,42%), atleta suplente (3,74%) e grupo de médios (2,70%).

Dos dados apresentados ressalta também a preocupação dos treinadores emitirem informação direccionada aos sectores da equipa (4,47%), afim de conseguir uma melhor articulação dos sectores da equipa para uma eficaz resolução das situações de jogo. Esta preocupação dos treinadores observados é reforçada se verificarmos os valores mais baixos encontrados por Santos (2003) em treinadores de seniores de futebol (1,2%).

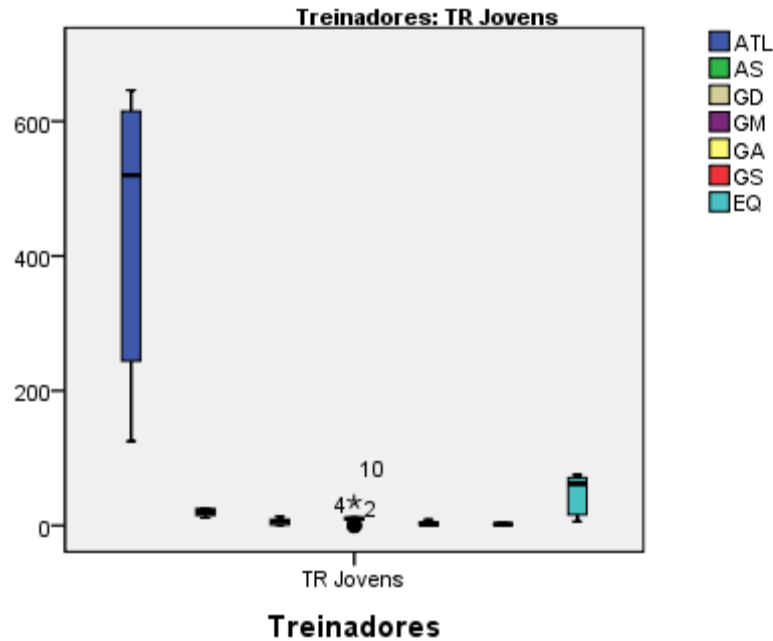
Os nossos valores vão na direcção dos encontrados por diversos estudos já efectuados. Cloes et al. (1993) num estudo na modalidade de Voleibol encontraram 50,3% da informação direccionada ao indivíduo, 28,4% direccionada ao equipa ou grupo e 13,7%

direccionada a atletas suplentes. Santos (2003), no seu estudo com treinadores de seniores de futebol verificou informação direccionada ao atleta (72,5%), seguindo-se à equipa (20,7%) e atleta suplente (5,5%). Ramirez e Diaz (2004) com treinadores de jovens, na modalidade de futebol, também verificaram instrução preferencialmente direccionada ao atleta (72%).



**Gráfico 5 – Valores em % da Dimensão Direcção da Instrução durante a Competição**

Comparando com os estudos já mencionados, verificámos também que o valor da informação direccionada ao atleta é mais alto e da informação direccionada à equipa mais baixo. Os resultados por nós registados estão em conformidade com o defendido por Moreno e Alvarez (2004), que referem que a instrução emitida durante a competição deve ser preferencialmente direccionada ao atleta e somente nas paragens do jogo ao colectivo.



**Gráfico 6 – Outliers referentes à Dimensão Direcção da Instrução durante a Competição**

O gráfico 6 permite-nos visualizar que somente na subcategoria – Grupo de Médios existem dois jogos em que os treinadores fornecem menos informação que o registado nos restantes treinadores. Nestes jogos as equipas dos treinadores observados conseguiram se superiorizar às equipas adversárias.

No jogo 10, o treinador emitiu mais informação que os restantes treinadores na direcção para o sector médio da equipa, devido aos problemas sentidos durante a competição na recuperação da posse da bola e na construção do jogo ofensivo.

O meio campo é o sector para o qual os treinadores de jovens dirigem maior atenção o que se reflecte na frequência de instrução emitida comparativamente aos outros sectores da equipa.

### 6.1.5 Dimensão Conteúdo

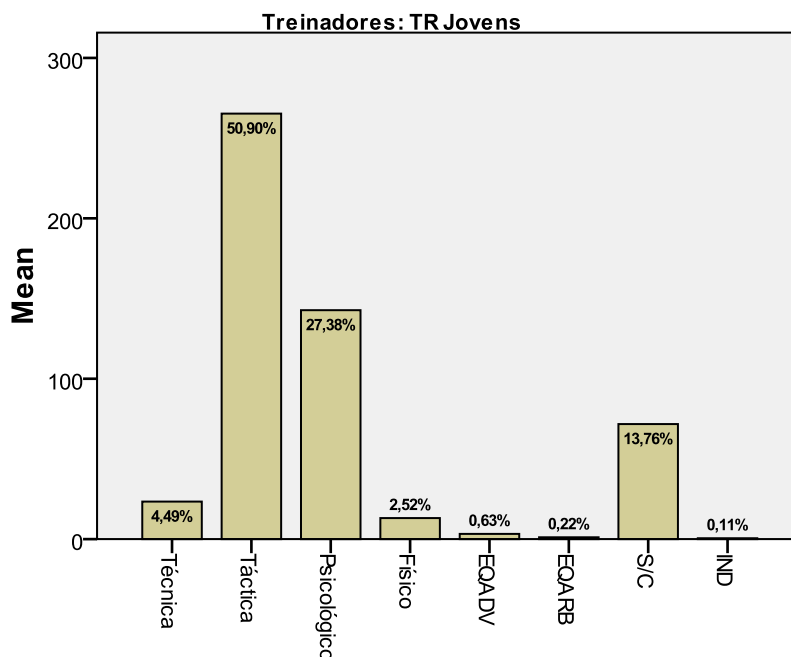
Os resultados apresentados no quadro 12 são relativos à dimensão conteúdo do Sistema de Análise da Instrução em Competição. A referida dimensão é dividida em oito categorias: Técnica, Tática, Psicológico; Físico, Equipa Adversária, Equipa de

Arbitragem, Sem Conteúdo e Indeterminado, que por sua vez são subdivididas em subcategorias.

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Técnica Ofensiva	0	54	21,81	20,50
Técnica Defensiva	0	4	1,59	1,54
<b>Técnica</b>	<b>0</b>	<b>56</b>	<b>23,40</b>	<b>21,27</b>
Tática de Sistema de Jogo	1	18	9,91	6,43
Tática de Método de Jogo	21	131	77,61	34,97
Tática dos Esquemas Táticos	6	100	50,59	29,37
Tática dos Princípios de Jogo	1	43	24,33	16,33
Tática de Funções/Missões Específicas do Jogo	1	14	7,33	4,84
Tática da Combinações	20	90	53,80	27,90
Tática de Eficácia Geral	8	88	41,72	29,90
<b>Tática</b>	<b>74</b>	<b>392</b>	<b>265,29</b>	<b>121,93</b>
Psicológico Ritmo de Jogo	3	64	25,68	23,60
Psicológico Confiança	0	14	3,67	4,68
Psicológico Pressão Eficácia	16	158	79,11	47,45
Psicológico Atenção	0	24	15,94	8,28
Psicológico Concentração	0	10	2,24	2,64
Psicológico Pressão Combatividade	1	15	8,68	5,32
Psicológico Resistência às Adversidades	1	15	5,72	3,92
Psicológico Responsabilidade	0	6	1,70	1,55
<b>Psicológico</b>	<b>36</b>	<b>239</b>	<b>142,74</b>	<b>76,96</b>
Físico Resistência	0	3	0,37	0,80
Físico Velocidade de Execução	0	8	3,21	3,25
Físico Velocidade de Deslocamento	0	3	1,87	1,20
Físico Velocidade de Reacção	0	1	0,23	0,42
Físico Força	0	3	0,94	1,21
Físico Aquecimento	3	11	6,50	2,89
<b>Físico</b>	<b>4</b>	<b>21</b>	<b>13,12</b>	<b>5,71</b>
Equipa Adversária	0	7	3,26	1,99
Equipa de Arbitragem	0	3	1,14	1,11
Sem Conteúdo	26	100	71,73	24,48
Indeterminado	0	1	0,55	0,49

**Tabela 11 – Dimensão Conteúdo da Instrução durante a Competição**

O conteúdo da instrução dos treinadores de jovens observados é predominantemente tático (50,90%). Segue-se o conteúdo psicológico (27,38%), sem conteúdo (13,76%), técnico (4,49%) e físico (2,52%). De registar os valores mais baixos para o conteúdo relativo à equipa adversária (0,63%) e equipa de arbitragem (0,22%).



**Gráfico 7 – Valores em % da Dimensão Conteúdo da Instrução durante a Competição**

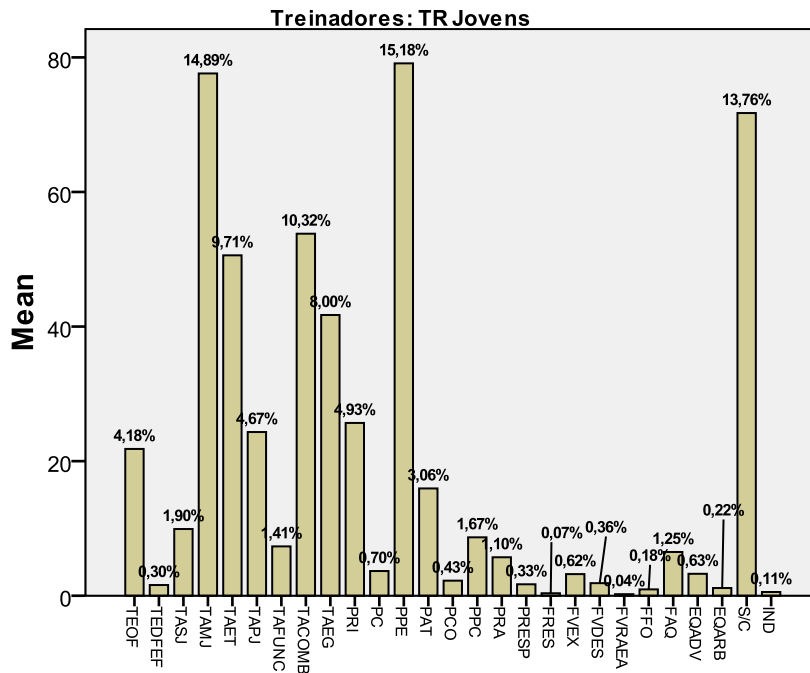
O valor para a categoria “sem conteúdo” é o terceiro mais alto, devido aos treinadores emitirem uma quantidade considerável de instrução avaliativa e afectiva que é desprovida de conteúdo específico. Este valor (13,76%) é mais alto do encontrado por Santos (2003) em treinadores de seniores (11%).

Ao analisarmos os resultados não podemos deixar de registar que, apesar do conteúdo tático ser o que apresenta maiores valores relativos, a subcategoria psicológica pressão eficácia (15,18%) é que tem maior utilização por parte dos treinadores de jovens. Tal facto leva-nos a referir que os treinadores de jovens que compõem a nossa amostra, procuram pressionar os jogadores e equipa, no sentido de os incentivar e motivar, tendo em vista uma maior eficácia no jogo. Hotz (1999) defende que os incitamentos orientados para a realização da tarefa durante a competição têm efeitos construtivos.

A segunda subcategoria que apresenta maiores valores é relativa ao método de jogo defensivo e ofensivo da equipa (14,89%), seguindo-se o conteúdo referente às combinações táticas (10,32%).

Estes resultados demonstram que os treinadores de jovens da nossa amostra emitem instrução com conteúdo que pretende incentivar e motivar os jogadores e equipa, tendo em vista a eficácia na resolução das situações de jogo, bem como otimizar a

organização geral da equipa, tendo em conta o método de jogo ofensivo e defensivo. Os treinadores observados, demonstram também uma grande preocupação relativamente às combinações tácticas ofensivas simples, directas e indirectas e em emitir informação ao portador da bola para efectuar combinações com um colega de equipa ou vice-versa.



**Gráfico 8 – Valores em % das Categorias/Subcategorias da Dimensão Conteúdo durante a Competição**

De facto as categorias táctica e psicológica (78,28%) abrangem uma grande parte do conteúdo da instrução emitida pelos treinadores de jovens, o que está em conformidade com o defendido por Cunha (1998) e Castelo (2003) que referem que a direcção da equipa durante a competição tem dois objectivos:

- Orientação dos jogadores e equipa de acordo com a planificação táctica estabelecida para o jogo;
- Motivar os jogadores para a conquista dos objectivos pré-estabelecidos.

No entanto, o conteúdo táctico predomina na instrução dos treinadores observados, estando de acordo com outros estudos efectuados, também no futebol, por Quintal (2000), Santos (2003) e Ramirez e Diaz (2004). Moreno e Alvarez (2004) defendem que o treinador em competição deve emitir informação fundamentalmente de conteúdo táctico, principalmente se os jogadores não estiverem no centro do jogo.

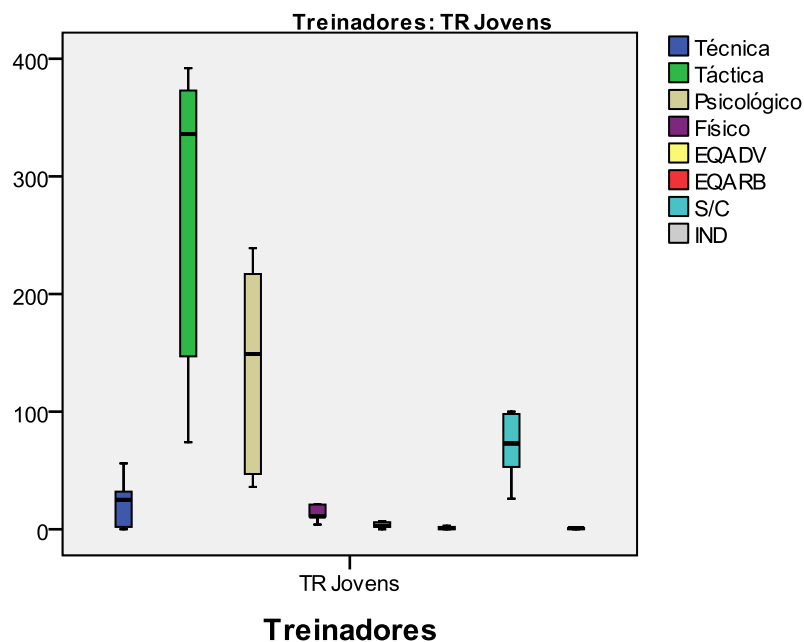
Moreno et al. (2005) verificaram num questionário com treinadores *experts* em Voleibol, que estes atribuem uma maior importância à informação de conteúdo tático-estratégico, o que se aproxima dos valores registados com os nossos treinadores do sector de formação observados.

No que concerne à categoria técnica (4,49%), os treinadores de jovens do nosso estudo apresentam valores mais baixos dos registados por Santos (2003) com treinadores de seniores (6,5%) e por Ramirez & Diaz (2004) com treinadores do sector de formação (7,36%). No nosso estudo os treinadores dão mais ênfase ao conteúdo relativo à técnica ofensiva (4,18%).

A categoria físico (2,52%) apresenta valores que estão de acordo com os registados por Santos (2003) (2,5%), estando a instrução emitida pelos treinadores do nosso estudo preferencialmente relacionada com o aquecimento dos atletas ou grupo de atletas suplentes (1,25%), velocidade de execução (0,62%) e velocidade de deslocamento (0,36%).

Moreno e Alvarez (2004) referem que os treinadores após programa de formação aumentaram a informação relativa à equipa adversária. Moreno et al. (2005) efectuaram um questionário sobre a eficácia do comportamento verbal, tendo os treinadores *experts* de voleibol referido, em percentagens similares, que a informação a ser emitida deve ser à própria equipa (49%) e equipa adversária (51%). Tal facto não se verifica nos treinadores do sector de formação que compõem a nossa amostra, pois o valor registado relativo à equipa adversária é de 0,63%.

No que concerne à categoria – equipa de arbitragem, a informação emitida pelos treinadores de jovens observados é bastante reduzida (0,22%), de acordo com o registado no estudo efectuado por Santos (2003) com treinadores de seniores na modalidade de futebol (0,4%).



**Gráfico 9 – Outliers referentes à Dimensão Conteúdo da Instrução durante a Competição**

De acordo com o gráfico 9, referente à dimensão conteúdo podemos verificar que não existiu treinadores com valores fora dos intervalos máximos e mínimos registados com a totalidade dos treinadores.

#### 6.1.6 Dimensão Atenção

Relativamente à dimensão atenção, os valores que iremos apresentar dizem respeito às categorias: Atento, Desatento e Indeterminado. As duas primeiras categorias (atento e desatento) subdividem-se em subcategorias relacionadas com atleta, atleta suplente, grupo e equipa.

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Atenção Atleta	122	643	422,46	200,29
Atenção Atleta Suplente	11	27	19,25	5,23
Atenção Grupo	3	55	24,58	18,06
Atenção Equipa	5	71	47,45	25,43
Desatenção Atleta	0	11	2,87	2,48
Desatenção Atleta Suplente	0	0	0,00	0,00
Desatenção Grupo	0	1	0,35	0,47
Desatenção Equipa	0	4	1,18	1,32
Indeterminado	0	4	2,43	1,06

Tabela 12 – Dimensão Atenção da Instrução durante a Competição

De acordo com os valores apresentados na tabela 13 e gráfico 10, podemos verificar que atletas (81,15%), atletas suplentes (3,70%), grupo de atletas (4,72%) e equipa (9,12%) não mostram sinais evidentes de desatenção relativamente ao jogo ou ao treinador.

Desta forma, podemos concluir que em 98,69% das ocorrências os atletas, atletas suplentes, grupo de atletas e equipa estão atentos. Este valor demonstra que os atletas e equipa têm comportamentos e/ou executam acções técnico-táticas que procuram resolver as situações de jogo, estão a ver e/ou ouvir as instruções emitidas pelo treinador.

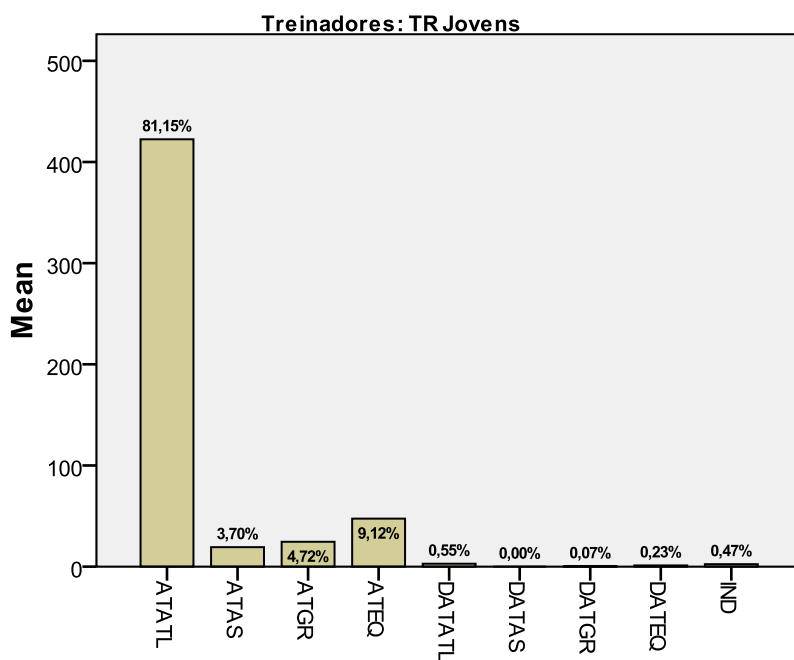


Gráfico 10 – Valores em % da Dimensão Atenção durante a Competição

Não encontramos estudos que procurem verificar a atenção dos atletas durante a competição. No entanto Richheimer e Rodrigues (2000), efectuaram um estudo em contexto de treino e encontraram valores para atenção dos jogadores de 96,70%, que estão de acordo com os registados por nós em contexto de competição.

De acordo com o gráfico 11, no jogo 10 foi registado um maior valor para a categoria atenção grupo. No mesmo jogo, o treinador observado emitiu mais instrução para o grupo de médios, tendo este sector da equipa mostrado atenção relativamente ao jogo e aporte de informação.

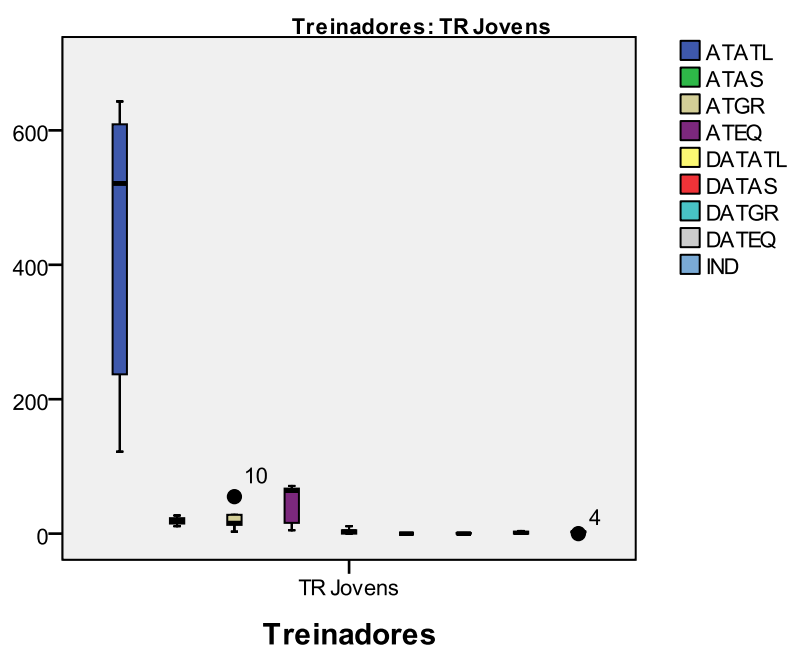


Gráfico 11 – Outliers referentes à Dimensão Atenção durante a Competição

### 6.1.7 Dimensão Comportamento Motor Reactivo

Os valores obtidos para esta dimensão são resultantes dos comportamentos dos atletas, grupo de atletas e equipa, imediatamente observáveis após o aporte de informação pelo treinador.

Nesta dimensão iremos apresentar os resultados obtidos nas seguintes categorias: Modifica o Comportamento, Reforço e Indeterminado. A categoria Modifica o Comportamento subdivide-se em três categorias – Modifica o Comportamento

Positivamente, Modifica o Comportamento Negativamente e Não Modifica o Comportamento. A categoria Reforço é dividida em duas subcategorias – Reforço Positivo e Reforço Negativo.

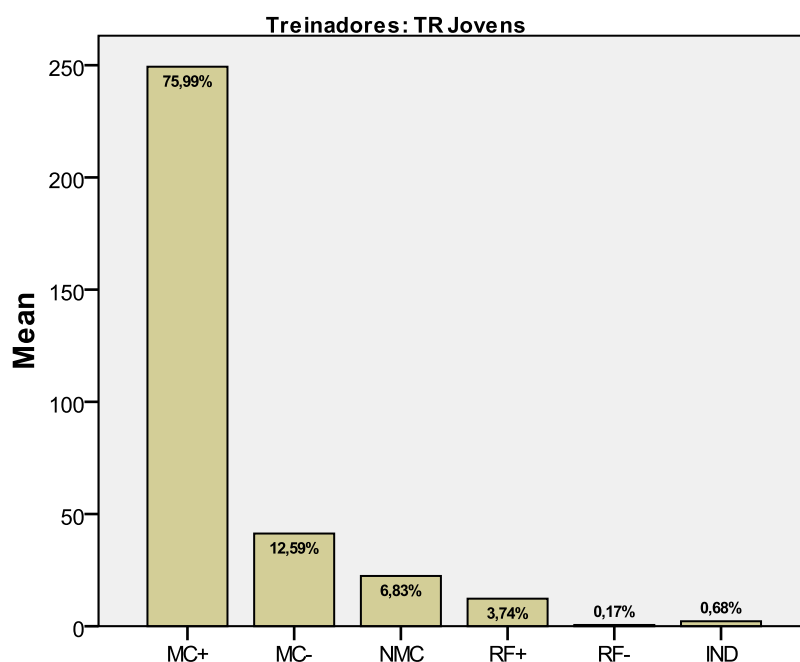
	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Modifica o Comportamento Positivamente	64	402	249,34	128,45
Modifica o Comportamento Negativamente	9	73	41,31	26,28
Não Modifica o Comportamento	7	35	22,40	9,73
Reforço Positivo	3	17	12,28	5,02
Reforço Negativo	0	2	0,56	0,68
Indeterminado	0	4	2,22	1,17

**Tabela 13 – Dimensão Comportamento Motor Reactivo da Instrução durante a Competição**

Os treinadores de jovens da nossa amostra emitem uma quantidade média de instrução de 521,23. Da quantidade média de instrução fornecida pelos treinadores somente 62,94% tem repercussões no comportamento dos atletas e equipa.

Relativamente aos comportamentos imediatamente observáveis à emissão de instrução por parte do treinador, verifica-se que em 75,99%, os atletas, grupo de atletas ou equipa modificam o comportamento positivamente, ou seja, o comportamento ou acção técnico-táctica está de acordo com a informação transmitida. Estes valores estão de acordo com os resultados registados em estudos efectuados por Pierón (1980), Pierón e Delmelle (1982), Rodrigues (1995a) em contexto escolar, Richheimer e Rodrigues (2000) em contexto de treino.

Os valores registados no nosso estudo relativamente à categoria modifica o comportamento negativamente (12,59%), são bastante mais altos dos registados por Richheimer & Rodrigues (2000) em contexto de treino (0,26%), procurando verificar o comportamento após feedback.



**Gráfico 12 – Valores em % da Dimensão Comportamento Motor Reactivo durante a Competição**

Os atletas e equipa não modificam o comportamento em resultado da instrução do treinador em 6, 83% das ocorrências registadas. Estes valores são também mais altos dos registados por Richheimer e Rodrigues (2000) com treinadores professores de Educação Física, na modalidade de Andebol, em contexto de treino (2,68%).

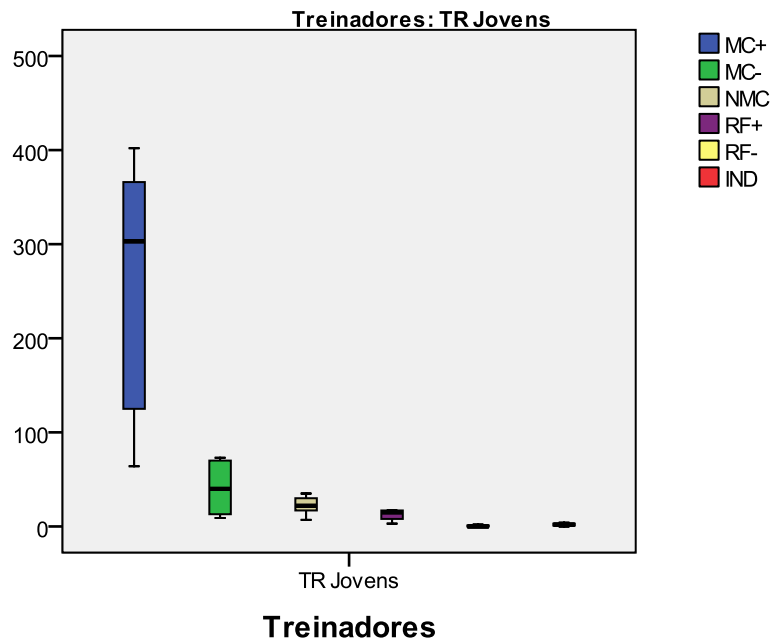
Estes valores podem se justificar porque os estudos foram efectuados em realidades bastante distintas.

Cunha (1998), Graça (1998) e Lima (2000) apontam algumas justificações para as dificuldades de recepção da informação por parte dos atletas, que estão relacionadas com o conhecimento anterior que o praticante possui, com a percepção que os receptores fazem da informação transmitida, com a capacidade do treinador fornecer informação, com a objectividade da informação transmitida e devido à perturbação da concentração, atenção e à elevada exigência de processamento de informação proveniente do jogo.

Segundo Mesquita et al. (2008), existem factores que podem afectar a capacidade de processar a informação: o nervosismo e ansiedade próprias da competição, a quantidade e natureza da informação transmitida.

Os valores encontrados para as subcategorias reforço positivos (3,74%) e reforço negativos (0,17%), demonstram que o treinador faz avaliações positivas durante os comportamentos e acções tecnico-táticas, levando os atletas a continuarem o que anteriormente foi valorizado.

Comparando estes valores com os resultados obtidos para instrução com objectivo avaliativo/afectivo positivo, podemos concluir que os treinadores de jovens observados preferem emitir uma avaliação qualitativa após a execução dos atletas e equipa. O mesmo se verifica relativamente aos valores obtidos de reforço negativo e avaliação/afectividade negativa.



**Gráfico 13 – Outliers referentes à Dimensão Comportamento Motor Reactivo durante a Competição**

Como podemos verificar no gráfico 13, não existe treinadores que apresentem resultados fora do intervalo de valores registados pelos restantes treinadores.

Os treinadores do sector de formação observados para o nosso estudo emitem muita instrução, de carácter predominantemente positiva e centrada na prescrição de comportamentos e acções tecnico-táticas mais eficazes, direccionada ao indivíduo, fundamentalmente sob a forma auditiva e com conteúdo preferencialmente tático. Os

jogadores e equipa estão atentos e modificam o comportamento de acordo com a instrução fornecida pelo treinador.

## 6.2 Treinadores de Seniores

### 6.2.1 Quantidade de Instrução

Nos treinadores de seniores da nossa amostra encontramos os seguintes valores para a quantidade de instrução.

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
UI/Min.	2,31	5,40	4,25	1,05

**Tabela 14 – Quantidade de Instrução Treinadores de Seniores durante a Competição**

Como podemos verificar na tabela 14, os valores médios de unidades de informação por minuto é de 4,25. De acordo com a escala definida por Santos (2003) no seu estudo com treinadores de futebol, no escalão de seniores, a nossa amostra emite uma quantidade média de instrução.

O valor registado nos treinadores de seniores do nosso estudo está de acordo com os resultados encontrados por Santos (2003) (4,7 UI/Min.) e é mais baixo dos encontrados por Quintal (2000) com treinadores do sector de formação (6,63 UI/Min.).

### 6.2.2 Dimensão Objectivo

Os valores que iremos apresentar dizem respeito à Dimensão Objectivo do Sistema de Análise da Instrução em Competição, nas seguintes categorias: Avaliativo Positivo, Avaliativo Negativo, Descritivo, Prescritivo, Interrogativo, Afectividade Positiva, Afectividade Negativa.

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Avaliativo Positivo	9	51	34,21	14,49
Avaliativo Negativo	0	7	4,11	2,58
Descritivo	1	21	10,51	6,63
Prescritivo	185	416	331,24	84,73
Interrogativo	1	8	4,44	3,02
Afectivo Positivo	3	45	27,55	14,63
Afectivo Negativo	0	4	1,09	1,11

Tabela 15 – Dimensão Objectivo da Instrução durante a Competição

O objectivo da instrução emitida pelos treinadores de seniores da nossa amostra é preferencialmente prescritivo (80,17%), seguindo-se a categoria avaliativa positiva (8,28%), afectividade positiva (6,67%) e descritivo (2,54%). Os valores mais baixos foram registados para as categorias interrogativo (1,07%), avaliativo negativo (1%) e afectividade negativa (0,26%).

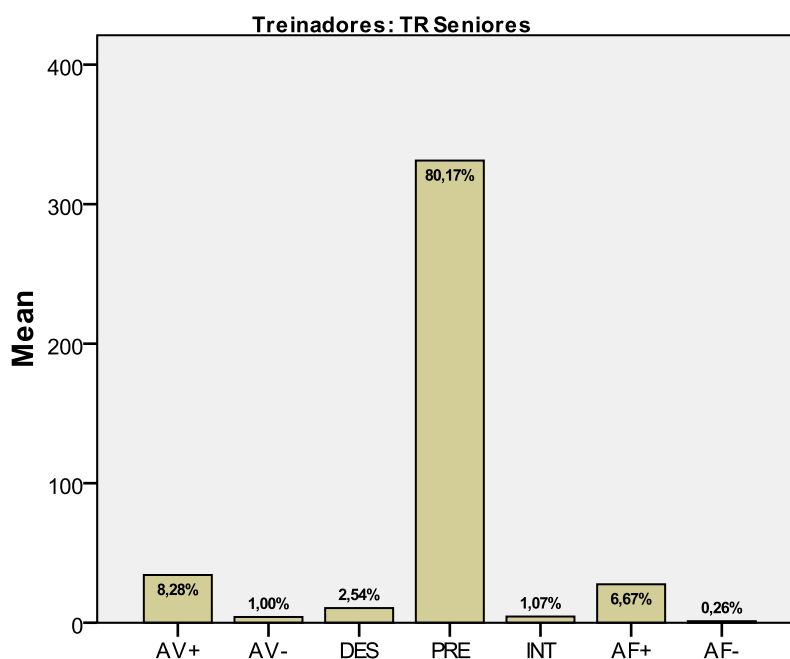


Gráfico 14 – Valores em % da Dimensão Objectivo durante a Competição

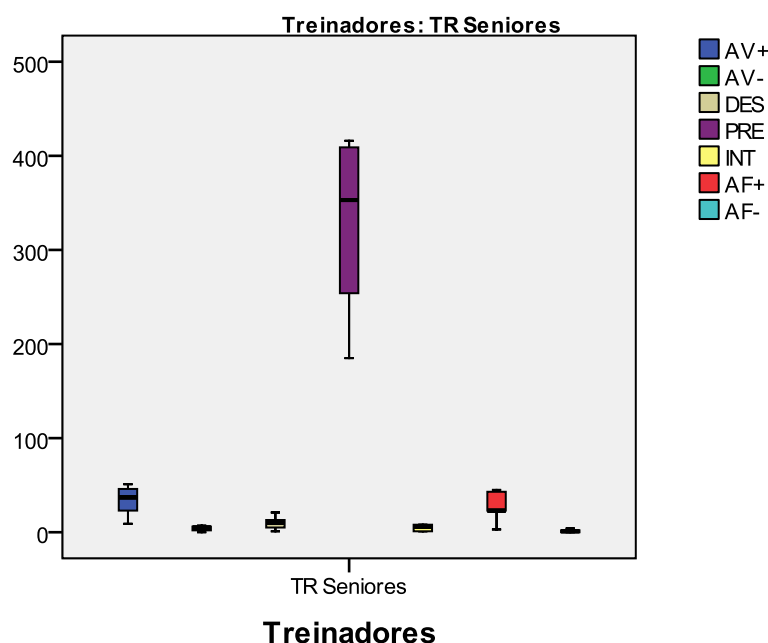
Existe uma grande preocupação dos treinadores em emitir a informação com o objectivo de prescrever comportamentos e acções técnico-tácticas mais eficazes para a resolução das situações de jogo, o que se reflecte nos valores registados na categoria prescritiva.

Os treinadores de seniores observados também demonstram preocupação em avaliara/elogiar os comportamentos e acções técnico/tácticas executadas pelos jogadores.

Desta forma a maioria da instrução emitida pelos treinadores (95,12%) consiste em prescrever comportamentos e/ou acções técnico-tácticas mais eficazes para a resolver as situações de jogo, ou avaliar/elogiar os seus jogadores.

Estes valores encontrados no nosso estudo estão em conformidade com o defendido por diversos autores. Santos (2003), Moreno e Alvarez (2004) e Mesquita (2005) referem a importância da informação com carácter positivo e prescrição de comportamentos e acções tecnico-tácticas mais eficazes na direcção da equipa durante a competição.

Também é importante registar os valores baixos encontrados nos treinadores da amostra relativamente à avaliação e afectividade negativa, não criticando os jogadores e equipa, procurando conseguir a motivação, auto-estima e auto-confiança necessárias para atingir os objectivos. No entanto, esses valores (1,26%) são mais elevados do que os registados por Santos (2003), também com treinadores seniores (0,5%).



**Gráfico 15 – Outliers referentes à Dimensão Objectivo durante a Competição**

De acordo com o gráfico 15, nos treinadores de seniores observados não existe valores fora dos intervalos máximos e mínimos registados nos restantes treinadores.

### 6.2.3 Dimensão Forma

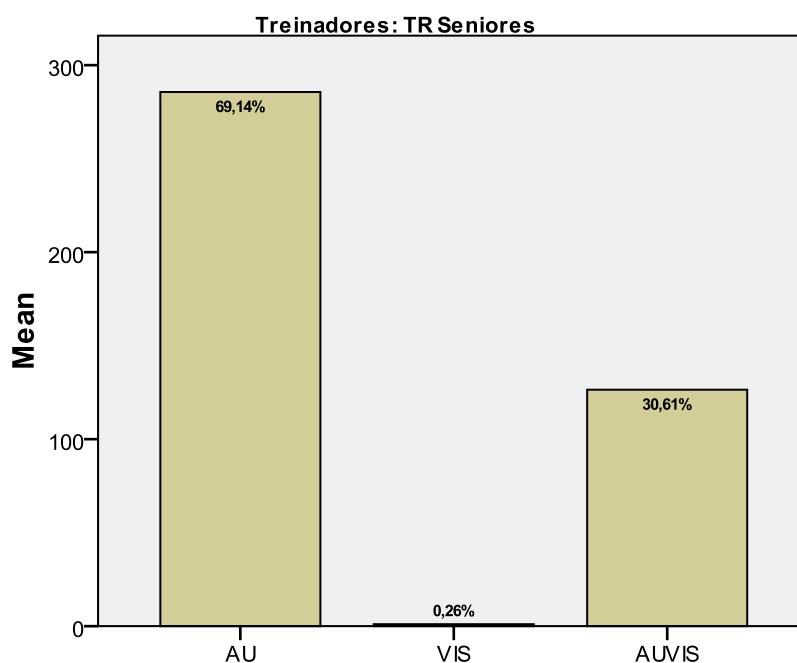
Neste ponto iremos apresentar os resultados relativos à dimensão forma do Sistema de Análise da Instrução em Competição, nas seguintes categorias: Auditivo, Visual e Auditivo-Visual.

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Auditivo	116	464	285,65	121,12
Visual	0	2	1,06	0,855
Auditivo-Visual	49	253	126,45	66,12

**Tabela 16 – Dimensão Forma da Instrução durante a Competição**

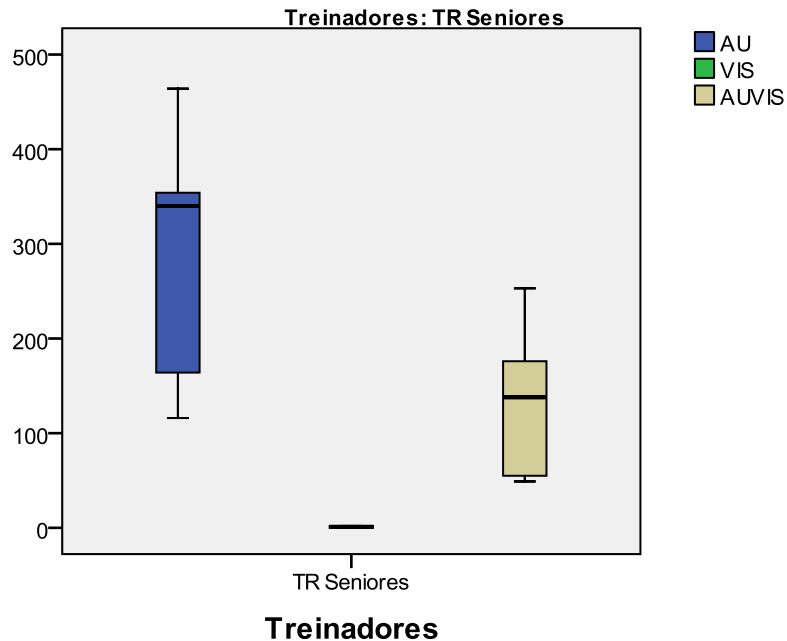
De acordo com os valores apresentados na tabela 16 e gráfico 16, os treinadores de seniores emitiram instrução preferencialmente sob a forma auditiva (69,14%), seguindo-se a forma auditiva-visual (30,61%) e visual (0,26%).

Apesar de Mesquita (2005) referir que nem sempre a melhor forma de comunicar com os jogadores é dizer-lhes o que pensa, mas através da instrução não-verbal, a forma preferencial que os treinadores da nossa amostra utilizam para emitir instrução é a auditiva.



**Gráfico 16 – Valores em % da Dimensão Forma durante a Competição**

Os valores por nós encontrados relativamente à dimensão forma, estão de acordo com o registado por Santos (2003) no seu estudo com treinadores seniores, na modalidade de futebol.



**Gráfico 17 – Outliers referentes à Dimensão Forma durante a Competição**

Como podemos verificar no gráfico 17, não existe valores fora dos intervalos registados para os restantes treinadores de seniores observados no nosso estudo.

#### **6.2.4 Dimensão Direcção**

Nos treinadores de seniores do nosso estudo foram registados os seguintes valores nas categorias (Atleta, Atleta Suplente, Grupo – Grupo de Defesas, Grupo de Médios, Grupo de Avançados, Grupo de Suplentes e Equipa) da Dimensão Direcção do Sistema de Análise da Instrução em Competição.

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Atleta	137	407	310,45	95,74
Atleta Suplente	9	32	24,35	6,85
Grupo de Defesas	0	7	3,93	2,29
Grupo de Médios	2	24	14,65	7,68
Grupo de Avançados	0	8	2,29	2,12
Grupo de Suplentes	0	7	2,65	2,45
Equipa	22	76	54,70	17,11

Tabela 17 – Dimensão Direcção da Instrução durante a Competição

De acordo com a tabela 17 e gráfico 18 a direcção da instrução emitida pelos treinadores de seniores observados é preferencialmente ao atleta (75,17%), seguindo-se à Equipa (13,24%), atleta suplente (5,89%) e grupo de médios (3,55%).

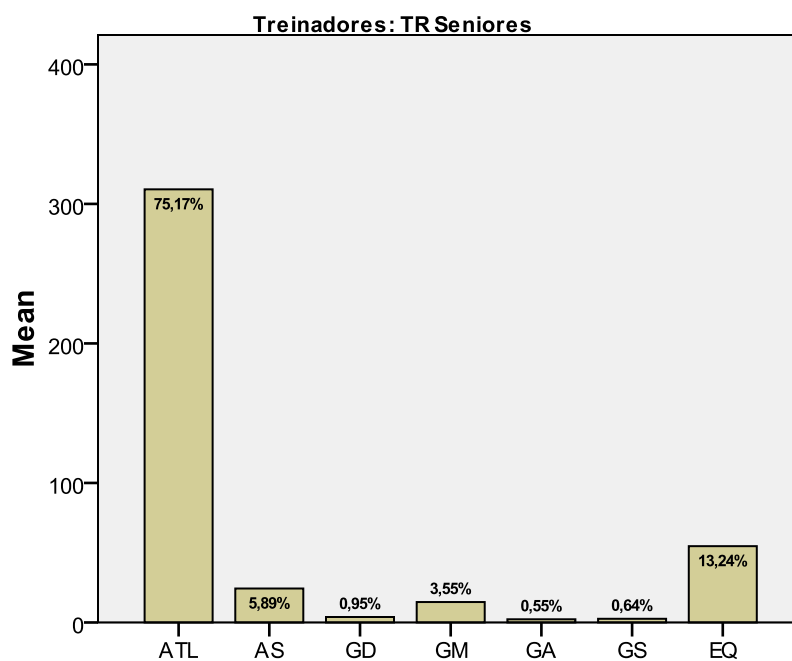


Gráfico 18 – Valores em % da Dimensão Direcção durante a Competição

De ressaltar é o valor obtido para a informação direccionada para os sectores da equipa (5,05%). Este valor demonstra a preocupação dos treinadores seniores observados, em articular os diferentes sectores da equipa. Santos (2003), também com treinadores de seniores, obteve valores para a informação direccionada aos sectores da equipa de 0,8%.

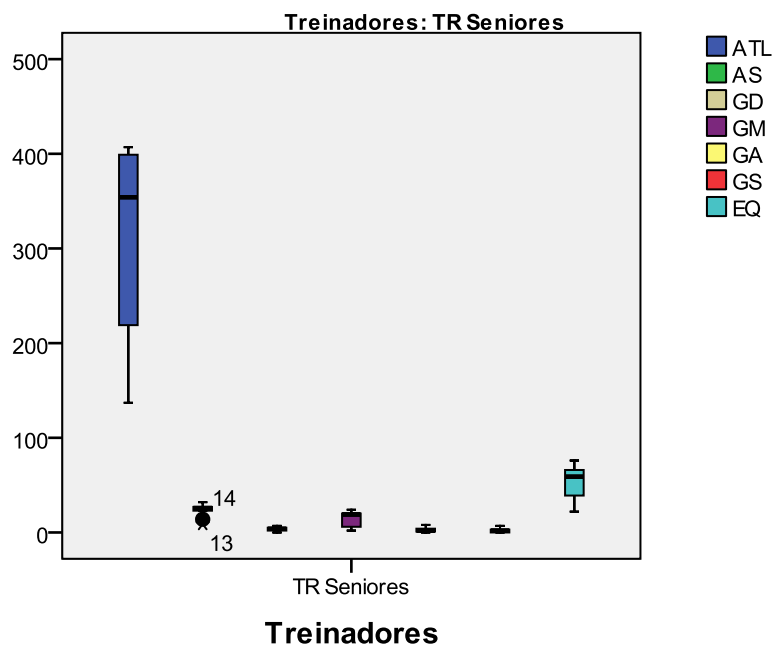
Moreno et al. (2005) efectuaram um questionário a treinadores *experts* em Voleibol, tendo referido que a informação deve ser preferencialmente direccionada ao atleta (63,10%), o que reforça os valores encontrados nos treinadores de seniores observados no nosso estudo.

Estudos efectuados por Cloes et al (1993), Ramirez e Diaz (2004) e Santos (2003) também verificaram que a instrução é preferencialmente direccionada aos atletas.

No entanto, nos treinadores da nossa amostra encontramos valores para a instrução direccionada à equipa (13,24%) mais baixos que os registados por Santos (2003) (20,7%), o que está em conformidade com o defendido por Moreno e Alvarez (2004). Este autor defende que durante a competição a instrução deve ser preferencialmente direccionada ao indivíduo e somente nas paragens de jogo à equipa.

As substituições podem ser consideradas o meio mais operacional e objectivo da intervenção do treinador, durante a competição, para modificar ou corrigir alguns aspectos do plano de jogo (Castelo, 2009). Os treinadores de seniores observados, embora em valores baixos (5,89%), procuraram emitir um conjunto de instruções aos atletas suplentes, relacionadas com a posição no sistema de jogo, com a função/missão a cumprir de acordo com o método de jogo ofensivo e defensivo da equipa, com as combinações tácticas, com os esquemas tácticas e pressionar os jogadores para serem eficazes no jogo. O valor encontrado para esta categoria no nosso estudo, está de acordo com o verificado por Santos (2003) (5,5%).

No entanto, existem dois jogos (13 e 14) que se verificaram valores mais baixos dos registados para os restantes treinadores na categoria atleta suplente. A grande semelhança destes dois jogos é que as equipas saíram derrotadas dos respectivos encontros, tendo os treinadores transmitido poucas informações aos atletas que iam entrar no jogo, relativas ao posicionamento no sistema táctico, a missão/função táctica e pressionado para eficácia. Também foram fornecidas muito poucas informações aos atletas que saíram do jogo.



**Gráfico 19 – Outliers referentes à Dimensão Direcção durante a Competição**

### 6.2.5 Dimensão Conteúdo

Relativamente a esta dimensão do Sistema de Análise da Instrução em competição iremos apresentar os resultados relativos às categorias Técnica, Tática, Psicológica, Físico, Equipa Adversária, Equipa de Arbitragem, Sem conteúdo e Indeterminado. No que concerne às primeiras quatro categorias, também irão ser apresentadas os valores respeitantes às subcategorias.

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Técnica Ofensiva	1	29	11,57	9,65
Técnica Defensiva	0	14	4,06	3,70
<b>Técnica</b>	4	30	15,62	8,85
Tática de Sistema de Jogo	6	24	16,88	5,18
Tática de Método de Jogo	29	117	81,41	26,97
Tática dos Esquemas Tácticos	3	93	33,25	23,66
Tática dos Princípios de Jogo	3	24	12,85	8,50
Tática de Funções/Missões Específicas do Jogo	3	21	12,23	6,46
Tática da Combinações	3	60	30,48	20,59
Tática de Eficácia Geral	3	41	17,87	11,84
<b>Táctica</b>	98	277	204,97	62,58
Psicológico Ritmo de Jogo	3	21	9,77	6,19
Psicológico Confiança	0	5	1,70	1,34
Psicológico Pressão Eficácia	28	72	54,08	16,16
Psicológico Atenção	3	35	13,15	12,12
Psicológico Concentração	0	6	1,43	1,34
Psicológico Pressão Combatividade	1	11	5,00	3,42
Psicológico Resistência às Adversidades	2	31	14,24	10,72
Psicológico Responsabilidade	0	2	0,47	0,82
<b>Psicológico</b>	54	146	99,84	30,84
Físico Resistência	0	0	0,00	0,00
Físico Velocidade de Execução	0	9	2,81	3,38
Físico Velocidade de Deslocamento	0	2	1,00	0,78
Físico Velocidade de Reacção	0	4	0,29	1,04
Físico Força	0	1	0,31	0,46
Físico Aquecimento	4	13	8,96	2,64
<b>Físico</b>	5	22	13,38	5,28
Equipa Adversária	1	12	5,03	3,91
Equipa de Arbitragem	0	6	2,35	2,18
Sem Conteúdo	30	111	71,86	28,54
Indeterminado	0	1	0,04	0,19

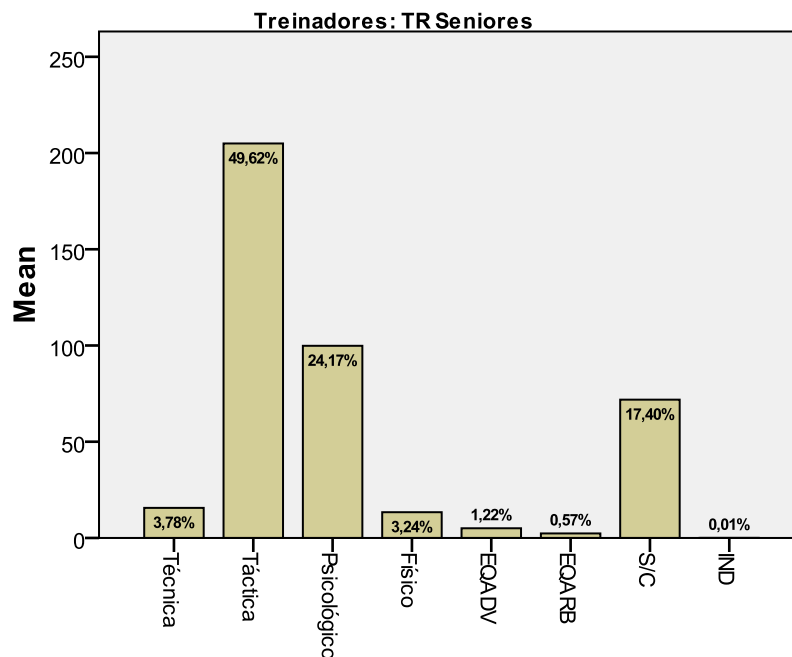
Tabela 18 – Dimensão Conteúdo da Instrução durante a Competição

Os treinadores de seniores observados no nosso estudo procuram preferencialmente emitir informação de índole táctica (49,32%), seguindo-se o conteúdo Psicológico (24,17%), Sem Conteúdo (17,40%), Técnica (3,78%), Físico (3,24%) e Equipa Adversária (1,22%). Os valores registados para as categorias Equipa de Arbitragem (0,57%) e Indeterminado (0,01%) são muito baixos.

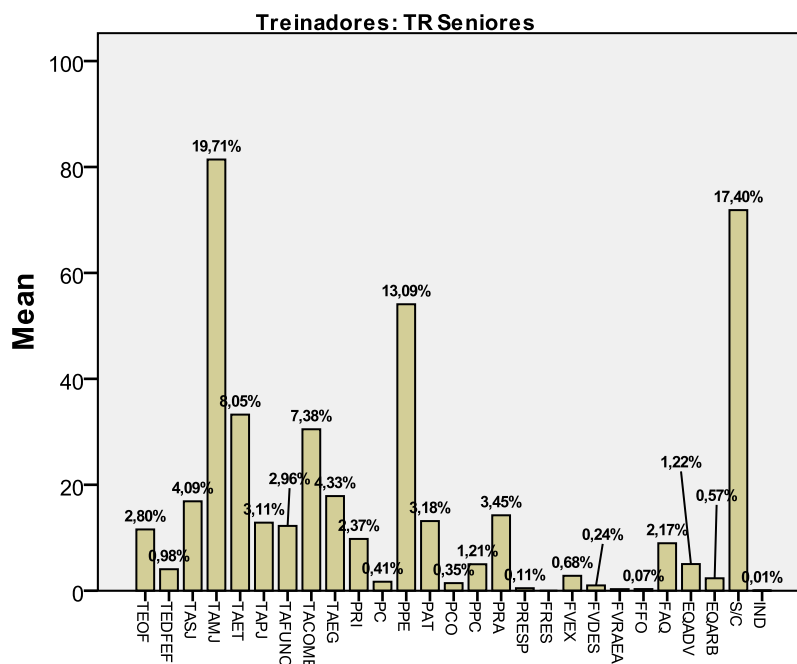
O valor para a categoria – sem conteúdo é o terceiro mais alto, devido à instrução emitida com o objectivo avaliativo e afectivo positivo, mas que não tem qualquer tipo de conteúdo.

Os resultados obtidos demonstram uma grande preocupação por parte dos treinadores seniores observados em emitir instrução com o conteúdo tático e psicológico, o que vai no sentido do defendido por Cunha (1998) e Castelo (2003). Estes autores referem que os objectivos da direcção da equipa em competição passam pela orientação dos jogadores e equipa de acordo com a planificação tática estabelecida para o jogo e motivar os jogadores para a conquista dos objectivos pré-estabelecidos.

Cloes et al. (1993), Moreno e Alvarez (2004), registaram nos seus estudos na modalidade de Voleibol informação de conteúdo predominantemente psicológico. Em sentido contrário, Quintal (2000), Santos (2003) e Ramirez e Diaz (2004), na modalidade de Futebol, registaram nos seus estudos instrução preferencialmente tática.



**Gráfico 20 – Valores em % da Dimensão Conteúdo durante a Competição**



**Gráfico 21 – Valores em % das Categorias/Subcategorias da Dimensão Conteúdo durante a Competição**

Ao analisarmos o gráfico 21, relativamente às duas categorias com maiores valores médios, verificamos que nos treinadores de seniores a subcategoria com maior resultado é tática de método de jogo (19,71%), seguindo-se a psicológica pressão para a eficácia (13,09%) e tática de esquemas tácticos (8,05%).

Desta forma, podemos referir que os treinadores de seniores observados demonstram uma grande preocupação em orientar as acções individuais e colectivas de acordo método de jogo defensivo e ofensivo da equipa, bem como pressionar para uma maior eficácia na resolução das situações de jogo e emitir instrução relativa às partes fixas do jogo.

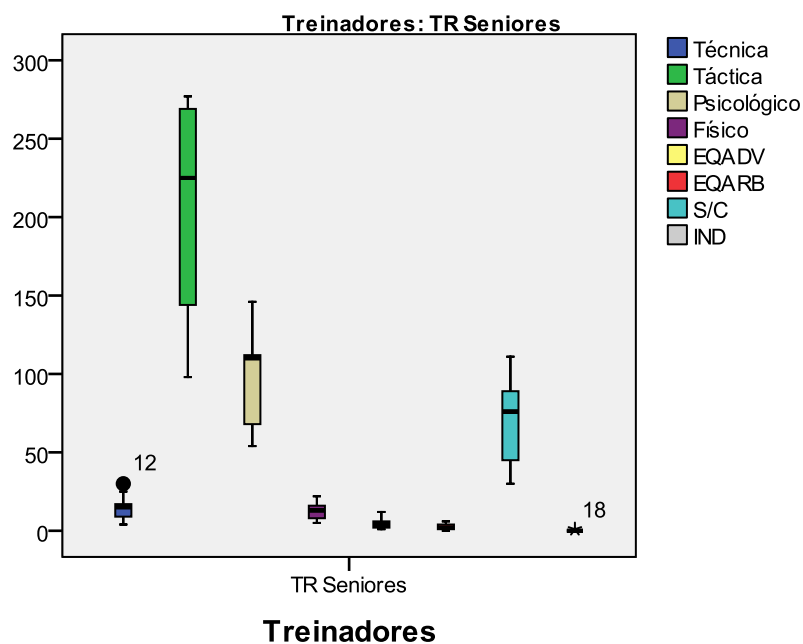
No que concerne à categoria técnica, no nosso estudo registamos valores mais baixos (3,78%) dos registados por Santos (2003) (6,5%), com treinadores de seniores e Ramirez e Diaz (2004) (7,36%), com treinadores de jovens. Os treinadores da nossa amostra emitem mais informação relativamente à subcategoria técnica ofensiva (2,80%), tendência também verificada por Santos (2003).

Relativamente à categoria físico, os valores por nós obtidos (3,24%) são mais elevados dos registados por Santos (2003) (2,5%), centrando-se os treinadores da nossa amostra na emissão de instrução com conteúdo relacionado com o aquecimento dos atletas

suplentes e grupo suplentes (2,17%), velocidade de execução (0,68%) e velocidade de deslocamento (0,24%).

É referido por treinadores *experts* na modalidade de Voleibol, a importância de emitir informação relativa à própria equipa (49%) e à equipa adversária (51%) (Moreno et al., 2005). Na direcção da equipa em competição os treinadores não devem se concentrar em demasia na sua equipa, facto que não acontece com os treinadores observados, pois só registamos valores relativos a informação sobre a equipa adversária de 1,22%. Moreno e Alvarez (2004) registaram uma melhoria a este nível após aplicação de um programa de formação em treinadores *experts*. Santos (2003), também com treinadores de seniores, registaram um valor ainda mais baixo (0,6%), relativamente a esta categoria, do encontrado por nós no nosso estudo.

A informação com conteúdo relativo à equipa de arbitragem, no nosso estudo apresenta um valor muito baixo, próximo do registado por Santos (2003).



**Gráfico 22 – Outliers referentes à Dimensão Conteúdo durante a Competição**

De acordo com o gráfico 22, no jogo 12 houve um treinador que sentiu a necessidade de emitir mais instrução, que os restantes treinadores, com conteúdo técnico, ou seja com informação relativa aos elementos técnicos ofensivos realizados pelos jogadores. Foi

um jogo que a equipa observada sentiu dificuldades em impor o seu método de jogo, devido em grande parte ao número de recepções e passes falhados.

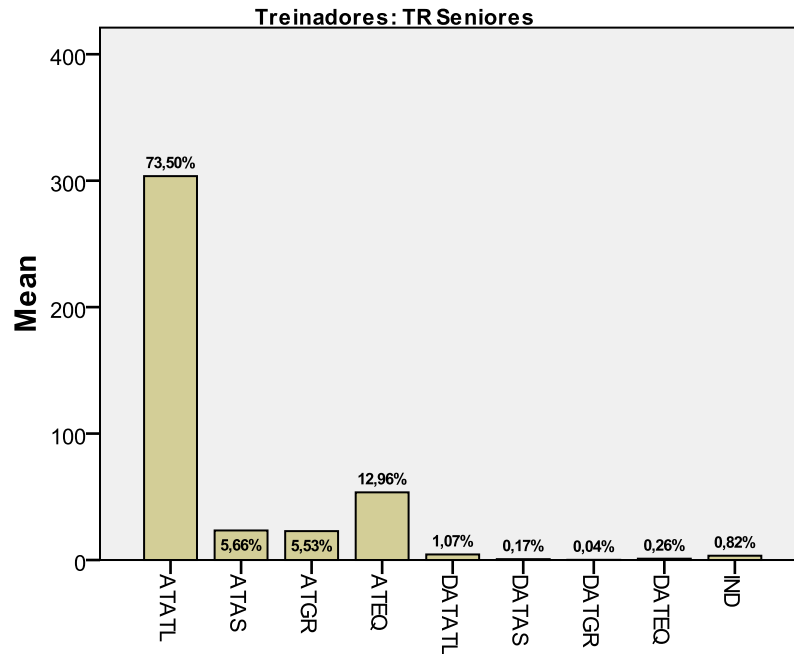
#### 6.2.6 Dimensão Atenção

Nos jogos observados no escalão de seniores, registamos os seguintes resultados nas categorias e subcategorias da Dimensão Atenção.

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Atenção Atleta	137	396	303,61	93,89
Atenção Atleta Suplente	9	30	23,38	6,36
Atenção Grupo	10	33	22,86	9,49
Atenção Equipa	20	76	53,52	17,33
Desatenção Atleta	1	8	4,41	2,54
Desatenção Atleta Suplente	0	2	0,69	0,81
Desatenção Grupo	0	1	0,16	0,36
Desatenção Equipa	0	3	1,06	0,96
Indeterminado	0	10	3,40	3,00

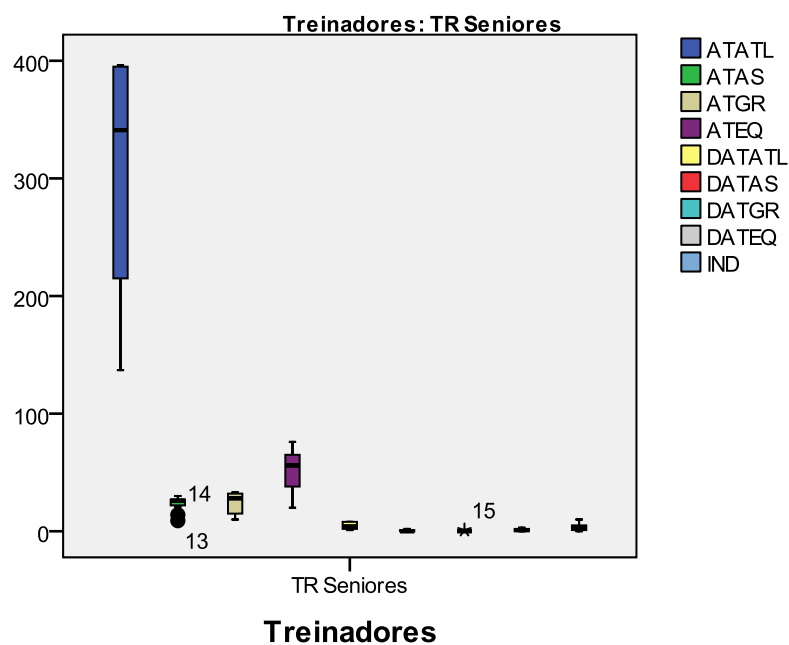
**Tabela 19 – Dimensão Atenção da Instrução durante a Competição**

Como podemos verificar pelos resultados os atletas estão na maioria das ocorrências registadas atentos (73,50%). Os valores seguintes são respeitantes às subcategorias: atenção equipa (12,96%), atenção atleta suplente (5,66%) e atenção grupo de atletas (5,53%). Relativamente às subcategorias desatenção foram registados valores bastantes baixos.



**Gráfico 23 – Valores em % da Dimensão Atenção durante a Competição**

Desta forma, e tendo em conta que 97,67% das ocorrências são respeitantes às subcategorias atenção, podemos concluir que atletas, grupo de atletas e equipa têm comportamentos e/ou executam ações técnico-táticas que procuram resolver as situações de jogo, estão a ver e/ou ouvir as instruções emitidas pelo treinador.



**Gráfico 24 – Outliers referentes à Dimensão Atenção durante a Competição**

No nosso estudo encontramos valores similares, para a atenção dos atletas, grupo de atletas e equipa, aos registados por Richheimer e Rodrigues (2000), com treinadores com formação em Educação Física, em contexto de treino (96,70%).

De acordo com o gráfico 23, verificamos que existe no jogo 13 e 14 valores mais baixos para a subcategoria atenção atleta suplente, que é resultante dos valores também mais baixos da instrução direccionada ao atleta suplente. De registar também, na subcategoria desatento grupo, o valor mais alto verificado no jogo 15. Tal facto deve-se que somente no referido jogo se registou uma ocorrência na subcategoria mencionada.

### 6.2.7 Dimensão Comportamento Motor Reactivo

Relativamente a esta dimensão iremos apresentar os resultados referentes às categorias modifica o comportamento, reforço e indeterminado e respectivas subcategorias.

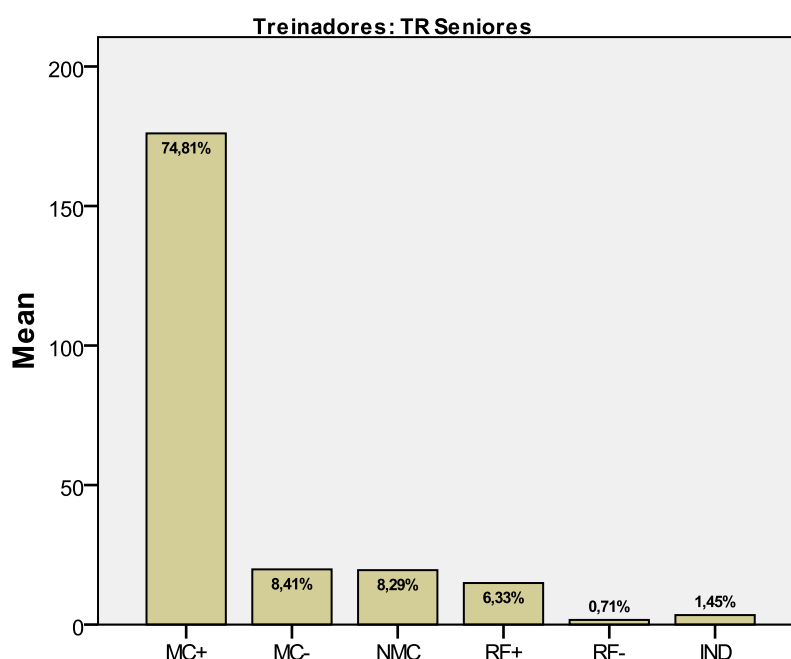
	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Modifica o Comportamento Positivamente	60	243	176,02	66,15
Modifica o Comportamento Negativamente	8	32	19,79	7,65
Não Modifica o Comportamento	7	41	19,51	12,02
Reforço Positivo	2	34	14,89	11,41
Reforço Negativo	0	4	1,67	1,55
Indeterminado	0	10	3,40	3,00

**Tabela 20 – Dimensão Comportamento Motor Reactivo da Instrução durante a Competição**

Os treinadores de seniores emitem em média uma quantidade de instrução de 413,08, sendo que somente 56,95% tem repercussões no comportamento imediatamente observável.

Na categoria modifica o comportamento, verifica-se o valor mais alto para subcategoria modifica o comportamento positivamente (74,81%), seguindo-se as subcategorias modifica o comportamento negativamente (8,41%) e não modifica o comportamento (8,29%). Estes valores demonstram que os atletas, grupo de atletas e equipa realizam comportamentos ou acções tecnico-táticas de acordo com a instrução emitida pelo treinador.

Relativamente à subcategoria – modifica o comportamento positivamente, os valores registados no nosso estudo estão de acordo com o verificado pelos autores Piéron (Piéron, 1980), Piéron e Delmelle (1982), Rodrigues (1995a) em contexto escolar, Richheimer e Rodrigues (2000) em contexto de treino. De registar também, os valores mais altos encontrados por nós nas subcategorias modifica o comportamento negativamente e não modifica o comportamento, em relação aos verificados por Richheimer e Rodrigues (2000), 0,26% e 2,68% respectivamente.

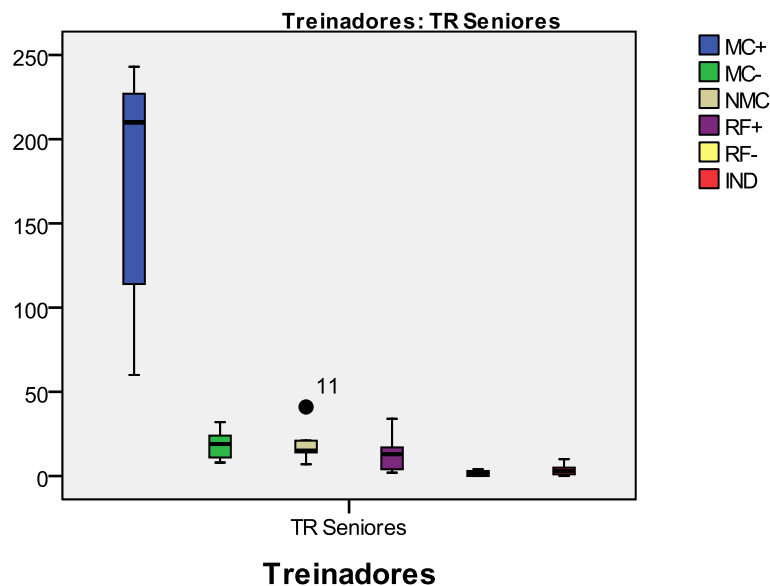


**Gráfico 25 – Valores em % da Dimensão Comportamento Motor Reactivo durante a Competição**

Diversos autores apresentam algumas considerações relativamente à recepção da informação por parte dos atletas, que podem justificar estes resultados. Mesquita (2008) defende que a capacidade de processar a informação por parte dos atletas pode ser afectada pelo nervosismo e ansiedades próprias da competição. Cunha (1998), Graça (1998) e Lima (2000) referem que os problemas tipo da comunicação podem estar relacionados com o conhecimento anterior que o praticante possui, com a percepção que os receptores fazem da informação transmitida, com a capacidade do treinador fornecer informação, com a objectividade da informação transmitida e devido à perturbação da concentração, atenção e à elevada exigência de processamento de informação proveniente do jogo.

Na categoria reforço, registámos para a subcategoria reforço positivo o valor de 6,33% e para a subcategoria reforço negativo de 0,71%. Estes resultados demonstram que os treinadores de seniores avaliam/elogiam positivamente os atletas e equipa durante a execução das acções tecnico-táticas/comportamentos, levando-os a continuar o que anteriormente foi valorizado. No entanto se verificarmos os valores médios de instrução com objectivo de avaliar e elogiar positivamente e os compararmos com os resultados para o reforço positivo, podemos referir que os treinadores de seniores da nossa amostra preferem emitir um juízo qualitativo sobre os comportamentos e acções tecnico-táticas depois de elas acontecerem. O mesmo se verifica relativamente aos resultados de reforço negativo comparativamente aos valores de instrução com objectivo de avaliar/afectividade negativa.

De acordo com o gráfico 26 no jogo 11 foi verificado que os atletas não modificaram o comportamento, com uma maior frequência, após instrução emitida pelos treinadores. Tal facto pode dever-se a ter sido o jogo onde a vitória era importantíssima para os objectivos da equipa e com o passar do tempo de jogo o nervosismo tomou conta dos jogadores, levando mesmo o treinador a referir – “já ninguém ouve nada”.



**Gráfico 26 – Outliers referentes à Dimensão Comportamento Motor Reactivo durante a Competição**

Concluindo, os treinadores de seniores da nossa amostra emitem instrução preferencialmente com o objectivo de prescrever comportamentos e acções tecnico-

táticas mais eficazes para resolver as situações de jogo e avaliar/elogiar positivamente, direccionada ao atleta, sob a forma auditiva e com conteúdo tático. Os atletas e equipa na maioria das ocorrências demonstram estar atentos e modificam o comportamento positivamente.

### 6.3 Análise Comparativa entre Treinadores de Jovens e Treinadores de Seniores

Nesta etapa do nosso estudo iremos procurar uma análise comparativa do comportamento de instrução entre os treinadores de jovens e os treinadores de seniores, relativamente à quantidade de instrução e às dimensões do Sistema de Análise da Instrução em Competição para o Futebol.

Para cumprir esse objectivo e para podermos aprovar ou rejeitar as hipóteses por nós elaboradas, e tendo em conta que os resultados da nossa amostra são uma distribuição não normal, iremos utilizar a técnica estatística U-Mann Whitney, com um intervalo de significância  $<0,05$ .

Quantidade de Instrução	Treinadores	Média	Desvio Padrão	Sig.
	Jovens	521,23	2,85	0,000
	Seniores	413,08	1,05	

**Tabela 21 – Comparação entre os Treinadores de Jovens e Treinadores de Seniores relativamente à Quantidade de Instrução durante a Competição**

Relativamente à quantidade de instrução os treinadores do sector de formação emitem mais instrução comparativamente com os treinadores de seniores, apresentando diferenças significativas. Estes valores reflectem-se na quantidade de informação emitida por minuto, nos treinadores de jovens (6,30 UI/Min.) e nos treinadores de seniores (4,25 UI/Min.), estando de acordo com o encontrado por Quintal (2000) (6,63 UI/Min.) e Santos (2003) (4,7 UI/Min.), respectivamente.

Santos (2003) no seu estudo efectuou uma escala para a quantidade de instrução, onde podemos colocar os treinadores por nós observados. Desta forma os treinadores de jovens da nossa amostra emitem muita instrução e os treinadores de seniores uma quantidade média de instrução.

De acordo com o referido comprava-se a hipótese 1 definida no nosso estudo – “Os treinadores de jovens apresentam significativamente mais quantidade de instrução que os treinadores de seniores durante a competição”

	Treinadores	Média	Desvio Padrão	Sig.
<b>Avaliativo Positivo</b>	Jovens	48,58	22,79	0,000
	Seniores	34,21	14,49	
<b>Avaliativo Negativo</b>	Jovens	5,31	2,77	0,053
	Seniores	4,11	2,58	
<b>Descritivo</b>	Jovens	14,79	8,86	0,000
	Seniores	10,51	6,63	
<b>Prescritivo</b>	Jovens	419,08	199,74	0,000
	Seniores	331,24	84,73	
<b>Interrogativo</b>	Jovens	11,32	9,81	0,000
	Seniores	4,44	3,02	
<b>Afectividade Positiva</b>	Jovens	20,71	6,65	0,002
	Seniores	27,55	14,63	
<b>Afectividade Negativa</b>	Jovens	0,67	1,09	0,000
	Seniores	1,09	1,12	

Tabela 22 – Comparação entre os Treinadores de Jovens e Treinadores de Seniores relativamente à Dimensão Objectivo da Instrução durante a Competição

O objectivo da instrução nos treinadores de jovens e seniores observados é preferencialmente prescritivo e avaliar/elogiar positivamente, o que demonstra a sua competência pedagógica.

Podemos constatar pela tabela 23 que nas categorias estudadas da dimensão objectivo existe diferenças significativas na quantidade de instrução emitida, à excepção da categoria avaliativa negativo. Somente nas categorias afectividade positiva e negativa as diferenças se registam pela maior quantidade de instrução emitida pelos treinadores de seniores, significando que este grupo elogia e critica com maior frequência a prestação dos atletas, grupo de atletas e equipa.

	Treinadores	Média	Desvio Padrão	Sig.
<b>Auditiva</b>	Jovens	382,00	212,12	0,000
	Seniores	285,65	121,12	
<b>Visual</b>	Jovens	3,59	2,15	0,000
	Seniores	1,06	0,85	
<b>Auditiva-Visual</b>	Jovens	134,86	49,10	0,003
	Seniores	126,45	66,12	

Tabela 23 – Comparação entre os Treinadores de Jovens e Treinadores de Seniores relativamente à Dimensão Forma da Instrução durante a Competição

A forma preferencialmente utilizada pelos treinadores (jovens/seniores) observados é a auditiva, seguindo-se a auditiva-visual. Os valores registados para a categoria visual são quase insignificantes.

Moreno e Alvarez (2004) referem que a direcção da equipa durante a competição depende do regulamento e das características da modalidade. Desta forma, pensamos que os resultados por nós obtidos pode ser justificado pelo facto do treinador de futebol 11, durante a competição, estar no banco de suplentes e ser daí que transmite a instrução, podendo fazê-lo de pé mas sempre dentro da área técnica. Tendo em conta as dimensões do campo, se existe jogadores perto do banco onde está o treinador, outros estão bastante distantes, pode facilitar o processo de comunicação utilizar a forma de emissão de instrução auditiva. No entanto é de registar a preocupação, por parte dos treinadores observados, de acompanhar a informação verbal com gestos, verificando-se nos valores da categoria auditiva-visual.

Como podemos ver pelo quadro 23, existem diferenças significativas entre os treinadores de jovens e de seniores na forma que utilizam para emitir instrução. De registar, também que em todas as categorias desta dimensão os treinadores de jovens são os que apresentam maiores valores.

	Treinadores	Média	Desvio Padrão	Sig.
<b>Atleta</b>	Jovens	426,24	199,69	0,000
	Seniores	310,45	95,74	
<b>Atleta Suplente</b>	Jovens	19,47	5,04	0,000
	Seniores	24,35	6,85	
<b>Grupo de Defesas</b>	Jovens	5,86	4,40	0,000
	Seniores	3,93	2,29	
<b>Grupo de Médios</b>	Jovens	14,04	11,96	0,004
	Seniores	14,65	7,68	
<b>Grupo de Avançados</b>	Jovens	3,39	3,48	0,068
	Seniores	2,29	2,12	
<b>Grupo de Suplentes</b>	Jovens	2,19	1,55	0,780
	Seniores	2,65	2,45	
<b>Equipa</b>	Jovens	49,03	26,31	0,176
	Seniores	54,70	17,11	

**Tabela 24 – Comparação entre os Treinadores de Jovens e Treinadores de Seniores relativamente à Dimensão Direcção da Instrução durante a Competição**

A instrução, em ambos os grupos de treinadores analisados, é dirigida preferencialmente ao atleta e equipa. Importa salientar, que os treinadores de jovens (23,39) emitem mais

instrução na direcção dos sectores da equipa (defensivo, meio campo e avançado), comparativamente com os treinadores de seniores (20,87).

Nesta dimensão existem diferenças significativas, entre os treinadores de jovens e de seniores, nas categorias atletas, atleta suplente, grupo de defesas e grupo de médios. Nas categorias atleta e grupo de defesas registam-se valores médios mais altos nos treinadores de jovens, enquanto que nas categorias atleta suplente e grupo de médios os valores médios mais altos registam-se nos treinadores de seniores. Não existem diferenças significativas, nas categorias grupo de avançados, grupo de suplentes e equipa.

Tendo em conta o que foi referido anteriormente não podemos afirmar que se comprova na totalidade a hipótese 2 – *“Há diferenças significativas entre treinadores de jovens e seniores relativamente à dimensão objectivo, forma e direcção do comportamento de instrução durante a competição”*. As diferenças significativas verificam-se na maioria das categorias excepção na dimensão objectivo – categoria avaliativo negativo e dimensão direcção – categorias grupo de avançados, grupo de suplentes e equipa.

	Treinadores	Média	Desvio Padrão	Sig.
Técnica Ofensiva	Jovens	21,81	20,50	0,025
	Seniores	11,57	9,65	
Técnica Defensiva	Jovens	1,59	1,54	0,000
	Seniores	4,06	3,70	
Técnica	Jovens	23,40	21,27	0,077
	Seniores	15,62	8,85	

**Tabela 25 – Comparação entre os Treinadores de Jovens e Treinadores de Seniores relativamente à Dimensão Conteúdo (Técnica) da Instrução durante a Competição**

Os treinadores de jovens da nossa amostra emitem mais informação relativamente aos elementos técnicos ofensivos realizados pelos jogadores. Apesar de haver diferença significativa entre os dois grupos de treinadores observados nas subcategorias técnica ofensiva e defensiva, ela não se verifica na categoria técnica. De registar também que os treinadores de jovens emitem mais informação que os treinadores seniores relativamente às técnicas ofensivas, e em relação às técnicas defensivas verifica-se o contrário.

	Treinadores	Média	Desvio Padrão	Sig.
Táctica Sistema de Jogo	Jovens	9,91	6,43	0,000
	Seniores	16,88	5,18	
Táctica Método de Jogo	Jovens	77,61	34,97	0,882
	Seniores	81,41	26,97	
Táctica Esquemas Tácticos	Jovens	50,59	29,37	0,000
	Seniores	33,25	23,66	
Táctica Princípios de jogo	Jovens	24,33	16,33	0,000
	Seniores	12,85	8,50	
Táctica Missões/Funções	Jovens	7,33	4,84	0,000
	Seniores	12,23	6,46	
Táctica Combinações	Jovens	53,80	27,90	0,000
	Seniores	30,48	20,59	
Táctica Eficácia Geral	Jovens	41,72	29,90	0,000
	Seniores	17,87	11,84	
<b>Táctica</b>	Jovens	265,29	121,93	0,000
	Seniores	204,97	62,58	

**Tabela 26 – Comparação entre os Treinadores de Jovens e Treinadores de Seniores relativamente à Dimensão Conteúdo (Táctico) da Instrução durante a Competição**

Na categoria táctica, a instrução emitida pelos treinadores observados é preferencialmente de conteúdo relativo ao método de jogo, esquemas tácticos e combinações tácticas. De ressaltar que nos treinadores de jovens a subcategoria táctica combinações é a segunda com maior incidência e a subcategoria esquemas tácticos a terceira. Nos treinadores de seniores regista-se o contrário.

Relativamente à subcategoria método de jogo os treinadores de seniores fornecem mais informação com o referido conteúdo, no entanto não se verifica diferenças significativas relativamente aos treinadores de jovens.

Nas restantes subcategorias existem diferenças significativas entre treinadores de jovens e de seniores. Há uma maior quantidade de instrução com conteúdo relacionado com os esquemas tácticos, princípios de jogo, combinações tácticas e táctica eficácia geral nos treinadores de jovens. Nos treinadores de seniores a maior quantidade de instrução regista-se nas subcategorias sistema de jogo, método de jogo e missões/funções específicas.

De acordo com estes resultados podemos referir que os treinadores de jovens procuram emitir instrução de conteúdo táctico, procurando solidificar os aspectos fundamentais do jogo, tais como as combinações tácticas simples directas e indirectas, os princípios de jogo específicos ofensivos/defensivos e eficácia táctica para a resolução das situações jogo, tendo em conta o contexto. Estes mesmos resultados, leva-nos a referir que a

instrução emitida pelos treinadores de seniores, resulta da observação do adversário, procurando explorar as fraquezas do adversário, bem como minimizar as suas forças e ao mesmo tempo cumprir o plano tático-estratégico definido para o jogo.

No que concerne à categoria tática, existem diferenças significativas, sendo os treinadores de jovens a emitir a maior quantidade de instrução com este conteúdo.

	Treinadores	Média	Desvio Padrão	Sig.
Psicológico Ritmo de jogo	Jovens	25,68	23,60	0,000
	Seniores	9,77	6,19	
Psicológico Confiança	Jovens	3,67	4,68	0,003
	Seniores	1,70	1,34	
Psicológico Pressão Eficácia	Jovens	79,11	47,45	0,000
	Seniores	54,08	16,16	
Psicológico Atenção	Jovens	15,94	8,28	0,000
	Seniores	13,15	12,12	
Psicológico Concentração	Jovens	2,24	2,64	0,004
	Seniores	1,43	1,34	
Psicológico Pressão Combatividade	Jovens	8,68	5,32	0,000
	Seniores	5,00	3,42	
Psicológico Resistência às Adversidades	Jovens	5,72	3,92	0,000
	Seniores	14,24	10,72	
Psicológico Responsabilidade	Jovens	1,70	1,55	0,000
	Seniores	0,47	0,82	
<b>Psicológico</b>	Jovens	142,74	76,96	0,000
	Seniores	99,84	30,84	

**Tabela 27 – Comparação entre os Treinadores de Jovens e Treinadores de Seniores relativamente à Dimensão Conteúdo (Psicológico) da Instrução durante a competição**

Relativamente à categoria Psicológico, existem diferenças significativas entre o grupo de treinadores observados, verificando-se uma maior quantidade de instrução nos treinadores de jovens. Em todas as subcategorias relacionadas com a instrução de conteúdo psicológico existe diferenças significativas entre os treinadores de jovens e seniores. Somente na subcategoria psicológica resistência às adversidades se verifica por parte dos treinadores de seniores uma maior quantidade de emissão de instrução. Nas restantes subcategorias é registado uma maior quantidade de instrução por parte dos treinadores de jovens.

No conteúdo psicológico verifica-se ainda, que os treinadores dos dois grupos observados emitem preferencialmente informação que procura pressionar os atletas e equipa para uma maior eficácia no jogo. Segue-se nos treinadores de jovens as subcategorias, com maior quantidade de instrução, psicológico ritmo de jogo e

psicológica atenção, enquanto que nos treinadores de seniores observamos as subcategorias psicológica resistência às adversidades e psicológica atenção.

	Treinadores	Média	Desvio Padrão	Sig.
Físico Resistência	Jovens	0,37	0,80	0,000
	Seniores	0,00	0,00	
Físico Velocidade de Execução	Jovens	3,21	3,25	0,661
	Seniores	2,81	3,38	
Físico Velocidade de Deslocamento	Jovens	1,87	1,20	0,000
	Seniores	1,00	0,78	
Físico Velocidade de Reacção	Jovens	0,23	0,42	0,000
	Seniores	0,29	1,04	
Físico Força	Jovens	0,94	1,21	0,000
	Seniores	0,31	0,46	
Físico Aquecimento	Jovens	6,50	2,89	0,000
	Seniores	8,96	2,64	
<b>Físico</b>	Jovens	13,12	5,71	0,002
	Seniores	13,38	5,28	

**Tabela 28 – Comparação entre os Treinadores de Jovens e Treinadores de Seniores relativamente à Dimensão Conteúdo (Físico) da Instrução durante a competição**

Em relação à categoria físico verifica-se diferenças significativas entre os treinadores de jovens e os treinadores de seniores, sendo estes últimos a emitir uma maior quantidade de instrução. Nesta categoria somente a instrução com conteúdo relativo à velocidade de execução do jogador numa determinada tarefa/acção, é que não existe diferenças significativas entre os dois grupos de treinadores observados.

Somente nas subcategorias físico velocidade de reacção e físico aquecimento é que se verifica uma maior quantidade de instrução nos treinadores de seniores.

	Treinadores	Média	Desvio Padrão	Sig.
<b>Equipa Adversária</b>	Jovens	3,26	1,99	0,000
	Seniores	5,03	3,91	
<b>Equipa de Arbitragem</b>	Jovens	1,14	1,11	0,000
	Seniores	2,35	2,18	
<b>Sem conteúdo</b>	Jovens	71,73	24,48	0,530
	Seniores	71,86	28,54	

**Tabela 29 – Comparação entre os Treinadores de Jovens e Treinadores de Seniores relativamente à Dimensão Conteúdo da Instrução durante a Competição**

A categoria “sem conteúdo” apresenta valores altos nos dois grupos de treinadores observados, devido a emitirem uma quantidade grande de instrução com objectivo avaliativo e afectivo, mas que não tem conteúdo específico. Nesta categoria não existe diferenças significativas entre os treinadores de jovens e os treinadores de seniores.

Entre os treinadores do sector de formação e os treinadores de seniores existe diferenças significativas relativamente à categoria equipa adversária e equipa de Arbitragem. Os treinadores de seniores emitem mais informação sobre a equipa de arbitragem, bem como informação com conteúdo sobre a equipa adversária.

Relativamente ao conteúdo da instrução emitida pelos treinadores de jovens e seniores observados, é preferencialmente tático seguindo-se o psicológico. Cloes et al. (1993) e Moreno e Alvarez (2004) na modalidade de voleibol registaram uma maior quantidade de instrução com conteúdo psicológico seguindo-se o tático. Quintal (2000) regista instrução preferencialmente tática, Santos (2003) e Ramirez e Diaz (2004), também na modalidade de futebol, encontraram instrução tática, seguindo-se o conteúdo psicológico.

Moreno e Alvarez (2004) referem que a direcção da equipa está dependente das características e regulamento da modalidade. De acordo com os resultados apresentados nos diversos estudos, vamos arriscar a afirmar que os treinadores de futebol emitem preferencialmente instrução com conteúdo tático.

Na dimensão conteúdo, a maioria das categorias e subcategorias apresenta diferenças significativas entre os treinadores de jovens e seniores. Desta forma não podemos afirmar que se comprova na totalidade a hipótese 3 – *“Há diferenças significativas entre os treinadores de jovens e seniores relativamente à dimensão conteúdo no comportamento de instrução durante a competição”*.

	Treinadores	Média	Desvio Padrão	Sig.
Atenção Atleta	Jovens	422,46	200,29	0,000
	Seniores	303,61	93,89	
Atenção Atleta Suplente	Jovens	19,25	5,23	0,000
	Seniores	23,38	6,36	
Atenção Grupo	Jovens	24,58	18,06	0,041
	Seniores	22,86	9,49	
Atenção Equipa	Jovens	47,45	25,43	0,448
	Seniores	53,52	17,33	
Desatenção Atleta	Jovens	2,87	2,48	0,000
	Seniores	4,41	2,54	
Desatenção Atleta Suplente	Jovens	0,00	0,00	0,000
	Seniores	0,69	0,81	
Desatenção Grupo	Jovens	0,35	0,47	0,000
	Seniores	0,16	0,36	
Desatenção Equipa	Jovens	1,18	1,32	0,995
	Seniores	1,06	0,96	

**Tabela 30 – Comparação entre os Treinadores de Jovens e Treinadores de Seniores relativamente à Dimensão Atenção da Instrução durante a Competição**

Relativamente à dimensão atenção verifica-se que na maioria das categorias que existe diferenças significativas entre os treinadores de jovens e seniores, à excepção das categorias atenção equipa e desatenção equipa.

Os resultados apresentados demonstram a tendência verificada relativamente à direcção da instrução emitida pelos treinadores observados e que na grande maioria das ocorrências os atletas, grupos de atletas e equipa revelam estar atentos. Os maiores valores médios, para os treinadores de jovens registam-se nas categorias atenção atleta, atenção grupo, desatenção grupo e desatenção equipa, enquanto que nos treinadores de seniores verificam-se nas categorias atenção atleta suplente, atenção equipa, desatenção atleta, desatenção atleta suplente.

Dos resultados apresentados ressalta, que apesar dos treinadores de seniores terem valores médios mais baixos na categoria atenção atleta, apresentam valores mais altos na categoria desatenção atleta relativamente aos treinadores de jovens. Tal facto também se verifica nos treinadores de jovens, apesar de não haver diferenças significativas, para as categorias atenção equipa /desatenção equipa.

Desta forma podemos referir que se confirma a hipótese 4 – *“Há diferenças significativas entre treinadores de jovens e seniores relativamente à atenção prestada pelo(s) atletas(s) e equipa ao aporte de informação”*, à excepção na instrução direccionada à equipa.

	Treinadores	Média	Desvio Padrão	Sig.
Modifica o Comportamento Positivamente	Jovens	249,34	128,45	0,000
	Seniores	176,02	66,15	
Modifica o Comportamento Negativamente	Jovens	41,31	26,28	0,000
	Seniores	19,79	7,65	
Não Modifica o Comportamento	Jovens	22,40	9,73	0,000
	Seniores	19,51	12,02	
Reforço Positivo	Jovens	12,28	5,02	0,795
	Seniores	14,89	11,41	
Reforço Negativo	Jovens	0,56	0,68	0,000
	Seniores	1,67	1,55	

**Tabela 31 – Comparação entre os Treinadores de Jovens e Treinadores de Seniores relativamente à Dimensão Comportamento Motor Reactivo da Instrução durante a Competição**

De acordo com o referido, quando fizemos a análise do comportamento de instrução dos dois grupos de treinadores estudados, verificamos que 62,94% nos treinadores de jovens e 56,95% nos treinadores de seniores, a instrução emitida tem reflexos no

comportamento dos atletas, grupo de atletas e equipa. Podemos então concluir que os treinadores de jovens procuram emitir informação quando os atletas e equipa resolvem as situações de jogo, enquanto que os treinadores seniores preferem emitir instrução depois das situações de jogo resolvidas.

Também podemos verificar que os atletas, grupo de atletas e equipa modificam o comportamento de acordo com a instrução emitida pelos treinadores.

Em todas as categorias excepto na categoria reforço positivo se verifica diferenças significativas entre os treinadores de jovens e treinadores de seniores.

Confirma-se, à excepção na categoria reforço positivo, a hipótese 5 – *“Há diferenças significativas entre os treinadores de jovens e seniores relativamente à modificação do comportamento do(s) atleta(s) e equipa resultante do aporte de informação”*.

## 7. Conclusões

O trabalho desenvolvido por nós pretendeu analisar comparativamente o comportamento de instrução dos treinadores de jovens e seniores em competição. Os jogos observados e resultados extraídos permitiu-nos verificar que globalmente o comportamento de instrução, bem como a atenção dos atletas e equipa ao aporte de informação e o comportamento motor reactivo apresentaram diferenças nos treinadores de jovens e seniores.

Os treinadores observados emitiram instrução com o objectivo de prescrever comportamentos e acções técnico-tácticas mais eficazes para a resolução das situações de jogo e avaliar/elogiar positivamente. A forma de efectuar o aporte de informação é preferencialmente auditiva, embora haja também uma preocupação dos treinadores em utilizar a forma auditiva-visual. A direcção da instrução é predominantemente ao indivíduo, seguindo-se a equipa. No que concerne ao conteúdo da instrução é táctico, seguindo-se o conteúdo psicológico. Em ambos os grupos de treinadores se verificaram valores altos para a instrução sem conteúdo, resultante do objectivo avaliativo/afectivo que é desprovido de qualquer conteúdo. Nos treinadores de jovens e treinadores de seniores, os atletas, grupo de atletas e equipa demonstraram estar atentos à informação emitida, modificando o comportamento de acordo com a instrução fornecida.

Relativamente à quantidade de instrução verifica-se que os treinadores de jovens emitem uma maior quantidade de instrução (6,3 UI/Min.) que os treinadores de seniores (4,25 UI/Min.).

Em relação ao objectivo, forma e direcção da instrução existem diferenças significativas entre os grupos de treinadores observados, na maioria das categorias das dimensões referidas. No entanto, o mesmo não se verifica nas categorias avaliativo negativo (dimensão objectivo), grupo de avançados, grupo de suplentes e equipa (dimensão direcção).

Outro dos objectivos do nosso estudo passava por verificar se existe diferenças significativas entre os treinadores de jovens e treinadores de seniores relativamente ao conteúdo da informação. Verifica-se que na maioria das categorias existe diferenças significativas entre os treinadores de jovens e seniores. No entanto, essa situação não se

registra na categoria técnica, nas subcategorias táctica método de jogo (categoria táctico), físico velocidade de execução (categoria físico) e sem conteúdo.

No que respeita à atenção prestada pelo(s) atleta(s) e equipa ao aporte de informação emitida pelo dois grupos de treinadores observados, encontramos diferenças significativas nas diferentes categorias é excepção de quando a informação é direccionada à equipa.

Por último, a comparação efectuada entre os treinadores de jovens e os treinadores de seniores, demonstrou diferenças significativas na maioria das categorias da dimensão comportamento motor reactivo, à excepção na de reforço positivo.

De acordo com que referimos no início deste capítulo e apesar da hipótese 2, 3, 4 e 5 não se comprovarem na totalidade, podemos afirmar, tendo em conta os resultados obtidos, que existem diferenças entre os treinadores de jovens e seniores no que respeita ao comportamento de instrução. Essas diferenças também se registam na atenção prestada pelos atletas relativamente ao jogo ou ao treinador e no comportamento imediatamente observável ao aporte de informação.

A caracterização efectuada nos dois grupos observados, permiti-nos verificar que os treinadores em competição procuram emitir instrução com o objectivo não só de motivar e incentivar, como também de ajudar os jogadores e equipa a cumprirem o plano táctico-estratégico. Existe uma grande preocupação em avaliar/elogiar positivamente a execução dos jogadores, o que demonstra a atitude pedagógica dos treinadores na direcção da equipa. Verificamos que os resultados obtidos estão de acordo com os principais estudos efectuados nesta área de investigação, o que reforça a pertinência da nossa amostra, que é constituída por treinadores com formação académica em Educação Física e Desporto, com curso de treinadores na modalidade e com mais de 5 anos de experiência no escalão. De salientar a existência de diferenças nos treinadores observados na direcção das suas equipas, em dois contextos diferentes (campeonato nacional de iniciados/juvenis e campeonato nacional da III e II divisão de seniores).

## **8. Recomendações**

Nesta parte do nosso trabalho iremos indicar um conjunto de recomendações para a realização de futuras investigações, no âmbito do comportamento de instrução dos treinadores de futebol:

- Realizar mais estudos com a mesma metodologia e na modalidade de futebol, com o objectivo de verificar os resultados encontrados;
- Aplicar a mesma metodologia, com uma amostra superior, afim de verificar a tendência dos resultados encontrados;
- Aplicação da mesma metodologia em treinadores sem formação académica, mas com curso de treinadores na modalidade, para verificar a existência de um perfil de instrução do treinador tendo em conta o nível de formação;
- Efectuar o mesmo estudo e procurar saber que percepção têm os jogadores da instrução emitida pelos treinadores, tendo em vista um melhor conhecimento da eficácia do aporte de informação;
- Estudar com maior profundidade os comportamentos de instrução dos treinadores de jovens e treinadores de seniores, através dos aspectos mais qualitativos;
- Estudar a sequência de comportamentos observados dos treinadores futebol, com o objectivo de perceber o encadeamento dos comportamentos de instrução e para procurar averiguar se existe um perfil comportamental.

Iremos também apontar algumas recomendações relativas à formação de treinadores de futebol:

- Na formação dos treinadores futebol sejam abordados conteúdos que promovam competências ao nível da comunicação, tendo em vista uma eficaz direcção da equipa em competição;
- Os resultados deste estudo possam ser aproveitados para uma formação mais prática e objectiva dos treinadores de futebol.

## 9. Bibliografia

- Alves, R. (1998). *Análise das expectativas e do comportamento do treinador em competição. Estudo comparativo do treinador de jovens de andebol, em função da experiencia, do sucesso na competição e do escalão etário dos atletas*. UTL. FMH, Lisboa.
- Bolchover, D., & Brady, C. (2008). *O Gestor de 90 minutos. As lições de gestão dos melhores treinadores do mundo*. Lisboa: Lua de Papel.
- Botelho, S., Mesquita, I., & Moreno, P. (2005). A intervenção verbal do treinador de voleibol na competição. Estudo comparativo entre equipas masculinas e femininas dos escalões de formação. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 5, 174-183.
- Castelo, J. (2002). *O exercício de treino desportivo*. Lisboa: FMH-UTL.
- Castelo, J. (2003). *Futebol - Guia prático dos exercícios de treino*. Lisboa: Visão e contextos.
- Castelo, J. (2009). *Futebol. Organização dinâmica do jogo*. (3º ed.). Lisboa: Centro de Estudos de Futebol da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Castelo, J., Barreto, H., Alves, F., Mil-Homens, P., Carvalho, J., & Vieira, J. (1996). *Metodologia do Treino Desportivo*. Lisboa: FMH-UTL.
- Cloes, M., Delhaes, J., & Pieron, M. (1993). Analyse des comportements d'entraîneurs de voley-ball pedant des rencontres officielles. *Sport*, 141, 16-25.
- Cook, M. (2001). *Direccion Y entrenamiento de equipos de fútbol*. Barcelona: Editorial Paidotribo.
- Coté, J., Young, B., North, J., & Duffy, P. (2007). Towards a definition of excellence in sport coaching. *International Journal of Coaching Science*, 1, 3-16.
- Cruz, J., Dias, C., Gomes, R., Alves, A., Sá, S., Viveiros, I., et al. (2001). Um programa de formação para a eficácia dos treinadores da iniciação e formação desportiva. *Análise Psicológica*, 1, 171-182.
- Cunha, P. (1998). A intervenção do treinador no tempo morto. *Treino Desportivo* 2, 33-38.
- Dias, J., Sarmento, P., & Rodrigues, J. (1994). Análise do comportamento do treinador de râguebi em competição, no inicio (cabine) e no intervalo (campo). *Ludens*, 14, 43-46.

- Ferreira, A. (1994). O comportamento do treinador no treino e na competição. *Horizonte*, 11, 61-65.
- Fleck, T., Quinn, R., Carr, D., Buren, W., & Stringfield, V. (2002). *The official US youth soccer coaching manual*.
- Fortin, M. (2003). *O processo de investigação. Da concepção à realização*. Lisboa: Lusociência.
- Gomes, A., & Cruz, J. (2006). Relação treinador-atleta e exercício de liderança no desporto: a percepção de treinadores de alta competição. *Estudos de Psicologia*, 11, 5-15.
- Gomes, A., Dias, C., & Cruz, J. (1997). Avaliação da eficácia de uma intervenção cognitiva-comportamental no desporto: estudo caso de um treinador. *Avaliação Psicológica*, 5, 581-589.
- Graça, A. (1998). Observação e correcção de tarefas. *Treino Desportivo*, 3, 3-8.
- Hotz, A. (1999). Corrigir apenas o estritamente necessário, variar o mais possível. *Treino Desportivo*, 2, 22-36.
- Lakatos, M., & Marconi, A. (1991). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo - Brasil: Atlas S.A.
- Launder, A., & Piltz, W. (1999). Como dirigir melhor a equipa durante as competições. *Treino Desportivo*, 7, 24-29.
- Lima, T. (2000). *Saber Treinar, Aprende-se*. Lisboa: CEFD.
- Lombardo, B., Faraone, N., & Pothier, D. (1983). *The coach in action: a descriptive analysis*. Paper presented at the Covention of the Eastern District Association of the American alliance for health, physical education, recreation and dance.
- Mesquita, I. (2005). *A Pedagogia do Treino. A formação em jogos desportivos colectivos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Mesquita, I., Rosado, A., Januário, N., & Barroja, E. (2008). Athlete's retention of coach's instruction before a judo competion. *Journal of Sports Science and Medecine*, 7, 402-407.
- Morais, T. (2007). *Compromisso, nunca desistir*. (4º ed.): Booknomics.
- Moreno, P., & Álvarez, F. (2004). *El entrenador deportivo. Manual práctico para su desarrollo y formacion*. (1º ed.). Barcelona: INDE, Publicacions.
- Moreno, P., Santos, A., Ramos, A., Cervelló, E., Iglesias, D., & Villar, F. D. (2005). The efficacy of the verbal behavior of Volleyball coaches during competition. *Motricidad - European Journal of Human Movement*, 13, 55-69.

- Nguyen, N. (2005). Behavior signatures in youth sport coaches. *Mcnaair Scholars Journal - University of Washington*, 5, 81-90.
- Nunes, M. (1998). Observação e análise do comportamento do treinador em futebol. *Horizonte*, 15, 31-39.
- Pacheco, R. (2005). *Segredos de balneário. A palestra dos treinadores de futebol antes do jogo*. . Lisboa: Prime Books.
- Piéron, M. (1980). Feedback (retroaction) et modification du comportement des apprenants. Analyse en situation d'enseignement. *Psychology of motor behavior and sport*, 1, 526-534.
- Piéron, M., & Delmelle, R. (1982). Augmented feedback in teaching phisical education. *AISEP*, 141-150.
- Piéron, M., & Devillers, C. (1980). Multidimensional analysis of informative feedback in teaching physical activities. *Audiovisuelle Medien in Sport*, 277-284.
- Pina, R., & Rodrigues, J. (1994). Os episódios de informação do treinador e a reacção dos atletas numa situação de competição em Voleibol. *Ludens*, 14, 47-49.
- Pinto, D. (2004). A intervenção pedagógica do treinador sobre conteúdo específico no treino e no jogo de basquetebol. *Treino Desportivo*, 12-19.
- Quintal, J. (2000). *O treinador do sector de formação em futebol. Estudo das atitudes e comportamentos durante a competição* Universidade da Madeira, Funchal.
- Ramirez, J., & Diaz, M. (2004). El papel educativo y la responsabilidadde los entrenadores desportivos. Una investigacion sobre la instrucciones a escolares en fútbol de cpmpéticion. *Revista de Educacion*, 335, 163-187.
- Richheimer, P., & Rodrigues, J. (2000). O feedback pedagógico nos treinadores de jovens em Andebol. *Treino Desportivo*, 36-46.
- Rodrigues, J. (1995a). A análise da função de feedback em professores profissionalizados e estagiários, no ensino da Educação Física e Desporto. *Pedagogia do desporto, Estudos N.º3*, 21-36.
- Rodrigues, J. (1995b). *O comportamento do treinador. Estudo da influência dos treinos e do nível de prática dos atletas na actividade pedagógica do treinador de voleibol*. Tese Doutoramento, UTL-FMH, Lisboa.
- Rodrigues, J. (1997). *Os Treinadores de Sucesso. Estudo da influência do objectivos dos treinos e do nível de pratica dos atletas na actividade pedagógica do treinador de voleibol*. Lisboa: FMH-UTL.

- Rodrigues, J. (2000). *A investigação da competência pedagógica dos treinadores*. Rio Maior: Instituto Politécnico de Santarém - Escola Superior de Desporto de Rio Maior.
- Rodrigues, J., Sarmiento, P., Rosado, A., Leça-Veiga, A., Ferreira, V., & Moreira, L. (1999). Quadro conceptual da investigação pedagógica em desporto. *Pedagogia do Desporto, Estudos* 6, 101-117.
- Santos, A. (2003). *Análise da instrução na competição em futebol. Estudo das expectativas e dos comportamentos de treinadores da 2ª divisão B, na prelecção de preparação e na competição*. Tese de Mestrado, FMH-UTL, Lisboa.
- Sarmiento, P., Leça-Veiga, A., Rosado, A., Rodrigues, J., & Ferreira, V. (1993). *Pedagogia do Desporto: instrumentos de observação sistemática da Educação física e Desporto*. (2º ed.). Lisboa: FMH-UTL.
- Sequeira, P. (2008). O comportamento e as decisões do treinador em treino e em competição. *REDAF*, 1, 30-55.
- Serpa, S. (2003). Treinar jovens: complexidade, exigência e responsabilidade. *Revista de Educação Física/UEM*, 14, 75-82.
- Smith, R., & Smoll, F. (1997). Coaching the coaches: youth sports as scientific and applied behavioral setting. *Current Directions in Psychological Science*, 6, 16-21.
- Zeeb, G. (1998). *Manual de entrenamiento de fútbol. Planificación y realización de 144 programas de entrenamiento*. Barcelona: Editorial Paidotribo.

## 10. Anexos

### 10.1 Anexo 1 – Sistema de Análise da Instrução em Competição para o Futebol

#### • **OBJECTIVO**

O Treinador nesta dimensão transmite instruções ao(s) atleta(s) sobre a sua prestação. A dimensão objectivo divide-se nas seguintes categorias:

- **Avaliação Positiva (AV+)** – Instrução não específica emitida pelo Treinador com o objectivo de avaliar de forma qualitativa o a execução do(s) atleta(s). Exemplos: *“Isso mesmo”, “Bem jogado”, “Isso”, “Bom”*.
- **Avaliação Negativa (AV-)** – Instrução não específica emitida pelo Treinador com o objectivo de avaliar de forma qualitativa o a execução do(s) atleta(s). Exemplos: *“Não é isso”*
- **Descrição (DES)** – Instrução fornecida pelo Treinador com o objectivo de descrever o gesto, a acção, comportamentos ou situação de jogo efectuada pelo(s) atleta(s), na totalidade ou parcialmente. São utilizados habitualmente verbos no presente e no passado para descrever comportamentos individuais e colectivos, situações de jogo e características do adversário. Exemplo: *“Estás só”, “Eles fazem uma boa circulação da bola”*.
- **Prescrição (PRE)** – Instrução emitida pelo Treinador com o objectivo de fornecer indicações que o(s) atleta(s) deverá respeitar em futuras execuções e/ou situações, propondo um comportamento mais eficaz, mesmos que a informação transmitida não esteja relacionada com comportamentos individuais e colectivos passados. Exemplos: *“Tiago fecha por dentro”, “Manuel bate ao 1º poste”, “Meio campo, pressiona”, “Sobe equipa”, “Atenção, Luís”, “Não faz falta”*
- **Interrogação (INT)** – O Treinador emite questões ao(s) jogador(es) sobre a sua execução, situação de jogo, com o objectivo de leva-lo a reflectir sobre o erro. Exemplo: *“Quem faz a cobertura?”, “Quem está a marcar esse jogador?”, “Quem dá linha de passe?”*
- **Afectividade Positiva (AF+)** – Instrução claramente positiva emitida pelo Treinador com o intuito de informar o(s) jogador(es) relativamente à prestação

ou futura prestação, incentivando-o. Exemplos: *“Bom jogo”, Muito bem, Manuel*”.

- **Afectividade Negativa (AF-)** – Instrução claramente negativa resultante da reacção do Treinador à prestação do jogador(es) ou à futura prestação, criticando-o. Exemplos: *“Miguel, má atitude”, “Está mal”*.

- **FORMA**

- **Auditiva (AU)** – Instrução transmitida pelo Treinador de forma exclusivamente auditiva.
- **Visual (VIS)** – Instrução transmitida pelo Treinador de forma exclusivamente visual, ou seja, através de linguagem gestual.
- **Auditivo-Visual (AU-VIS)** – Instrução emitida pelo Treinador através da forma auditiva e visual.

- **DIRECÇÃO**

- **Atleta (ATL)** – A direcção da instrução emitida pelo Treinador é a um jogador.
- **Atleta Suplente (AS)** – A direcção da instrução emitida pelo Treinador é para o jogador suplente ou para o jogador que é substituído (após a substituição, o jogador substituído passa a ser considerado jogador suplente).
- **Grupo (GRU)** – A direcção da instrução é o grupo de jogadores, inferior à totalidade da equipa. Exemplos: *“Avançado temos de ficar com a bola”, “Ganha, meio campo”* Esta categoria divide-se em quatro subcategorias:
  - ☞ **Grupo de Defesas (GD)** – Direcção da instrução para jogadores que jogam predominantemente no sector defensivo (3 a 5 jogadores), incluindo o Guarda-Redes.
  - ☞ **Grupo de Médios (GM)** – Direcção da instrução para jogadores que jogam predominantemente no sector médio (2 a 5 jogadores).
  - ☞ **Grupo de Avançados (GA)** – Direcção da instrução para jogadores que jogam predominantemente no sector ofensivo (1 a 4 jogadores).
  - ☞ **Grupo Suplentes (GS)** - Direcção da instrução para jogadores que são suplentes e/ou que se encontram no banco de suplentes.
- **Equipa (EQ)** - Direcção da instrução para equipa. Exemplos: *“Vamos, Equipa”, “Equipa vamos estar atentos”, “Sobe, equipa”*.

- **CONTEÚDO**

- **Técnica (TEC)** – A instrução emitida pelo Treinador é relativa aos elementos técnicos realizados pelo jogador. Exemplo: “*Recebe com a parte de dentro do pé*”, “*Passa tenso*”

- ☞ **Técnicas Ofensivas (TEOF)** – O conteúdo da instrução emitida pelo Treinador está relacionada com a forma mais correcta de executar acções técnicas ofensivas (passe, recepção, condução, protecção, drible/finta/simulação, lançamento de linha lateral, cabeceamento, remate e técnica de guarda-redes). Exemplos: “*Segura a bola*”

- ☞ **Técnicas Defensivas (TEDEF)** – O conteúdo da instrução emitida pelo Treinador está relacionada com a forma mais correcta de executar acções técnicas defensivas (marcação, desarme, interceptação, carga e técnica de guarda-redes). Exemplos: “*Faz o desarme, sem falta*”

- **Táctica (TAT)** – A instrução emitida pelo Treinador é relativa aos elementos tácticos individuais ou colectivos. Exemplo: “*Sobe equipa*”, “*Equipa mais junta*”, “*Manuel faz a cobertura*”, “*Circula a bola*”. A categoria táctica divide-se nas seguintes subcategorias:

- ☞ **Táctica de Sistema de Jogo (TASJ)** – O conteúdo da instrução emitida pelo Treinador está relacionada com o sistema de jogo, ou seja, o modo de colocação dos jogadores sobre o terreno de jogo em termos defensivos e ofensivos. Exemplos: “*Jogamos com 2 avançados*”, “*Vais jogar a médio centro*”, “*Passamos a 4x4x2*”

- ☞ **Táctica de Métodos de Jogo (TAMJ)** – O conteúdo da instrução emitida pelo Treinador está relacionada com o método de jogo da equipa. A informação é relativa à forma geral de organização das acções individuais e colectivas dos jogadores na fase de ataque e de defesa, em resposta ao contexto das situações de jogo. Os episódios de informação desta subcategoria apontam para a organização e dinâmica da equipa, tendo em vista à criação de condições mais vantajosas para a concretização dos objectivos do ataque – progressão/finalização/manutenção da posse de bola e da defesa –

recuperação da posse de bola/protecção da baliza. Exemplos: *“Circula a bola”*, *“Vamos manter a posse de bola”*, *“Defende à zona”*

Dentro desta subcategoria, para além de serem consideradas as informações relativas aos objectivos do ataque e da defesa, são tidas em conta as instruções sobre:

- Tipos de métodos ofensivos – ataque posicional, ataque rápido e contra-ataque. Exemplos: *“Procura o contra-ataque”*, *“Mantém a posse de bola”*
- Tipos de métodos defensivos – defesa individual, defesa à zona, defesa mista e defesa zona pressionante. Exemplo: *“Pressiona a partir do círculo de meio campo”*, *“Defende à zona”*.
- Ocupação racional do espaço – informações relativas à colocação dos jogadores em determinados espaços, tendo em vista à concretização dos objectivos do ataque e da defesa. Exemplos: *“Ocupa esse espaço, André”*

Tendo por base os métodos de jogo ofensivo e defensivo, existem um conjunto de informações relacionadas com aspectos fundamentais para o sucesso dos métodos, tais como: jogo directo/jogo indirecto (*“Joga curto”*, *“Joga directo na direcção da baliza”*); equilíbrio defensivo e ofensivo (*“Mantém a equipa equilibrada”*, *“Zé equilibra a defesa”*); largura e profundidade (*“Sobe, Manuel”*, *“Dá largura André”*); recuperação defensiva (*“Mais rápidos a fazer a transição defensiva”*); concentração defensiva (*“Reduz o espaço”*, *“Fecha dentro, Miguel”*); organização e articulação da última linha defensiva (*“Defender em linha”*, *“Sempre com libero”*).

- ☞ **Táctica dos Esquemas Tácticos (TAET)** – O conteúdo da instrução emitida pelo Treinador está relacionada com a realização dos esquemas tácticos ofensivos e defensivos, ou seja, centrada nas acções individuais e colectivas que visem a maior eficácia na concretização do golo (processo ofensivo) ou na recuperação da bola e protecção da baliza (processo defensivo). A informação transmitida tem como conteúdo aspectos relativos a soluções estereotipadas e previamente treinadas para as situações de bola parada (livres directos e indirectos, pontapés de canto, lançamentos de linha lateral e grandes penalidades). Exemplos: esquemas tácticos ofensivos – jogador que executa (*“Manuel, bate ao 2º*

*poste*”, *Miguel, és tu que bates*”), jogadores que participam directamente nos esquemas tácticos (“*Miguel fora da área*”, “*André, vai ao canto*”), jogadores não envolvidos directamente nos esquemas tácticos com preocupações nas marcações de adversários e cobertura de espaços vitais (“*Zé, não vás fica aí*”); esquemas tácticos defensivos – formação de barreiras (“*Miguel a barreira começa por ti*”), colocação específica de alguns jogadores envolvidos directamente nos esquemas tácticos (“*Miguel, marca esse jogador*”, “*Manuel ocupa o espaço à frente do primeiro poste*”), marcações individuais a adversários (“*Marca, marca*”), jogadores não envolvidos directamente, em equilíbrio ofensivo, que se preocupam com a ocupação de espaços vitais que favoreçam uma situação de ataque após a recuperação da posse da bola (“*André fica na linha de meio campo*”, “*Zé prepara o contra-ataque*”).

- ☞ **Táctica dos Princípios do Jogo (TAPJ)** – O conteúdo da instrução emitida pelo Treinador está relacionada com os princípios específicos ofensivos e defensivos. A informação relacionada com os princípios específicos ofensivos, é respeitante a progressão/penetração (“*Leva João*”); a cobertura ofensiva (“*Miguel dá opção atrás*”, “*André dá apoio*”) e a mobilidade (“*Movimenta na frente*”). Relativamente aos princípios específicos defensivos consideramos a contenção (“*Miguel, não vás à queima*”, “*Contenção aqui*”), cobertura defensiva (“*Faz cobertura Manuel*”) e o equilíbrio (“*André faz o equilíbrio*”).
- ☞ **Táctica de Funções/Missões específicas do jogo (TAFUNC)** – O conteúdo da instrução emitida pelo Treinador está relacionada com as funções/missões específicas defensivas e ofensivas de um ou mais jogadores. Estas funções/missões correspondem a um conjunto de comportamentos técnico-tácticos gerais e específicos a ter em atenção de acordo com a posição de cada jogador dentro do sistema de jogo da equipa. Exemplos: “*Zé acompanha as movimentações do n.º 6*”, “*Fechas sempre dentro*”
- ☞ **Táctica das Combinações (TACOM)** - O conteúdo da instrução emitida pelo Treinador está relacionada não só com os episódios de informação relativos às combinações tácticas ofensivas simples, directas ou indirectas (ex.: “*executem mais tabelinhas*”), mas também com a

informação que solicite ao portador da bola a combinação com outro(s) colega(s) ou vice-versa. Exemplos: *“Joga no André”*, *“Aparece Manuel”*

- ☞ **Táctica Eficácia Geral (TAEG)** - O conteúdo da instrução emitida pelo Treinador está relacionada com a eficácia táctica (ex.: *“Bem jogado”*, *“Joga fácil”*). Dentro desta subcategoria podemos enquadrar as informações relativas à estratégia geral da equipa, ou seja, às modificações pontuais da expressão táctica da equipa, tendo em conta as características da equipa adversária e as condições objectivas da competição (condições do terreno de jogo, condições climatéricas, etc.). Exemplos: *“Joga no chão”*. Ainda dentro da subcategoria Táctica Eficácia Geral termos em atenção o aporte de informação relacionada à classificação da própria equipa ou ao aproveitamento de contextos tácticos favoráveis para evidenciar as carências da equipa adversária. Exemplo: *“Provoca o 2º amarelo ao n.º10”*, *“Não façam faltas pêro da nossa área”*

- **Psicológico** – Nesta categoria a informação transmitida pelo Treinador é referente a medidas gerais e especiais que têm por fim desenvolver aspectos psico-emocionais do jogador e da equipa. Exemplo: *“Calma, Zé”*. A categoria divide-se nas seguintes subcategorias:

- ☞ **Psicológico Ritmo de Jogo (PRI)** – A instrução transmitida pelo Treinador é referente ao aumento, manutenção ou diminuição da intensidade do jogo. Exemplos: *“Aumenta o ritmo”*, *“Não baixa o ritmo”*
- ☞ **Psicológico Confiança (PC)** – O Treinador procura transmitir confiança aos jogadores. Exemplos: *“Miguel, a seguir fazes golo”*, *“Boa sorte”*.
- ☞ **Psicológico Pressão Eficácia (PPE)** – A instrução transmitida pelo Treinador procura pressionar os jogadores para uma maior eficácia de jogo. As indicações emitidas vão no sentido de motivar e de incentivar os jogadores para uma maior eficácia de jogo (ex: *“Vamos, equipa”*, *“Ganha, André”*). Consideraremos também nesta subcategoria, informações relativas à humildade, personalidade, inteligência, positividade e respeito (ex: *“Miguel, jogo com inteligência”*, *“Respeita o adversário”*)

- ☞ **Psicológico Atenção (PAT)** – O Treinador emite instrução com o intuito de pedir mais atenção para um determinado aspecto do jogo. Exemplos: *“Atenção Equipa”, “Atenção à marcação a esse jogador”*.
- ☞ **Psicológico Concentração (PCO)** – O Treinador emite instrução com intuito de pedir aos jogadores ou à equipa mais concentração em determinados aspectos do jogo. Exemplos: *“Concentra, Manuel”, “Concentração nas bolas paradas”*.
- ☞ **Psicológico Pressão Combatividade (PPC)** – O Treinador solicita aos jogadores ou à equipa mais combatividade na disputa das diversas situações de jogo. Exemplos: *“Miguel, tens de dar tudo”, “Equipa vamos ser decididos na disputa da bola”*.
- ☞ **Psicológico Resistência às Adversidades (PRA)** - As instruções emitidas pelo Treinador vão no sentido de solicitar aos jogadores ou à equipa capacidade de resistirem às adversidades que ocorrem no jogo, tais como, faltas agressivas dos adversários, golos sofridos, muitos golos falhados, perdas de bola em locais perigosos, lesão grave de um colega, má arbitragem, etc. Exemplos: *“Manuel, tem calma”*; *“Equipa não baixa a cabeça”*
- ☞ **Psicológico Responsabilidade** – O Treinador transmite instrução que procura não só apelar à responsabilidade colectiva que a equipa deverá ter no jogo (ex.: *“Vamos ter responsabilidade”*), como também, à responsabilidade individual que os jogadores deverão ter nas diversas situações de jogo através de comportamentos individuais adequados, com vista à eficácia do colectivo (ex.: *Miguel, estás a inventar”*)
- **Físico (FIS)** – A instrução transmitida pelo Treinador é relativa às qualidades motoras específicas dos jogadores. Exemplos: *“Manuel, remata com força”, “André, executa mais rápido”*. Esta categoria divide-se nas seguintes subcategorias:
  - ☞ **Físico Resistência (FRES)** – O conteúdo da instrução emitida pelo Treinador é relativa à qualidade motora de resistência. Exemplo: *“Zé, resiste ao esforço”*.
  - ☞ **Físico Velocidade de Execução (FVEX)** – O conteúdo da instrução emitida pelo Treinador é relativa à velocidade de execução do jogador

numa determinada acção/tarefa. Exemplo: “*André, executa mais rápido*”, *Manuel, joga rápido*”.

☞ **Físico Velocidade de Deslocamento (FVDES)** – O conteúdo da instrução emitida pelo Treinador é relativa à velocidade de deslocamento do jogador num determinado movimento. Exemplo: “*Zé, mais rápido*”.

☞ **Físico Velocidade de Reacção (FVREA)** – O conteúdo da instrução emitida pelo Treinador é relativa à velocidade que o jogador reage a um determinado estímulo conhecido ou desconhecido. Exemplo: “*Miguel, reage mais rapidamente*”.

☞ **Físico Força (FFO)** - O conteúdo da instrução emitida pelo Treinador é relativa à qualidade motora força. Exemplo: “*Manuel, remata com força*”.

☞ **Físico Aquecimento (FAQ)** – A instrução emitida pelo Treinador vai no sentido do jogador(es) realizar aquecimento. Exemplos: *André e Miguel, vão aquecer*”.

- **Equipa Adversária (EQ ADV)** – O conteúdo da instrução transmitida pelo Treinador é relativa à equipa adversária ou a um jogador adversário. Exemplos: “*Eles quando recuperam a posse de bola procuram logo o contra-ataque*”, “*O nº6 junta-se ao avançado*”
- **Equipa de Arbitragem (EQ ARB)** – A instrução transmitida pelo Treinador é centrada na equipa de arbitragem (árbitro principal e árbitros auxiliares), ou seja, emite informações relativas a sua acção ou incentiva à comunicação entre o jogador e o árbitro. Exemplos: “*Manuel, pergunta onde é o lançamento*”.
- **Sem Conteúdo (S/C)** – A instrução transmitida pelo Treinador não contém qualquer tipo de conteúdo. Nesta categoria são enquadradas as instruções que embora tenham um objectivo avaliativo e afectivo, não apresentam conteúdo sobre os acontecimentos da situação de jogo (ex.: “*Isso*”, *Muito bem, Zé*”, “*Boa, André*”); frases que por si só não chegam para decifrar o seu conteúdo (ex.: “*procura fazer isso*”); gestos utilizados com o sentido de valorizar ou criticar sem conteúdo informativo (ex.: *palmas, polegar levantado em sinal de apoio, gestos para sair de determinado local*); questões colocadas aos atletas, que não apresentam conteúdo sobre diversas situações (ex.: “*Miguel, estás bem?*”); e outras informações transmitidas que não se enquadram em nenhuma categoria e que não apresentam conteúdo significativo.

- **Indeterminado (IND)** – Instruções em que não se percebe o que o Treinador transmite aos jogadores, devido a gestos que não são perceptíveis e situações em que existe quebra de som.

- **PROTOCOLO DE CODIFICAÇÃO**

As diferentes instruções transmitidas pelo Treinador durante a competição podem ser enquadradas nas diferentes categorias e subcategorias definidas anteriormente. No entanto, podem existir algumas informações difíceis de enquadrar nas categorias e subcategorias das dimensões do sistema de análise. Desta forma, Santos (Santos, 2003) definiu um protocolo de codificação, para que não existam dúvidas na categorização dessas mesmas informações por parte do investigador.

- **Dimensão Objectivo – Categoria Prescritivo**

As instruções não-verbais (*gestos*) transmitidas pelo Treinador com o objectivo de propor um comportamento para futuras execuções e/ou situações, mesmo que não se consiga detectar o seu conteúdo, deverão ser categorizadas com o Objectivo Prescritivo.

- **Dimensão Conteúdo – Categoria Táctica – Subcategoria Métodos de Jogo**

Para além de tudo que já foi definido para esta subcategoria, serão consideradas as instruções relativas a uma situação específica em que um jogador se encontra, por exemplo, “*Só, Só, estás só*”, “*Estás muito longe*”, “*Estás em fora de jogo*”, “*É tua*”.

- **Dimensão Conteúdo – Categoria Táctica – Subcategoria Eficácia Geral**

Instruções transmitidas pelo Treinador no sentido do(s) jogador(es), num determinado contexto, prosseguirem ou não o jogo. Exemplos: “*Miguel, coloca a bola fora*”; “*Fica no chão*”.

- **Dimensão Conteúdo – Categoria Psicológico – Subcategoria Ritmo de Jogo e Resistência às Adversidades**

Relativamente à palavra “*Calma*” transmitida pelo Treinador, pode criar alguma dúvida no enquadramento nas subcategorias Ritmo de Jogo ou Resistência às Adversidades. Desta forma, o Protocolo de Codificação define que se a informação pretende transmitir

para o jogador baixar o ritmo de jogo (ex.: *demorar mais tempo a efectuar o lançamento de linha lateral ou o pontapé de baliza*) deve ser categorizada Ritmo de Jogo. Se esta mesma instrução pretender com que o jogador tenha mais calma nos seus comportamentos, então deve-se categorizar em Resistência às Adversidades.

▪ **Dimensão Conteúdo – Categoria Físico – Subcategoria Físico Aquecimento**

Uma instrução verbal ou não verbal transmitida no sentido do jogador terminar ou alterar o aquecimento enquadra-se na subcategoria Físico Aquecimento. Exemplos: *“Miguel, vem”*, *“gestos para o jogador aquecer mais intensamente”*.

## 10.2 Anexo 2 – Ficha de Caracterização da Amostra

TRJ N.º \_\_\_\_

Nome:

Clube:

Idade:

Treinador de:

Licenciatura:

Curso de Treinador:

Ano de experiência no grupo:

Jogos a observar com o objectivo de vitória:

Campeonato Nacional:

Data	Hora	Local	Jogo

### 10.3 Anexo 3 – Consentimento Informado 1

Fernando Jorge Lourenço dos Santos

[fjlsantos@gmail.com](mailto:fjlsantos@gmail.com)

Telef. : 962 791 575/912 892 862

Clube \_\_\_\_\_

Ex.mo Sr. Treinador \_\_\_\_\_

**Assunto:** Recolha de dados para Tese de Mestrado

Eu, Fernando Jorge Lourenço dos Santos, Professor do Curso Tecnológico de Desporto na Escola Secundária de Sá da Bandeira – Santarém, tendo já exercido o cargo de treinador de futebol (formação e seniores) em diversos clubes do Distrito de Santarém; aluno de Mestrado em Desporto especialização de Treino Desportivo na Escola Superior de Desporto de Rio Maior, venho por este meio solicitar a sua disponibilidade para participar/cooperar na realização da minha tese.

A tese de mestrado é orientada pelo Professor Doutor José Rodrigues (ESDRM) e tem como objectivos estudar o comportamento do treinador e dos atletas, de futebol, na competição.

Para o cumprimento destes objectivos é necessário que seja filmada a intervenção do treinador em competição e o jogo na sua totalidade. Utilizaremos para o efeito duas câmaras de vídeo e um microfone sem fio aplicado ao treinador. Findo o estudo enviaremos a todos os treinadores da amostra um resumo como os resultados e as conclusões do trabalho.

Sem outro assunto, agradeço a sua disponibilidade.

Rio Maior, \_\_\_\_ de Março de 20\_\_

Fernando Santos

\_\_\_\_\_

#### 10.4 Anexos 4 – Consentimento Informado 2

Fernando Jorge Lourenço dos Santos

[fjlsantos@gmail.com](mailto:fjlsantos@gmail.com)

Telef. : 962 791 575/912 892 862

Clube \_\_\_\_\_

Ex.mo Sr. Treinador \_\_\_\_\_

**Assunto:** Recolha de dados para Tese de Mestrado

Eu, Fernando Jorge Lourenço dos Santos, Coordenador do Desporto Escolar na Equipa de Apoio às Escolas da Lezíria do Tejo, Coordenador do Futebol Juvenil do União Futebol Clube de Almeirim, tendo já exercido o cargo de treinador de futebol (formação e seniores) em diversos clubes do Distrito de Santarém; aluno de Mestrado em Desporto especialização de Treino Desportivo na Escola Superior de Desporto de Rio Maior, venho por este meio solicitar a sua disponibilidade para participar/cooperar na realização da minha tese.

A tese de mestrado é orientada pelo Professor Doutor José Rodrigues (ESDRM) e tem como objectivos estudar o comportamento do treinador e dos atletas, de futebol, na competição.

Para o cumprimento destes objectivos é necessário que seja filmada a intervenção do treinador em competição e o jogo na sua totalidade. Utilizaremos para o efeito duas câmaras de vídeo e um microfone sem fio aplicado ao treinador. Findo o estudo enviaremos a todos os treinadores da amostra um resumo como os resultados e as conclusões do trabalho.

Sem outro assunto, agradeço a sua disponibilidade.

Rio Maior, \_\_\_\_ de Março de 20\_\_

Fernando Santos

\_\_\_\_\_

## 10.5 Anexo 5 – Tratamento Estatístico

### Quantidade de Instrução

#### Treinadores de Jovens

Descriptive Statistics<sup>a</sup>

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
UI/Min.	353	2,04	9,32	6,3018	2,85541
Valid N (listwise)	353				

a. Treinadores = TR Jovens

Descriptive Statistics<sup>a</sup>

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
AV+	353	8	81	48,58	22,790
AV-	353	1	11	5,31	2,773
DES	353	2	29	14,79	8,861
PRE	353	121	619	419,08	199,748
INT	353	0	25	11,32	9,816
AF+	353	8	29	20,71	6,659
AF-	353	0	4	,67	1,098
AU	353	117	627	382,00	212,127
VIS	353	1	8	3,59	2,154
AUVIS	353	22	235	134,86	49,109
ATL	353	125	646	426,64	199,697
AS	353	11	26	19,47	5,046
GD	353	1	13	5,86	4,408
GM	353	0	35	14,04	11,962
GA	353	0	9	3,39	3,485
GS	353	0	5	2,19	1,558
EQ	353	6	75	49,03	26,310
TEOF	353	0	54	21,81	20,502
TEDFEF	353	0	4	1,59	1,544
Técnica	353	0	56	23,40	21,278
TASJ	353	1	18	9,91	6,434
TAMJ	353	21	131	77,61	34,978
TAET	353	6	100	50,59	29,376

TAPJ	353	1	43	24,33	16,331
TAFUNC	353	1	14	7,33	4,849
TACOMB	353	20	90	53,80	27,907
TAEG	353	8	88	41,72	29,907
Táctica	353	74	392	265,29	121,939
PRI	353	3	64	25,68	23,603
PC	353	0	14	3,67	4,685
PPE	353	16	158	79,11	47,457
PAT	353	0	24	15,94	8,283
PCO	353	0	10	2,24	2,648
PPC	353	1	15	8,68	5,323
PRA	353	1	15	5,72	3,923
PRESP	353	0	6	1,70	1,558
Psicológico	353	36	239	142,74	76,966
FRES	353	0	3	,37	,801
FVEX	353	0	8	3,21	3,250
FVDES	353	0	3	1,87	1,209
FVRAEA	353	0	1	,23	,421
FFO	353	0	3	,94	1,212
FAQ	353	3	11	6,50	2,899
Físico	353	4	21	13,12	5,718
EQADV	353	0	7	3,26	1,997
EQARB	353	0	3	1,14	1,112
S/C	353	26	100	71,73	24,487
IND	353	0	1	,55	,498
Valid N (listwise)	353				

a. Treinadores = TR Jovens

Descriptive Statistics<sup>a</sup>

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
ATATL	353	122	643	422,46	200,299
ATAS	353	11	27	19,25	5,239
ATGR	353	3	55	24,58	18,068
ATEQ	353	5	71	47,45	25,434
DATATL	353	0	11	2,87	2,485
DATAS	353	0	0	,00	,000
DATGR	353	0	1	,35	,476
DATEQ	353	0	4	1,18	1,320
IND	353	0	4	2,43	1,064
MC+	353	64	402	249,34	128,459
MC-	353	9	73	41,31	26,285
NMC	353	7	35	22,40	9,738
RF+	353	3	17	12,28	5,028
RF-	353	0	2	,56	,685
IND	353	0	4	2,22	1,177
Valid N (listwise)	353				

a. Treinadores = TR Jovens

**Treinadores de Seniores****Descriptive Statistics<sup>a</sup>**

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
UI/Min.	231	2,31	5,40	4,2532	1,05762
Valid N (listwise)	231				

a. Treinadores = TR Seniores

**Descriptive Statistics<sup>a</sup>**

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
AV+	231	9	51	34,21	14,493
AV-	231	0	7	4,11	2,580
DES	231	1	21	10,51	6,638
PRE	231	185	416	331,24	84,730
INT	231	1	8	4,44	3,028
AF+	231	3	45	27,55	14,634
AF-	231	0	4	1,09	1,112
AU	231	116	464	285,65	121,123
VIS	231	0	2	1,06	,855
AUVIS	231	49	253	126,45	66,128
ATL	231	137	407	310,45	95,743
AS	231	9	32	24,35	6,856
GD	231	0	7	3,93	2,293
GM	231	2	24	14,65	7,680
GA	231	0	8	2,29	2,124
GS	231	0	7	2,65	2,459
EQ	231	22	76	54,70	17,113
TEOF	231	1	29	11,57	9,652
TEDFEF	231	0	14	4,06	3,702
Técnica	231	4	30	15,62	8,850
TASJ	231	6	24	16,88	5,181
TAMJ	231	29	117	81,41	26,978
TAET	231	3	93	33,25	23,664
TAPJ	231	3	24	12,85	8,503
TAFUNC	231	3	21	12,23	6,462
TACOMB	231	3	60	30,48	20,596

TAEG	231	3	41	17,87	11,847
Táctica	231	98	277	204,97	62,589
PRI	231	3	21	9,77	6,193
PC	231	0	5	1,70	1,340
PPE	231	28	72	54,08	16,163
PAT	231	3	35	13,15	12,122
PCO	231	0	6	1,43	1,349
PPC	231	1	11	5,00	3,423
PRA	231	2	31	14,24	10,725
PRESP	231	0	2	,47	,822
Psicológico	231	54	146	99,84	30,848
FRES	231	0	0	,00	,000
FVEX	231	0	9	2,81	3,389
FVDES	231	0	2	1,00	,786
FVRAEA	231	0	4	,29	1,047
FFO	231	0	1	,31	,462
FAQ	231	4	13	8,96	2,646
Físico	231	5	22	13,38	5,286
EQADV	231	1	12	5,03	3,916
EQARB	231	0	6	2,35	2,187
S/C	231	30	111	71,86	28,549
IND	231	0	1	,04	,194
Valid N (listwise)	231				

a. Treinadores = TR Seniores

Descriptive Statistics<sup>a</sup>

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
ATATL	231	137	396	303,61	93,892
ATAS	231	9	30	23,38	6,367
ATGR	231	10	33	22,86	9,498
ATEQ	231	20	76	53,52	17,339
DATATL	231	1	8	4,41	2,542
DATAS	231	0	2	,69	,812
DATGR	231	0	1	,16	,368
DATEQ	231	0	3	1,06	,961
IND	231	0	10	3,40	3,001
MC+	231	60	243	176,02	66,158
MC-	231	8	32	19,79	7,651
NMC	231	7	41	19,51	12,027
RF+	231	2	34	14,89	11,414
RF-	231	0	4	1,67	1,556
IND	231	0	10	3,40	3,001
Valid N (listwise)	231				

a. Treinadores = TR Seniores

### Comparação entre Treinadores de Jovens e Treinadores de Seniores

Distribuição não normal, logo utilizará a técnica estatística U-Mann-Whitney.

### Quantidade de Instrução

Test Statistics<sup>a</sup>

	U/Min.
Asymp. Sig. (2-tailed)	,000

a. Grouping Variable: Treinadores

**Dimensão Objectivo****Test Statistics<sup>a</sup>**

	AV+	AV-	DES	PRE	INT	AF+	AF-
Asymp. Sig. (2-tailed)	,000	,053	,000	,000	,000	,002	,000

a. Grouping Variable: Treinadores

**Dimensão Forma****Test Statistics<sup>a</sup>**

	AU	VIS	AUVIS
Asymp. Sig. (2-tailed)	,000	,000	,003

a. Grouping Variable: Treinadores

**Dimensão Direcção****Test Statistics<sup>a</sup>**

	ATL	AS	GD	GM	GA	GS	EQ
Asymp. Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,004	,068	,780	,176

a. Grouping Variable: Treinadores

**Dimensão Conteúdo****Técnica****Test Statistics<sup>a</sup>**

	TEOF	TEDFEF	Técnica
Asymp. Sig. (2-tailed)	,025	,000	,077

a. Grouping Variable: Treinadores

**Táctica****Test Statistics<sup>a</sup>**

	TASJ	TAMJ	TAET	TAPJ	TAFUNC	TACOMB	TAEG	Táctica
Asymp. Sig. (2-tailed)	,000	,882	,000	,000	,000	,000	,000	,000

a. Grouping Variable: Treinadores

**Psicológico****Test Statistics<sup>a</sup>**

	PRI	PC	PPE	PAT	PCO	PPC	PRA	PRES	Psicológico
Asymp. Sig. (2-tailed)	,000	,003	,000	,000	,004	,000	,000	,000	,000

a. Grouping Variable: Treinadores

**Físico****Test Statistics<sup>a</sup>**

	FRES	FVEX	FVDES	FVRAEA	FFO	FAQ	Físico
Asymp. Sig. (2-tailed)	,000	,661	,000	,000	,000	,000	,002

a. Grouping Variable: Treinadores

**Equipa Adversária, Equipa Arbitragem, Sem Conteúdo e Indeterminado****Test Statistics<sup>a</sup>**

	EQADV	EQARB	S/C	IND
Asymp. Sig. (2-tailed)	,000	,000	,530	,000

a. Grouping Variable: Treinadores

**Atenção****Test Statistics<sup>a</sup>**

	ATATL	ATAS	ATGR	ATEQ	DATATL	DATAS	DATGR	DATEQ	IND
Asymp. Sig. (2-tailed)	,000	,000	,041	,448	,000	,000	,000	,955	,000

a. Grouping Variable: Treinadores

**Comportamento Motor Reactivo****Test Statistics<sup>a</sup>**

	MC+	MC-	NMC	RF+	RF-	IND
Asymp. Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,795	,000	,000

a. Grouping Variable: Treinadores